

## A REVELAÇÃO DOS LIVROS SAGRADOS

### O APOCALIPSE DE SÃO JOÃO

#### Apresentação

Dentre os vários manuscritos deixados pelo filósofo Mário Ferreira dos Santos, destaca-se *O Apocalipse de São João*, não só pela atualidade do tema, mas sobretudo por vir o texto sagrado acompanhado de comentários que se baseiam em uma análise hermenêutica e simbólica. Este trabalho exegético faz com que o texto se torne claro, límpido, apesar de São João ter usado de uma linguagem enigmática; passível de inúmeras interpretações.

Nas palavras do autor trata-se de um livro “eternamente atual”, já que o homem se ergue nesta escada mística, partindo da sua animalidade, que é o fundamental, o primordial, para alcançar os mais altos estágios, aqueles que Cristo nos indicou e que Ele simboliza.

*O Apocalipse de São João* foi transcrito de gravações realizadas durante o período de 1965 e 1966; não tendo o autor revisado o original.

O texto básico utilizou a *Bíblia Sagrada* do Pe. Antônio Pereira de Figueiredo, sem a preocupação de seguir com absoluta fidelidade o original.

A bibliografia refere-se às obras da biblioteca particular do autor.

Yolanda Lhullier dos Santos  
Nadiejda Santos Nunes Galvão

## Índice

Introdução – Análise hermenêutica e simbólica

Capítulo 1 – Título, origem e valor deste livro

Capítulo 2 – Carta à Igreja de Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira

Capítulo 3 – Carta à Igreja de Sardes, Filadélfia, Laodicéia

Capítulo 4 – O trono de Deus e a corte celeste

Capítulo 5 – O livro dos sete selos dado ao anjo entre as aclamações de toda a criação

Capítulo 6 – O cordeiro abre os seis primeiros selos

Capítulo 7 – Os servos de Deus serão marcados com um selo antes da catástrofe

Capítulo 8 – Sétimo selo

Capítulo 9 – As sete trombetas

Capítulo 10 – Um anjo com um pequeno livro

Capítulo 11 – O anjo manda o profeta medir o santuário

Capítulo 12 – 1º sinal: A mulher e o dragão

Capítulo 13 – A besta, instrumento do dragão, faz-se aclamar por toda a terra

Capítulo 14 – 4º sinal – O cordeiro seguido dos justos sobre o monte de Sião

Capítulo 15 – Os sete anjos das sete pragas

Capítulo 16 – Os sete cálices

Capítulo 17 – Babilônia sentada sobre a besta

Capítulo 18 – Queda de Babilônia

Capítulo 19 – Os habitantes do céu dão glória a Deus

Capítulo 20 – O milênio e o Juízo Final

Capítulo 21 – Visão do mundo novo, da nova Jerusalém

Capítulo 22 – Epílogo

Bibliografia

## Introdução

### Análise hermenêutica e simbólica

*O Apocalipse de São João* é o título dado pelo apóstolo João ao *Apocalipse de Jesus Cristo*, a *Revelação de Jesus Cristo*. Porém uma questão se coloca: por que o apóstolo usou de uma linguagem simbólica e, até certo ponto, enigmática? Seria porque redigiu o texto quando desterrado, na ilha de Patmos e, pretendendo levá-lo aos seus correligionários, usou de uma linguagem secreta para evitar que os romanos o interpretassem diferente de sua intenção<sup>1</sup>?

O gênero apocalíptico surge no século 2 a.C. e há inúmeras outras obras de autores hebreus sobre este tema. A de São João possivelmente foi redigida no período de 90 a 70 d.C. e nela estão presentes imagens simbólicas e enigmáticas. As simbólicas nas sete setenárias – sete igrejas, sete selos, sete trombetas, etc. – permitem afirmar que tudo gira em torno deste número que, para os pitagóricos, é o símbolo da unidade no seu máximo dinamismo, na sua realização evolutiva. É o primeiro número primo da década, cuja multiplicação, cujo primeiro multiplicador, está fora dela.

Não há dúvida de que, para a melhor compreensão do *Apocalipse*, exige-se um melhor conhecimento de aritmologia, uma noção mais profunda da simbólica dos números. Chamaremos a atenção, no decorrer da interpretação, do significado simbólico que tem os números que São João usa, onde veremos que sempre predomina o sete e as séries setenárias, e em torno deste número gira a trama simbólica que ele põe em análise.

Quanto à autenticidade, se é de São João ou de um de seus discípulos é matéria controversa e, mesmo nos dias de hoje, os livros da Igreja afirmam que o *Apocalipse* não é uma questão de fé. Segundo comentaristas da Bíblia – os professores de Salamanca – caso ele tivesse sido escrita por um discípulo de João teríamos o mesmo problema levantado quanto à *Epístola aos hebreus* de um discípulo de São Paulo; o que não impede que o *Apocalipse* seja inspirado, do mesmo modo que os outros livros do *Novo Testamento*.

Alguns estudiosos afirmam que o *Apocalipse* não é de São João, pois há diferenças estilísticas em relação ao 4º Evangelho, também de sua autoria. Para outros as divergências encontradas são pequenas o que não confirma esta hipótese. Por exemplo: no *Apocalipse* e no quarto Evangelho o termo “logos” aplicado à

---

<sup>1</sup> Dizer-se que o *Apocalipse* é indecifrável seria negar, então, que é um livro de revelação; ora se “apocalipse” significa revelação não pode, conseqüentemente, ser um livro indecifrável.

Cristo é característica de João, assim como as expressões “água viva” ou “água de vida”, “testemunho”, e “verdadeiro”. Há, evidentemente diferenças de linguagem que poderiam ser explicadas em parte do gênero literário apocalíptico empregado pelo autor e, talvez, porque João, desterrado na ilha de Patmos (condenado provavelmente à trabalhos forçados), não tenha tido a tranqüilidade e o ânimo suficiente para redigir um texto em estilo elegante e polido. É provável que não tivesse ao seu lado nenhum discípulo helenista que pudesse corrigir sua obra, já que a escreveu em grego. Por outro lado, para a redação do 4º Evangelho, ele teve a colaboração de amanuenses e revisores.

Segundo São Jerônimo, o apóstolo deve ter recebido as “visões” pelos anos 14 ou 15 de Domiciano, ou seja, 95 d.C. Outros autores não confirmam esta data, pois as “visões” teriam se dado antes. De qualquer forma se pode dizer que o texto foi contemporâneo ao quarto Evangelho.

Enquanto o *Apocalipse* usa os métodos simbólico e enigmático, o Evangelho só usa o primeiro. No entanto como o *Apocalipse* durante o terceiro século d.C. sofreu interpretações favoráveis à certas posições consideradas heréticas pela Igreja, foi colocada em dúvida a sua origem apostólica por grandes autores desta época, como por exemplo, São Dionísio, que foi bispo de Alexandria, mas não a sua canonicidade. Outros autores como Eusébio de Cesaréia, São Cirilo de Jerusalém, São Gregório de Nazianzo, São João Crisóstomo, Teodoreto não citam o *Apocalipse*, e parece, conforme assim se interpreta, que eles não o consideraram como um livro sagrado e esta foi a posição dentro da Igreja nos primeiros séculos. Só posteriormente foi formalizado o seu valor canônico e apostólico, posicionamento que pode ser explicado pelo fato de que, ao surgir, colocaria em risco a posição da Igreja, o que não aconteceu, e foi considerada então uma obra apostólica.

Porém, com que finalidade foi redigido? Segundo os intérpretes de Salamanca, foi dirigido às sete igrejas da Ásia Menor (pró-consular), em Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Filadélfia, Sardes, Laodicéia e Tiatira, que, respectivamente, não representavam a totalidade das igrejas da região e foram escolhidas por motivos discutidos pelos exegetas. Para os professores da Salamanca, os cristãos se opunham ao culto imperial, o que desencadeou uma cruenta perseguição contra eles. São João quis, com a obra, consolá-los e infundir-lhes novo valor para que lutassem por Cristo. Outro aspecto é a insistência com que é apresentado o poder pagão da época; como uma força que luta encarnadamente contra Cristo e sua Igreja, são “anti-cristos”, personificações de forças coletivas do mundo, não só de sua época, mas também da nossa, que pelos séculos vêm tentando destruir o poder de Jesus Cristo.

Comentaremos a doutrina do *Apocalipse* à proporção que for feita a interpretação dos versículos e dos capítulos, intercalando-os com explicações que julgarmos necessárias.

## Capítulo 1

### Título, origem e valor deste livro

1 - **Revelação de Jesus Cristo, que Deus lhe concedeu**, eu sou o *Logos*, o Cristo, o filho de Deus, de Deus intimíssimo, o ser na plenitude de sua absoluta intimidade **para manifestar aos seus servos** (servos são os iniciados interiormente, porque a verdadeira iniciação é a interior), **as coisas que devem suceder**, aquelas que ocorrem após a iniciação. **Deus manifestou-lhe, enviando-as por seu anjo pela luz à João, ao servo João**, a mente intuitiva do iniciado, daquele que co-intui com a divindade, aquele que agrada a Deus.

2 – **O qual atesta a palavra de Deus e dá o testemunho de Jesus Cristo em todas as coisas que viu**. O iniciado é aquele que já passou pelas provas da iniciação interior e deu o testemunho da palavra transformada em carne, de Deus, do Intimíssimo e de Jesus Cristo. Eu sou e de todas as coisas enquanto vivas.

3 – **Bem-aventurado o que lê** (o que concentra, o que discerne, porque ler exige concentração, discernimento) e os que escutam, **os que ouvem, os que compreendem as palavras**, as palavras misteriosas, ocultas, **desta profecia**, a profecia da iniciação interior e **que observam as coisas nelas escritas**, os que praticam as perfeições permitirão alcançar a bem-aventurança que são adquiridas pela concentração sobre o próprio eu interior, o Cristo, em nós, que é a consciência também da própria divindade, já que é através da consciência de nós mesmos que podemos alcançar a consciência de Deus, **porque o tempo está próximo**.

4 – **Saudação de João às sete Igrejas da Ásia**. João, o iniciado, o reino interior dirige-se às sete Igrejas da Ásia, cujo significado esotérico oportunamente trataremos pois este continente é símbolo de longa extensão. **A graça e a paz seja convosco da parte do que é, do que era e do que vem**, isto é, do que vem a ser o eterno, que não tem princípio e fim e dos **sete espíritos, das sete ordens angelicais que estão ante o seu trono**, que são também, os sete aspectos intimíssimos do Ser Supremo. Eles estão diante de seu trono e dentro do homem também, o qual só por meios de iniciação interna pode chegar a compreendê-lo e alcançá-lo.

5 – **e da parte de Jesus Cristo, o Eu sou, o testemunho fiel**, a obra do intimíssimo, antes do nascimento, **o primogênito – dentre os mortos**, o primeiro que morreu ao fazer-se carne (ou sepultar-se), mas que pela iniciação foi o primeiro a ressuscitar dentre os mortos, **o príncipe dos reis**, das entidades, dos elementos que dominam a terra, **do mundo, que nos amou e nos lavou de nossos pecados com o seu sangue**. O sangue é o símbolo do Eu sou, do Cristo, pois cada erro, cada pecado

do homem está impregnado de sangue. Mas o Cristo que mora em nós até a consumação dos séculos, lava estes pecados pelo poder do seu fogo interno.

6 - **e nos tornou reis**, reis de toda a criação pela iniciação, pela qual como dizia São Paulo, os homens julgarão aos anjos, **e sacerdotes**. Estes não nascidos de carne nem ordenados pelos homens, mas a maneira de Melquisedec, **para Deus, seu Pai, glória a ele, império por séculos dos séculos. Amém.**

7 – **Eis que ele vem como as nuvens** por entre as nebulosidades, **todos os olhos**, o olho interno, **o verão, também aqueles que o transpassaram** quando, o segundo *Logos*, Cristo, desce na matéria. Nossos olhos vão se abrir graças a Ele; é a primeira crucificação. Esta é a regeneração, é também a conquista de si mesmo; a temática principal da obra. Todas as tribos e linhagens da terra são os elementos conquistados para a sua causa. **E baterão no peito ao vê-lo, todas as tribos da terra. Assim se cumprirá. Amém.**

8 – **Eu sou o Alfa e o Ômega**. Primeira e última letra do alfabeto grego. Segundo a Cabala, alfa significa “poder criador”, e é pronunciada com a máxima abertura da boca, enquanto ômega é o “poder receptor” e exige que se feche a boca. **O princípio e o fim diz o Senhor que é, que era e que há de vir, o Todo-poderoso.**

9 – **Eu, João, vosso irmão, e companheiro na tribulação**, porque também nós ao crucificarmo-nos nela como João e foi, na sua primeira iniciação e **no reino**, que é a segunda iniciação e **na paciência** serena e contínua **em Jesus Cristo**; o caminho para alcançar o êxtase, **estava na ilha** desolada de todas as ilusões e entregue à introspecção; **chamada Patmos**, símbolo do corpo em relaxamento, preparado para entregar-se à meditação **pela palavra de Deus**, quer dizer, despertou a percepção do espírito que permitiu observar profundamente seu mundo interno **e do testemunho de Jesus.**

10 – **E fui arrebatado no espírito, no transe do êxtase no dia do Senhor**, durante a iluminação por Deus. É simbolizado pela luz do meio dia que ilumina suas sombras **e ouvi, atrás de mim, uma grande voz**, a voz do silêncio, a voz do eu, a que ouvimos **como de uma trombeta**, mas é silenciosa.

11 – **que dizia**: sou o Alfa e o Ômega, o primeiro e o último, **escreve num livro**, isto é, guarda de memória, o que veres, o que percebes **e envia-o**, uma mensagem **às sete igrejas que estão na Ásia: a Éfeso, a Esmirna, a Pérgamo, a Tiatira, a Sardes, a Filadélfia e a Laodicéia.**

12 – **Voltei-me para ver a voz, a voz de Cristo, do Logos, que falava comigo, e volvendo-me vi sete candeeiros de ouro**, sete centros magnéticos, os centros da inteligência.

13 – **no meio dos sete candeeiros de ouro**, uma aparição divina, **um homem**, um iniciado que se pôs a acender os sete candeeiros, **semelhante ao filho do homem, com uma roupa que chegava até aos pés, cingido por um cinturão de ouro**, signo do saber e do amor.

14 – **A sua cabeça e os seus cabelos eram brancos como a neve**, arquétipo da sabedoria suprema em todos os povos, que, surge nos sonhos na figura de um homem de cabelos brancos, como a lã branca, como a neve, **seus olhos como uma chama de fogo**, energia, expressão de domínio.

15 – **seus pés eram semelhantes ao latão, incandescentes no forno**, brilho intenso e condensado, pronto para a ação, **e sua voz como o estrondo das grandes águas**, cheia de tranqüilidade e de sabedoria, a sabedoria das muitas águas.

16 – **E tinha em sua mão direita sete estrelas**. O iniciado é o que consegue alcançar e seguir as sete estrelas, cujo brilho lhe indica os sete caminhos do saber. **E de sua boca saía uma espada aguda de dois fios**, o poder do Logos, **o seu rosto, era como um sol quando resplandece em toda sua força**, símbolo de que o iniciado já triunfou sobre si mesmo e nele também se dá a transfiguração, relatada nos evangelhos, daquele que alcançou o supremo equilíbrio e a conquista de si mesmo, estando a caminho do poder, convertendo-se num amigo de Cristo, num companheiro do Mestre.

17 – **E quando o vi, cai como morto a seus pés**, em adoração, **e ele pôs sua mão direita sobre mim, dizendo: não temas, eu sou o primeiro e o último**. Adão nascido em forma psíquica viva e o último Adão, o homem feito deus, homem e Deus.

18 – **E vivente que fui morto, estou na descida da matéria e agora vivo**, vivendo novamente pela iniciação suprema, porque retornado à plenitude da divindade, **por séculos e séculos, e tenho as chaves da morte e do inferno**, porque a sua iniciação na vida eterna, no reino, desceu aos infernos que está na parte inferior do corpo para salvar aqueles que estão encadeados no inferno, em nós, e se apoderou das chaves da morte, as que abrem a porta que leva ao mundo invisível, pois para o iniciado, desde que passou pela iniciação, já não existe a morte e o inferior. O inferno deixou de ser dominante, pois ele alcançou os páramos superiores.

**19 – Escreve pois as coisas que vistes e as que são e as que se hão de dar depois destas,** as etapas sucessivas do processo evolutivo da iniciação.

**20 – Quanto ao mistério das sete estrelas que vistes na minha mão direita, e dos sete candeeiros de ouro; as sete estrelas são os sete anjos das sete Igrejas, e os sete candeeiros são as sete Igrejas.**

Algumas reivindicações propostas são típicas da hermenêutica católica pelo fato da literatura apocalíptica predizer fatos que se sucederão imediatamente<sup>2</sup>.

O *Apocalipse* é uma obra simbólica e, de certo modo, enigmática, mas compreensível para alguns, pois indica o caminho de iniciação cristã que, por meio da iniciação esotérica (sobretudo interior) pela elevação da mente, procura alcançar Cristo. A apresentação sóbria e sem títulos da obra, e também de João, é um indício de veracidade que, no final do texto, será reiterado por alguns comentaristas. Os beneficiários da revelação do *Apocalipse* (recebido por João) serão os servos de Jesus, os cristãos fiéis da Ásia Menor; extensivo a todos os cristãos da Igreja universal. É um livro de consolação dirigido aos fiéis no final do século 1, já que eles desalentados e acovardados ante a hostilidade dos poderes públicos estavam decepcionados por tardar a “parusia” do Senhor, e com a demora, a obra ficaria perdida. Porém, esta não foi a intenção do apóstolo, mas sim mostrar que a “parusia”, que se daria através da salvação em cada um pela iniciação cristã, se processa em nós próprios.

Outros comentários a este capítulo se referem às sete Igrejas da província pró-consular da Ásia (atualmente Turquia, cuja capital na época era Éfeso), igrejas locais ou distritos religiosos que eram dioceses: Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia, Laodicéia. Por que foram escolhidas sete e não oito? É que trata – se de um número simbólico predominante no *Apocalipse*. O apóstolo João, ao simbolizar também a cristandade escolheu sete igrejas. É verdade que, segundo a tradição, residiu no fim de sua vida em Éfeso. Ali, e nas proximidades, estavam as sete Igrejas onde ele exerceu o seu apostolado. Estas cartas não são endereçadas apenas à elas mas a todas as igrejas cristãs.

Pode ser uma coincidência interessante, possivelmente por serem postos de distribuição de correspondência, símbolo de sete pontos de irradiação das idéias contidas no *Apocalipse*. João não estaria só preocupado com a distribuição administrativa dos romanos, mas quis transformá-los em símbolo de uma irradiação, porque eles eram os pontos do serviço postal romano para as regiões próximas.

---

<sup>2</sup> A proximidade dos fatos anunciados pelos escritos proféticos e apocalípticos é bem relativa. Não devemos interpretá-la somente assim, embora esta não deixe de ser uma abordagem respeitável.

A túnica de Cristo, que o caracteriza como sacerdote (segundo Melquisedec) e o cinturão de ouro, atestam a dignidade régia do Messias e o sinal da sabedoria. Os cabelos brancos como a neve significam a eternidade do personagem e é um símbolo de sabedoria presente em vários pontos. Os pés como latão – uma espécie de liga de cobre e zinco incandescente – a voz potente, o ruído de muitas águas e o aspecto resplandecente como o sol, se encontra também nas narrações de Ezequiel e Daniel.

Ezequiel contempla uma figura semelhante ao homem que se erguia sobre o trono e era brilhante como metal. Daniel descreve um varão vestido de linho com um cinturão de ouro puro, corpo e rosto resplandecente como relâmpago, olhos como brasas de fogo, braços e pés parecendo bronze e o tom da voz como o rumor de multidão. Da boca de Cristo sai uma espada de dois fios, de dois gumes – símbolo da sua autoridade de juiz supremo e da sabedoria – ,pois aquele que sabe ver os dois lados é justo. João, ao ver a aparição de Cristo desmaia, mas Ele o reconforta, dando-lhe confiança.

Alguns aspectos importantes referem-se à relação simbólica do número sete, sem a qual não é possível compreender o *Apocalipse*. O sete é o símbolo de uma ordem completa, de um período pertencente a um ciclo evolutivo. Para os pitagóricos indica a evolução da forma, ou seja, as possibilidades, a parte dinâmica da forma, do que ela pode realizar, o referente à dinamicidade de uma unidade, já que é composto do ternário e do quaternário e tem, um valor extraordinário. O três é uma síntese espiritual e indica, também, a resolução dos conflitos surgidos no dualismo. É símbolo da Trindade, é a resultante harmônica da ação da unidade sobre dois e expressa o desenvolvimento da unidade na sua interioridade.

O quatro é o símbolo da terra, da espacialidade terrestre, dos limites externos naturais, isto é, dos opostos que se interatuam, componentes de uma unidade. O sete, como a composição do ternário e do quaternário, tem uma atribuição excepcional quanto ao seu valor, porque corresponde às sete direções do espaço, às seis existentes e mais o centro que indica a estrela de sete pontas, correspondente à conexão do quadrado e do triângulo por superposição deste, ou por inscrição em seu interior. É onde temos a gama essencial dos sons e das cores: número dos pecados capitais e dos seus opostos. Corresponde à cruz tridimensional – encontrada na simbólica do texto. Como é o primeiro número primo, multiplicado por dois, não entra mais na década, passando a simbolizar a unidade na sua dinamicidade, ou seja, toda a unicidade evolutiva, e tem possibilidades a atualizar, porém não a unidade suprema, da grande mônada. Esta não tem meios para atualizar possibilidades e, portanto, transitar por uma série de acontecimentos similar ao três – símbolo da série – que sofre a interatuação com o símbolo do quatro, formando a unidade setenária, usada por São João como símbolo fundamental.

O candelabro, símbolo hebraico, tem no seu suporte, a estrela de Davi – a de seis pontas – ,de onde saem os sete candeeiros, um central e seis laterais. É o símbolo da luz espiritual e da salvação para os hebreus. O número de seus braços (sete) tem sempre, no sentido cósmico, o da evolução, correspondendo à simbólica das sete estrelas – símbolo da iluminação, do ideal<sup>3</sup>.

Confrontando-se o texto com os evangelhos sinópticos, encontram-se elementos que vêm em auxílio da interpretação do *Apocalipse*. Assim, em Mateus, Jesus é o rei dos judeus; em Marcos, ele é o servo do Senhor; em Lucas é o filho do homem e, em João, é o filho de Deus. Em Mateus está escrito: eis o teu rei e Cristo é o rei; em Marcos: eis o teu servo, Cristo é o que vai servir; em Lucas: eis o homem e, em João: eis o vosso Deus.

Entretanto, há diferenças: Jesus, para Mateus, veio para cumprir as Escrituras; para Marcos, servir e para dar; para Lucas, buscar e salvar o que estava perdido; para João, revelar o Pai, revelar o Supremo, o *Hen Prote*. Mateus acha que Jesus revela a sua realeza: para Marcos, Jesus revela o seu poder; para Lucas, a sua graça e para João, a sua glória. Mateus dá ênfase à culpabilidade do clero, aos fariseus culpados, Marcos, à educação dos discípulos (preparar os discípulos para a pregação) Lucas, às necessidades da multidão, o problema social; e João, sobre o coração do homem, ao Cristo dentro de nós. O símbolo principal em Mateus é o leão – símbolo da realeza -; em Marcos, é o boi – símbolo de servir -; em Lucas, é o homem – a humanidade -; em João, a águia – símbolo da divindade. A própria cor varia: em Mateus é a púrpura, símbolo da realeza -; em Marcos é o escarlata, a cor do sangue, do sofrimento -; em Lucas, o linho fino, símbolo pitagórico da perfeição -; em João, o azul, o símbolo do céu, símbolo da penetração profunda. Mateus vai fundar o seu Evangelho no passado, nas escrituras; Cristo é o cumprimento das escrituras; Marcos funda o seu evangelho, no presente, princípio do Evangelho de Jesus Cristo, o filho de Deus; Lucas, no futuro; João, na eternidade. São simbolizados nos quatro símbolos fundamentais da esfinge, pois Mateus é as garras, o fogo, o espírito do discernimento; Marcos a terra, o corpo do boi, ação, expressão da vontade; Lucas, a água, o rosto do homem, o sentimento consciente do que se faz e, João, a águia, as asas, o ar, penetração no ar, no azul, símbolo do pensamento inteligente, silencioso, a contemplação sapiencial, a “Matese”. Analisando esses três evangelhos sinópticos com o de João, temos a chave para compreender o seu *Apocalipse*. Jesus, o filho de Deus, que é nosso Deus; veio revelar o pai e, na sua glória, dar ao homem os caminhos que permitirão que ele penetre no seu coração e alcance a divindade simbolizada pela águia, o animal que voa mais longe, diretamente ao sol. Através do azul do céu ela penetra no conhecimento do que é

---

<sup>3</sup> Este é o significado do candelabro, de que fala o Apóstolo, que tem na ponta sete estrelas: “o sete estremo” – que os místicos cristãos fazem referências em seus escritos.

eterno, do que sempre foi, sempre é e sempre será. Alcançar esta contemplação sapiencial dos arquétipos matéticos e das leis é a meta.

A “Revelação” pode ser aquela esotérica, a que ainda não havia sido dada aos homens, “de Jesus Cristo”, do *Logos*, do Filho de Deus, “que lhes foi confiada por Deus, para manifestar aos seus servos”, que deve ser dada aos iniciados interiormente (a verdadeira iniciação é a interior). As coisas que devem suceder (em breve) são aquelas depois dessa iniciação. “E a declarou”, revelou, “enviando-a o seu anjo”, que nada mais é do que uma manifestação da luz, “a João”, cuja palavra significa a mente intuitiva do iniciado que co-intui a Sabedoria Suprema, e que já passou pelos caminhos da iniciação. “Deu testemunho da Palavra”, isto é do *Logos* que se faz carne, do *Logos* manifestado, do Ser Supremo, de Jesus Cristo e de todas as coisas que Ele fez.

“Bem-aventurado o que lê”, aquele que concentra o pensamento, “e os que ouvem”, aqueles que podem entender, “as palavras”, os ensinamentos misteriosos e ocultos, “desta profecia”, que se expressa, que se dirige a analisar a natureza interna, a procurar os caminhos da pureza que podem exaltar o homem, “e que guardam as coisas nela escritas”, guardar, praticar as perfeições ensinadas que levarão os homens, infalivelmente, à bem-aventurança; pois encontrarão o meio de concentração e de meditação sobre o mais profundo de nós mesmos: a co-intuição com a Divindade, que é a consciência da nossa participação com a Divindade, “porque o tempo está próximo”.

“João”, isto é, aquele que já foi iniciado nesses páramos internos dirige-se às “sete igrejas”, às sete pequenas lâmpadas, candelabros de cada um, que dá luz; sobre este “sete”, número primo, também simbolizando uma unidade “na Ásia”, que pela sua extensão, por sua materialidade, é símbolo do corpo humano, da parte somática. “A graça seja convosco, e a paz que era, que vem e que há de vir”, quer dizer, a eternidade, que não tem princípio nem tem fim, e “dos sete espíritos”, os sete centros do candelabro, “que estão diante do seu trono”, diante do homem, ainda na sua fraqueza somática, mas que pode se converter também para uma exaltação de si mesmo através dos caminhos que Jesus Cristo encarna; “e de Jesus Cristo”, de Yeshua, o “Eu sou”, a afirmação suprema do Homem na sua co-intuição com a Divindade; “testemunho fiel”, quer dizer a obra, “o primogênito dos mortos”, o primeiro que morreu ao tornar-se carne e ao sepultar-se... Mas que ressuscitou depois de sua iniciação... e “príncipe dos reis”, princípio soberano, de todas as entidades e dos elementos que dominam o mundo.

“Ao que nos amou e nos lavou de nossos pecados com o seu sangue”... todo o corpo humano está impregnado de sangue, mas Cristo que mora em nós até a consumação dos séculos, pode lavar todos os pecados, por meio do fogo interno. “E nos tornou reis”, reis da criação (lembremo-nos que São Paulo dizia: “os homens

julgaram aos anjos e aos sacerdotes”); aquele que não é nascido da carne, que não é ordenado pelo somático, mas sim, à maneira de Melquisedec, “para Deus e seu Pai, glória lhe seja dada e império para sempre: Amém”.

“Ei-lo aqui, que vem com as nuvens” com a nebulosidade, com o espírito humano; “todos o verão, mesmo aqueles que o transpassaram”, quando graças a ação de Cristo, buscamos vencer os limites da nossa imperfeição, “e todas as linhagens da terra”, isto é, todos os que foram conquistados para a salvação cristã, “se lamentarão por sua causa”. Amém.

“Eu sou o Alfa e o Ômega” diz o senhor. Estas duas letras correspondem, respectivamente, à primeira e à última do alfabeto grego. Na Cabala dos hebreus, “alfa” significa **o poder criador**. Na “Matese” falamos em contexto **alfa**, o contexto do ser **a se**<sup>4</sup>. Alfa, para se pronunciar, obriga a máxima abertura da boca; e Ômega, ao contrário, ao se pronunciar, obriga a fechá-la. “Princípio e Fim, Aquele que é, que era, e que há de vir.”

“Eu João, irmão e companheiro nas tribulações”, porque nós também nos crucificamos na nossa primeira iniciação, e; “no reino”, a segunda iniciação; “na paciência serena de Jesus Cristo”, que é o caminho ao êxtase, “estava na ilha de Patmos, isolado de todas as minhas ilusões”, isto é, ele havia se isolado, no sentido dos cépticos, de toda perturbação mental, graças à introspecção profunda, à meditação, “que é chamada Patmos”, que significa corpo em relaxamento; “pela palavra de Deus”, quando estava neste sagrado transe, despertou a percepção do espírito, e então ele pode observar o próprio mundo interior.

“Fui arrebatado em espírito”, isto é, no transitar, “no dia do Senhor”, durante a iluminação divina, que é aquela Luz que ilumina por todos os lados, “e ouvi, por trás de mim, uma grande voz”, mas essa voz é a voz do silêncio que dizia: “escreve no livro”, guarda na tua memória, “o que vês e envia”, isto é, como uma mensagem divina, “às sete Igrejas que estão na Ásia”, aos sete templos, de que falaremos oportunamente, “a Éfeso, a Esmirna, a Pérgamo, a Tiatira, a Sardes, a Filadélfia, e a Laodicéia”. “Então, eu me volvei para ouvir a voz”, ouvir o Cristo, o *Logos*, “que falava comigo”. “Tendo-me voltado, vi sete candelabros de ouro e, no meio deles, alguém semelhante a um Filho de Homem, vestido de uma roupa que chegava aos pés, cingido o peito por um cinturão de ouro”, que é precisamente aquele que ascende em sua morada. “Tinha os cabelos brancos como a lã, brancos como a neve, e seus olhos, como chispas de fogo. Seus pés, como o latão fino, ardentes como o forno”, isto é, pronto para a ação; “e sua voz tinha o ruído das águas”. “Tinha a sua direita, sete estrelas, sete cetros.” “De sua boca saía uma espada de dois fios, e seu rosto era como o sol, quando resplandece com toda sua

---

<sup>4</sup> Mário Ferreira dos Santos. “A Sabedoria dos Princípios”, Ed. Matese, 1967, p. 158.

força”, quer dizer, também conquista essa transfiguração;. “E quando vi, cai morto a seus pés” quer dizer, estava adorando-o; e pôs sobre mim sua mão direita, dizendo: “Não temas! Eu sou o Primeiro e o Último”, é o homem que nasce para grandes jornadas. “Eu que vivo e fui morto”, para encarnar-se na matéria e “eis aqui, que vivo, novamente pela iniciação, porque tinha consciência da minha co-participação da Divindade”. “Por séculos e séculos, Amém!” “E tenho as chaves do Inferno e da Morte”, pela minha vida iniciática interna, eu também desci ao Inferno, que está na parte inferior do corpo, para salvar-me, para libertar-me, para erguer-me, porque a iniciação é uma elevação, uma libertação da parte inferior, que é em parte nosso subconsciente, nosso inconsciente, relativo à parte material... “escreve as coisas que viste, as que são, e as que hão de ser”... Os mistérios das sete estrelas que viste à minha direita e os sete candelabros são os anjos e as sete Igrejas.

## Capítulo 2

### Carta à Igreja de Éfeso<sup>5</sup>, Esmirna, Pérgamo, Tiatira

1 – **Escreve ao anjo da Igreja de Éfeso**, envia um pensamento àquele centro que é o dirigente desta igreja, a qual simboliza no seu aspecto positivo, o amor ao próximo como uma virtude e, no seu aspecto negativo, vicioso, a inveja, que é, porém, assistida pela piedade, um dos dons do Espírito Santo. **Isto diz aquele que tem as sete estrelas na sua direita**, na sua mão direita. Aquele que já conquistou a imortalidade e a iluminação, Cristo. Na sua direita, significa no seu poder, na sua potência, **e anda no meio dos sete candeeiros de ouro**, que vive naqueles sete centros fundamentais – os sete dons de Espírito Santo – e os possui: o entendimento, o bom conselho, a sabedoria, a ciência, a fortaleza, a piedade e o temor de Deus.

2 – Eu, o *Logos*, o Cristo, **sei das tuas obras, do teu trabalho, da tua paciência e que não podes suportar os maus**, que não podes tolerar os maus, as recordações, os fatos que causam a segunda morte e levam o iniciado novamente à morte da sua iniciação; voltar de onde ele partiu e que impedem, naturalmente, a sua purificação completa, **e que tens provado aos que dizem ser apóstolos**, aos que prometem realizar e prometem muito saber, mas que na realidade não alcançaram os graus mais altos da iniciação **e não o são, e os achastes mentirosos**.

3 – **Tens paciência, sofreste pelo meu nome e não desanimastes**. Apesar de ter recebido as más influências do psiquismo inferior e das nossas paixões tens conseguido manter-te na tua iniciação.

4 – **Mas tenho contra ti que deixaste a tua primeira caridade**, que abandonaste ou puseste de lado o teu amor universal, o amor superior, preferindo, naturalmente, o polo do amor carnal, do amor passional e não do amor intelectual.

5 – **Lembra-te, pois, donde caíste** porque estiveste no alto e desceste, **arrepende-te** por teres transgredido as leis superiores e **faze as primeiras obras**, volta novamente a vencer a influência das paixões sensuais e do psiquismo inferior e ascende novamente ao superior, **do contrário virei a ti e moverei o teu candeeiro do seu lugar**, tirarei e dom que te dei, que é a piedade, do seu lugar **se não fizeres penitência**, isto é, se deixares de ser guiado pela caridade e pelo amor divino, ou ao contrário se deixares novamente ser guiado por eles e te corrigires então da tua sensualidade, do domínio do teu psiquismo inferior, virei outra vez a ti e impedirei que essas atribulações movam o candeeiro do seu lugar, que deixes de ser um ponto

---

<sup>5</sup> Éfeso significa “ímpeto”; a primeira idade da Igreja, o primeiro ímpeto.

criador. Então não sofrerás mais os castigos se fizeres penitência, se te arrependeres e não cometeres o que tens cometido.

6 – **Mas isto tens de bom, que aborreces as ações dos nicolaitas,** daqueles que usam as formas inferiores, **que também aborreço,** que também me oponho.

7 – **Aquele que tem ouvidos,** os ouvidos interiores, os do intelecto, **ouça o que o Espírito diz às Igrejas:** porque o espírito fala na voz silente, fala no silêncio ao que vencer, **ao vencedor,** aquele que passar pelas provas da iniciação e for conquistador dos graus superiores **darei a comer da árvore da vida, que está no centro do paraíso do meu Deus.** Aquela árvore cujos frutos dão a eternidade ou a consciência do iniciado sentir-se Deus, desde que ele cumpra aquilo que Ele estabeleceu, desde que se faça cada vez mais à semelhança do próprio Deus. Este é o sentido porque a verdadeira iniciação é uma constante aproximação da semelhança divina, é uma constante disposição e um afanar-se para que o iniciado se torne (cada vez mais) semelhante a Deus.

### À Igreja de Esmirna<sup>6</sup>

8 – **E ao anjo da Igreja de Esmirna escreve:** dirige a tua concentração também para aquele que é o chefe desta Igreja, que simboliza, no aspecto positivo, o desinteresse como virtude e, como vício, a avareza, e é assistida pelo dom do Espírito Santo que é o entendimento **isto diz o Primeiro e o Último, o que foi morto e que está vivo,** quer dizer, primeiro tinha descido à matéria, à sensualidade e à inferioridade, que venceu e que está vivo.

9 – **Eu conheço a tua tribulação e a tua pobreza, mas tu és rico,** a atribulação consiste nas penas que sofre aquele que busca cumprir a sua missão e mantém-se firme, corretamente, na realização dos graus de sua iniciação. Mas tu és rico, a tua pobreza é a tua riqueza, assim como o teu desinteresse, porque a avareza dá uma riqueza, mas por não ser desinteressada ela é pobre e **és caluniado por aqueles que se dizem judeus** e iniciados na luz<sup>7</sup>, **“e não o são”, mas são a sinagoga de Satanás.** São os propagadores das falsas sentenças e dos ensinamentos contra a razão e, disseminando-se entre os homens, são perniciosos.

---

<sup>6</sup> Esmirna (gr. *myrrha*) substância muito usada na Antigüidade,. Tem o poder restaurativo e preservativo da corrupção. Os três reis magos ofereceram ao menino Jesus ouro, incenso e mirra. Ouro por ser rei, incenso por ser Deus e mirra por ser homem.

<sup>7</sup> Judeus, aqui, é tomado no sentido daqueles que se dizem iniciados na luz.

10 – **Não temas nada do que tens de padecer**, não temas os sacrifícios que terás que fazer na iniciação. **Eis que o diabo fará meter em prisão algum de vós a fim de serdes provado**. O psiquismo inferior e os instintos poderão aprisionar alguns dos iniciados, a fim de serdes provado, a fim de verificar se realmente atingiste o grau pretendido. **E tereis tribulação dez dias**. Dez é o símbolo de um círculo completo, ou seja, tereis tribulação durante um círculo completo. **Sê fiel até a morte e eu te darei a coroa da vida**, se te mantiverdes firme então atingirás a imortalidade consciente.

11 – **Aquele que tem ouvidos**, que tenha a capacidade intuitiva, a compreensão interior **ouça o que o Espírito diz às igrejas, o que sair vencedor**, o que obtiver, então, este conhecimento da mente superior **ficará ileso da segunda morte**, a morte do corpo, dos desejos, das paixões.

### À Igreja de Pérgamo<sup>8</sup>

12 – **Escreve e envia o seu pensamento ao anjo da Igreja de Pérgamo** que simboliza, quanto a virtude, a temperança e, quanto ao vício, a gula; e é assistida pelo dom do Espírito Santo que é a ciência, **isto diz aquele que tem o afiado montante de dois gumes**, que tem o verbo, o afiado montante do verbo, de dois gumes: a vontade e o entendimento.

13 – **Sei onde habitas, onde está a cadeira de Satanás**, que representa o inferno, o mundo inferior quando nos domina; a força anticristã que temos dentro de nós, simbolizado na parte inferior, o adversário ao “Eu sou”, a Jesus. A cadeira de Satanás é onde está seu trono, onde ele domina; a qual Platão chamava nos encadeados iguais da besta selvagem que temos dentro de nós; **e que conservas o meu nome e não negastes a minha fé**. Sei onde habitas e onde está a cadeira de Satanás, a gula, mas tu conservas o meu nome e não negaste a minha fé, portanto foste temperante. **E isto até naqueles dias em que Antipas se ostentou minha fiel testemunha, o qual foi morto entre vós, onde Satanás habita**. Antipas é a minha fiel testemunha, é a intuição, a segunda visão, o conhecimento intuitivo, o qual foi morto entre vós, onde Satanás habita, na luta entre a luz e as trevas, onde estas últimas venceram no iniciado.

14 – **Mas tenho contra ti alguma coisa**, pouca coisa viciosa, **porque tens aí os que seguem a doutrina de Balaão, que ensinava a Balac a pôr**

---

<sup>8</sup> Pérgamo significa “livro”, a igreja dos doutores e das heresias. É a cidade onde se inventou o pergaminho e onde se concentrou o maior empório de sua indústria.

**tropeços diante dos filhos de Israel.** Os filhos de Israel continuam sendo, pois, naturalmente, símbolo daqueles que estão lutando pela luz, **para que comessem e se prostituíssem**, para que comessem as coisas sacrificadas aos ídolos e para que se prostituíssem, para que se entregassem à magia negra e sexual, a fornicação.

15 – **Assim tens tu também os que seguem a doutrina dos nicolaitas**, e, desse modo, também tens combatido os praticantes de vícios. Há uma série de discussões em torno do conceito de nicolaitas e de Balaão.

16 – **Faze igualmente penitência**, arrepende-te, e penitencia-te **porque de outra maneira virei a ti logo**, virei imediatamente, e **pelejarei contra eles com a espada da minha boca**, e os combaterei com a palavra. Ela significa o entendimento, a ciência que, aliás, é um dom dado à Igreja de Pérgamo e poder perdido pela sua atuação.

17 – **Aquele que tenha ouvidos ouça o que o Espírito diz às Igrejas**, o que Cristo diz às Igrejas, **eu darei ao vencedor um maná**, a mente superior, o alto conhecimento, a ciência, **uma pedrinha branca**, um símbolo do poder da vontade para enfrentar as nossas paixões, e **um nome novo escrito na pedrinha**, a sabedoria secreta, o conhecimento secreto, **o qual ninguém conhece, senão quem o recebe**, quem já realizou o esforço e fez a longa preparação para atingi-lo.

### Á Igreja de Tiatira<sup>9</sup>

18 – **Escreve, envia aquele pensamento ao anjo da igreja de Tiatira**; que representa um aspecto da virtude na castidade e, do vício, na luxúria, assistida pelo dom do Espírito Santo. Também as virtudes são intensistas porque elas se dão em todas as igrejas. **Isto diz o filho de Deus**, o senhor do teu pensamento divino, **que tem os olhos como uma chama de fogo**, que expressam a luz espiritual resplandecente do pensamento e **os seus pés são semelhantes ao latão fino**, prontos para cumprir as ordens da razão.

19 – **Eu conheço as tuas obras e a tua fé, e a tua caridade e serviços, e a tua paciência e as tuas obras que, em número, excedem as primeiras.**

20 – **Porém tenho poucas coisas contra, porque tu permites a Jezabel, mulher que se diz profetiza.** Naturalmente, podia se tomar essa Jezabel como símbolo da falsa razão, que busca perturbar o intelecto superior, que se diz profetiza para **pregar e seduzir os meus servos**, os meus servidores, **para se prostituírem e**

---

<sup>9</sup> Tiatira é a igreja do domínio, significa também dentro da Igreja o poder que se desvirtua.

**comerem das coisas sacrificadas aos ídolos**, significam as baixas realizações da magia sexual, etc.

**21 – Eu, porém, lhe tenho dado tempo para fazer penitência do que ela faz e ela não quer arrepender-se da sua prostituição.**

**22 – Eis que a reduzirei a uma cama e os que adulteram com ela se verão numa grandíssima tribulação se não fizerem penitência das suas obras.**

**23 – E ferirei de morte, matarei os seus filhos e todas as igrejas conhecerão que sou aquele que sonda os rins e os corações**, quer dizer, aquele para o qual nada é oculto, para o qual tudo se abre aos seus olhos **e retribuirei a cada um de vós segundo as suas obras. Mas eu vos digo a vós.**

**24 – E aos outros, que estais em Tiatira a respeito de todos que não seguem esta doutrina, e que não tem conhecido as profundidades como eles lhes chamam, Satanás, eu não porei sobre vós outro peso.** Todos aqueles que não tenham obedecido nosso inimigo secreto, que não tenham descido para a natureza inferior, não receberão dele outro peso, outra tribulação.

**25 – Mas guardai bem aquilo que tendes até que eu venha.** Guardai bem aquilo que tendes, aquilo que é correto até que eu venha despertar a energia necessária para a vossa elevação.

**26 – E aquele que vencer e que guardar as minhas obras até o fim.** Aquele que realizar a sua iniciação e guardar as minhas obras até o fim, **eu lhe darei poder sobre as nações**, sobre as forças elementares que são as que dominam aqueles que não realizaram a sua iniciação.

**27 – E as regerá com vara de ferro**, com o poder iniciático superior, **e serão quebradas como vaso de oleiro**, como qualquer coisa fraca.

**28 – Assim como eu também a recebi de meu Pai, e dar-lhe-ei a estrela da manhã.** Vênus, símbolo do amor divino, anuncia a chegada do dia, da iluminação, da perfeição.

**29 – Aquele que tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas.**

Nos capítulos 2 e 3 estão as famosas cartas às Igrejas que provocaram controvérsias quanto à interpretação do *Apocalipse*, porém são inseparáveis do texto. Nestas igrejas temos os sete dons do Espírito Santo, as sete virtudes e os sete vícios. Os dons do Espírito Santo são os atributos de Cristo: o entendimento, o bom conselho, a sabedoria, a ciência, a fortaleza, a piedade, o temor de Deus,

precisamente o que constitui a figura de Jesus Cristo de maneira que, as sete virtudes - a humildade, o zelo, o amor ao próximo, a doçura, a castidade, a temperança e o desinteresse - são também as virtudes de Cristo. A elas se acrescentariam a fé, a esperança, a caridade, a justiça e a prudência. Vinte e um aspectos positivos que constituem o conjunto das atribuições a Jesus Cristo, porque ele é o homem humilde, o homem zeloso, o homem do amor ao próximo, o homem da doçura, o homem da castidade, o homem da temperança, o homem do desinteresse, o homem que revela a fé, o homem que tem esperança, o homem cheio de caridade, cheio de fortaleza, justiça, prudência, expressão do entendimento, do bom conselho, da sabedoria, da ciência, da piedade e do temor a Deus. Se encontramos, por exemplo, nos dons do Espírito Santo, a fortaleza, e a encontramos nas virtudes – nas chamadas virtudes cardeais – esta repetição ou como a repetição, por exemplo, da temperança como uma virtude e, ao mesmo tempo, tratada na classificação das outras quatro virtudes; ao total estas vinte e uma reduzir-se-iam a dezenove. Este número na simbólica pitagórica daria o dez: a unidade suprema que caracteriza-se pelos nove atributos que formam, na sua totalidade, a unidade de Deus. Esses atributos não são apenas aspectos transeuntes, mas essenciais, constituintes da sua própria natureza. Ao mesmo tempo são as virtudes e os dons do Espírito Santo e, sem eles, não poderemos desenvolver uma hermenêutica que aprofunde o sentido do *Apocalipse*, e que explique símbolos como da árvore da vida, da nova Jerusalém, etc.

Todas as cartas às Igrejas terminam por indicar, por prometer algo ao vencedor, ao iniciado que se tornar cristão e fiel, ao que corresponde os atributos proclamados, ou seja, se esses atributos não são da essência do homem, ele pode e deve realizá-los, porque é realizando-os que atingirá a verdadeira iniciação. Esta é conquistar, é possuir é adquirir-los, transformando-os, como se fossem da nova essência, de um novo ser que, ressurrecto dentro de nós, é o iniciado que consegue, então, tornar estes atributos sangue e carne.

As palavras de Cristo, ao dirigir-se às Igrejas, diz “conheço” e as admoestações fundam-se em fatos realizados por elas, e todas as vezes fala naquele que tenha ouvidos de ouvir, que possa compreender as suas palavras, que já tenha tido uma iniciação capaz de entender o espírito e o sentido que Ele representa. Não há, em nenhuma dessas cartas qualquer aspecto, conselho, advertência que já não esteja no contexto do *Novo Testamento* (como nos *Sinópticos*, por exemplo), pois Cristo não exige nada mais no *Apocalipse* do que o já encontrado nos outros testamentos; o que prova o aspecto apostólico da obra. No quarto Evangelho, São João oferece a vida eterna, a glória para os homens, marcando este caminho que é a construção do “novo homem”, o ser renascido. Há uma ressurreição no homem, que consiste em se libertar de tudo quanto era anterior, para ser cristão. Os comentaristas de Salamanca se referiam aos perigos que começavam a introduzir-se nas comunidades cristãs e essas Igrejas representavam estas fraquezas. Não é que esses erros se dessem em uma e não em outra, pois, em geral, ocorriam em todas elas. São

os perigos pelos quais passa o iniciando cristão que sofre, em toda sua ação, perigos e vícios, como o orgulho, a preguiça, a inveja, a cólera, a luxúria, a gula, a avareza, as vacilações da fé, da esperança, o esquecimento da caridade, a covardia que enfraquece a fortaleza, a intemperança, a injustiça, a imprudência e, conseqüentemente, a fraqueza do entendimento, o mau conselho, em vez de alcançar a sabedoria, cair nos erros, a falta de ciência, a falta de piedade, o destemor que pode levar a não sentir a presença de Deus, julgar que pode afastar-se, eximir-se da sua responsabilidade. Mas, se São João foi dividir assim, para cada Igreja, naturalmente poderia ter se preocupado mais com o aspecto intensivo e não o extensivo, ou seja: extensivamente todos esses defeitos se davam nas comunidades cristãs, mas, intensivamente, mais numas que noutras. É o que ele destaca, tomando aquelas igrejas como símbolos. Salientar os pontos perigosos para o cristão, os vícios que o ameaçam, as fraquezas que buscam diminuir as virtudes, e os atos que podem levá-lo a perder a presença dos dons, ou a diminuir, ou a virtualizar a pujança dos dons do Espírito Santo.

Para os dominicanos de Salamanca, a caridade refere-se unicamente ao fervor interior, a piedade; de onde se deduz que se trata de manifestação concreta do amor, concretizada por meio de obras de caridade para com o próximo, especialmente os pobres.

O importante nesta carta é quando há referência aos nicolaitos. É verdade que muito se falou numa seita fundada por um diácono de nome Nicolau, mas não se tem certeza se existiu. Outros procuram uma interpretação tirando de dois termos gregos *nika e nikon* (“o que domina o povo” e corresponde, em hebraico, a Balaão, “o dono do povo”) e que seria um nome simbólico para indicar aqueles que exercem domínio sobre a plebe. Modernamente, é o sentido do demagogo: religiosos demagogos que exercem poder sobre o povo, mas que o orientam para caminhos satânicos. Quanto à árvore da vida é uma pura imagem, um símbolo, pois trata-se de uma promessa da imortalidade bem-aventurada. A árvore da vida, que estava no Paraíso Terrestre, daria, a quem comesse seu fruto o dom da imortalidade. Assim aqueles que atingem a máxima semelhança com a Divindade atingem a imortalidade.

Quanto a carta à Igreja de Esmirna, não nos preocupa a parte histórica, mas o sentido que é dado por São João. Ela é curta e só contém elogios. Esmirna se caracterizava pelo desinteresse, pelo entendimento e pelo mínimo de avareza. O apóstolo não a acusa porque os cristãos tinham mostrado desinteresse, já que nela moravam cristãos primitivos, oriundos das classes pobres e humildes.

Referente a carta à Igreja de Pérgamo, as interpretações indicam haver uma fidelidade demonstrada por esta igreja, embora tolerasse em seu seio aqueles que seguem as doutrinas de Balaão e dos nicolaitas<sup>10</sup>.

Termos como fornicação, bastante comum nestas traduções, não devem ser considerados apenas no sentido sexual, mas como sinônimo de idolatria, de uma moral laicista, das desordens que acompanham toda tendência de deixar correr os acontecimentos e ter uma certa condescendência com os desvios, próprio do psiquismo inferior, das paixões e dos desejos humanos. O mesmo se dá com a simbólica de “atirar-se na cama”, no “leito do adultério”; expressões ligadas à símbolos que fazem parte do contexto de Jezabel.

Na parte final, João fala no prêmio – a estrela da manhã – prometida aos vencedores e ao próprio Cristo; símbolo do anunciador, do dia, da iluminação – o dia como símbolo da iluminação – aquele que tem a luz representada pelos candelários, pelos anjos com suas estrelas. Em várias passagens da Bíblia, na *Vulgata*, é traduzido por Lúcifer – “aquele que traz a luz”. Nos primeiros séculos do Cristianismo foi dado à Cristo e, só na Idade Média, é que passou a indicar Satanás, tomando outro sentido. Na *Vulgata* refere-se ao matutino, a estrela que anuncia o dia, a vigília cristã – a estrela da manhã.

A iniciação é a realização da pessoa, a integração que ela vai adquirir, transformando como propriedade sua os atributos que o iniciante ou o iniciado aspira e que o *mistagogo* (que guia para alcançá-los) também pretende dar. Em certas ordens, na Maçonaria, a iniciação é meramente exterior não desenvolve a iniciação interior. Para o Cristianismo nem todos estão aptos a alcançar os atributos; mas há um conjunto deles que são fundamentais, sem os quais o cristão não chega a ser um ser íntegro. Estes são acessíveis a qualquer pessoa de qualquer origem, ou formação intelectual. Os mais altos graus, porém, são acessíveis apenas àqueles que se estimulam e se dedicam intensamente para adquiri-los plenamente, transformando-os em carne, em sangue, em própria vida, de forma que a verdadeira iniciação é a construção da nova pessoa que é batizada. O símbolo do batismo é receber o compromisso de se formar dentro daqueles atributos, devidos a Cristo. Eles devem ser não uma mera aquisição habitual, que hoje se adquire e amanhã se perde, mas se transformar como verdadeiras propriedades que atualizam as que estejam plenamente em ato e, só então, o homem atingiria a magnitude do máximo grau da iniciação, o grau dezenove.

---

<sup>10</sup> Dois termos que podem corresponder ao mesmo e indicam os que seguem Balaão, os cultos idolátricos, de Baal, e daí a magia sexual como característica do culto. O mais importante é quanto à Igreja de Tiatira; no caso a figura de Jezabel. Nome simbólico que se refere a mulher de Ajab que introduziu os cultos fenícios no reino de Israel e perseguiu até a morte os verdadeiros profetas (*Livro dos Reis*).

O grau dezenove – o Grão Pontífice – vem dos romanos e, posteriormente, passou para as ordens iniciáticas ocidentais. O Sumo Pontífice é o nome dado, na Igreja Católica, ao seu chefe – o Papa. Em outras ordens é o Grão Pontífice.

O grau dezoito é o Cavaleiro Rosacruz, o que realiza a marcha evolutiva através dessas iniciais e vai penetrando no mistério, no conhecimento desses atributos. É símbolo (também) de Cristo.

Não se deve confundir o Rosacruz, no sentido que empregamos, com a Ordem dos Rosacruzes contemporânea, pois não tem o mesmo significado. Rosacruz, no sentido do clássico cristão, é a rosa ao lado da cruz. Aquele que atinge o grau dezenove, o Grande Pontífice, é o construtor de pontes, o que realiza. Os graus que se seguem são o desenvolvimento do que é adquirido até o trinta. O Papa, na Igreja Católica, deve ter, num grau elevado, todas estas virtudes, mas um poderá ser mais virtuoso que o outro. Há a acentuação depois dos graus segundo o decenário que são mais onze (do vinte ao trinta) e vem a ser a atualização dos aspectos fundamentais e principais destas virtudes, porque, se fossemos examiná-las, verificaríamos que algumas se fortalecem com as outras, ou seja, havendo o reforço de uma a outra, automaticamente se fortalecem, pois não são totalmente independentes. Por exemplo: o homem pode ter grande sabedoria e não ter grande ciência, pode ter grande ciência e não ter grande sabedoria. Há casos em que elas não se coadunam. O homem que é justo, plenamente justo, é automaticamente moderado; tem que ter um grau de temperança elevado e um de prudência conseqüentemente bastante desenvolvido. A acentuação desses dezenove graus em outros vai dar mais ou menos onze que constitui somados, os trinta. Grau da idade quando Cristo atinge na sua vida o momento de sua pregação, quando os obteve e, mais ainda, a acentuação máxima, que é revelada pelas onze acentuações que representam os graus; por isso tinha trinta anos. Cristo não começa a pregar com esta idade em sentido cronológico, mas trata-se de um número simbólico: indica que Ele atingira o grau 30. A classificação de trinta e três graus não vem da Maçonaria. Ela antecede o Cristianismo e o pitagorismo, aparecendo na época da construção do Templo de Jerusalém, quando os trabalhadores desenvolveram-na como organização dando-lhe este sentido.

Há uma passagem muito ilustrativa estudando os aspectos fundamentais de onde se originam os nossos pecados, também a fonte de nossa fraqueza. É uma passagem do “*De Sacramentis*” de Hugo de Saint Victor<sup>11</sup>, em que ele diz o seguinte: “O primeiro estado tem o homem que pode pecar e pode não pecar e este foi o primeiro estado de liberdade, “*de arbitrii*”, neste estado pode morrer e pode não morrer, esta foi a primeira imortalidade do homem, o primeiro estado seria da

---

<sup>11</sup> Alexandre de Hales. *Summa Theologica*, Ad Claras Aquas, Florença, 1948

natureza ligada à Deus e o segundo já da natureza caída, o segundo estado pode morrer e não pode não morrer, do mesmo modo pode pecar e não pode não pecar, esta é a situação desse estado de pecado, de necessidade de pecar, da necessidade de morrer. O terceiro estado do homem que seria, então, o estado da natureza beata, da natureza beatificada, ele pode não morrer e não pode morrer, pode não pecar e não pode pecar, então lhe pertence a impossibilidade de morrer e a impossibilidade de pecar. Esta classificação de Saint Victor é aproveitada por Alexandre de Hales que conclui da impossibilidade de pecar segue-se a impossibilidade de sofrer que é própria do terceiro estado, da possibilidade de pecar e de não pecar a possibilidade de sofrer e de não sofrer que é do primeiro estado e no estado em que estamos, a impossibilidade de não pecar segue-se a impossibilidade de não morrer. Desse modo, o homem peca pela “infirmas”, pela fraqueza, por suas deficiências, pela ignorância, por não saber, pela concupiscência, pelo anelo ao mal e, finalmente, pela malícia, quando tem consciência do mal para onde tende. Esses tipos de pecado passa a ser o assunto, o tema de estudo de Alexandre de Hales para justificar, então, a *incarnatio divina*, já que o homem pelas suas condições poderia se salvar das conseqüências desses pecados, mas só pela ação do mediador que nesse caso é Cristo.

São Boaventura chama a atenção, prosseguindo na linha de Alexandre de Hales, que o homem, por si mesmo, não possui meios suficientes para se salvar, necessitando de uma graça especial. O que vem em oposição ao pensamento dos filósofos gregos que admitiam esta salvação apenas pelo esforço pessoal, isto é, o ser humano possuía em si forças suficientes, já tinha recebido uma graça suficiente para conseguir a sua salvação. Há diferença entre a iniciação cristã e a pitagórica pois, segundo esta, pelo nosso esforço vamos atualizando esta graça, que já nos foi dada, porque propriamente a providência nos deu tudo de quanto precisamos (está dado desde todo o sempre; já está providenciado desde todo o sempre tudo de que necessitamos) e vai depender de nós, da nossa ação, de nosso esforço para que esta graça se atualize. Ela se atualizará a proporção que busquemos à semelhança da divindade, que marchemos para ela. A primeira vista parece contrário ao pensamento cristão da graça. Todavia, se pensarmos na maneira como concebem os pitagóricos, esta graça é considerada necessária, mas já está dada e depende sua atualização em nós, a sua presença em nós, do nosso esforço. A esperança, como virtude, não se completa sem a ação. Assim, não basta esperar no que devemos esperar, mas é necessário que façamos alguma coisa na direção do bem esperado. O homem tem, por sua parte, que dar, também, a sua contribuição, porque estas graças lhe são dadas, mas dependem também do seu esforço.

Para os protestantes (na posição de Lutero) bastava apenas a fé, o firme assentimento da nossa mente à verdade revelada e que, sem admitir a mínima possibilidade de temor de erro, seria o suficiente para a nossa salvação. Para outros, há a exigência de uma esperança, mas o Cristianismo exige também a caridade, a

prática de obras capazes de elevar o homem e, na concepção pitagórica, isto era justo pois exigia a fé e a esperança, mas elas não são suficientemente fortes, enquanto a caridade não realize as obras que o homem deve fazer, pois ele não se salva apenas pela fé e pela esperança, mas por estas fortalecidas pela ação da caridade, que proporciona o aspecto ativo do homem. Este, no sentido pitagórico e também no sentido cristão, postulava que o homem tivesse fé. Cristo não pediu apenas que tivéssemos fé e esperança, embora nos pedisse que esperássemos, confiássemos em Deus, mas sobretudo, que realizássemos a caridade, que fizéssemos o que nos é devido, e era desta conjugação que o homem poderia então ascender à iniciação cristã.

Alexandre de Hales justifica (de maneira magistral, embora para muitos não) que o homem, por si só, sem o “mediador” não poderá salvar-se. Pitágoras não aconselhava sermos uma unicidade absoluta e dizia: “tu podes ser o único, mas não podes permanecer nesta unicidade, é mister também amar a lei – *a lei divina*”. Esta não se trata apenas de um sentimento afetivo de aprovação, de consentimento, mas também de prática da lei divina, da realização desta, que no fundo é a própria caridade que inclui a lei da caridade. Ele admitia que recebíamos uma graça suficiente para a salvação, mas que dependia também de nossas obras para realizá-la. Para Calvino estamos, de antemão, julgados – salvos ou perdidos. Para outros, mesmo aqueles que nada fazem pela sua salvação, poderão por uma graça santificante especial, salvar-se independentemente de suas obras<sup>12</sup>.

Para São João, a iniciação cristã se fará através dos graus, dos estágios iniciáticos, que consistem na aquisição dos hábitos que constituem as virtudes concomitantemente à boa aplicação dos dons do Espírito que levará o homem (desde que assim proceda) ao grau do *Sumo Pontífice*: aquele que é capaz de realizar as pontes. Estas significavam, nas construções da época, a mais alta realização da arquitetura romana. A ponte é, também, o símbolo da ligação, do que une os separados, da união, da fusão. O *Sumo Pontífice* é o *Supremo Arquiteto*; aquele que atinge o grau da suprema arquitetura, que realizou uma integração arquitetônica da sua própria pessoa implicando, necessariamente, a presença destes atributos, não como coisas eventuais, meros acidentes que podem se dar com um ser humano, mas das que vão constituir a essência da pessoa realizada no seu mais elevado grau,

Retornando ao pensamento de São Boaventura, vemos que ele salienta o fato do nosso psiquismo possuir, como intrínseco, estas quatro fontes do pecado: a fraqueza, a ignorância, a concupiscência e a malícia; chamando a atenção para um ponto muito importante estudado na psicologia moderna. É o caso de indivíduos que, apesar de parecerem gozar de perfeita saúde física, sem traços de

---

<sup>12</sup> Esta tese é discutível na Teologia porém exige, para ser devidamente analisada, de outras matérias complementares.

degenerescência, além de um pleno domínio do livre-arbítrio, da vontade e da inteligência, preferem o mal em vez do bem, praticando-o (muitas vezes) com requintes de extrema maldade.

### Capítulo 3

#### À Igreja de Sardes<sup>13</sup>, Filadélfia, Laodicéia

1 – **Escreve também ao anjo da Igreja de Sardes**, envia também o seu pensamento à igreja de Sardes; **é o que diz aquele que tem os sete espíritos de Deus e as sete estrelas**, que dispõe dos sete espíritos de Deus ao seu serviço, sete dons do Espírito Santo e as sete estrelas. **Eu sei as tuas obras e que tens a reputação de que vives**, que tens a reputação de que estás operando dentro das normas de semelhança ao nosso Criador e **estás morto**. Tua palavra, teu pensamento já não têm o poder da vida. Estás realizando a aniquilação pela mentira e pelo engano. A Igreja de Sardes é aquela cuja virtude seria a humildade, mas cujo vício é o orgulho e teria a assistência do dom do Espírito Santo que é o temor de Deus.

2 – **Sê vigilante**, desperta desta morte, desperta deste erro e **confirma os restos que estavam para morrer**, que estão próximas para morrer, porque seguindo o orgulho e perdendo o temor de Deus, ela está tendendo para a morte; **porque não acho as tuas obras completas diante do meu Deus**.

3 – **Lembra-te, pois, do que recebestes**, que te caberia dominar, importe pelo temor de Deus e pela humildade e **ouvistes, e guarda-o**, porque a esta igreja foram confiados este dom e esta virtude e certos conhecimentos da iniciação, do entendimento; conhecimentos que são dados pela sabedoria e arrepende-te e **faze penitência**, guarda e faze penitência. Arrepende-te do teu descuido, da tua negligência, de ter te afastado do cumprimento do teu dever e faz a penitência, **porque se não vigiares**, se não despertares desse letargo, **virei a ti como a um ladrão**, com a voz silenciosa da consciência e **não saberás a que hora virei a ti**.

4 – **Mas tens algumas pessoas em Sardes que não têm contaminado os seus vestidos**, tem alguns que são castos, que não se deixaram avassalar pelo orgulho e pelos males que sobrevêm ao orgulho; **as quais andarão comigo em vestiduras brancas**, símbolo da pureza, do cumprimento de seu dever, de marcha para a semelhança de Deus, **porque são dignas disso**.

5 – **Aquele que vencer**, que alcançar aos mais altos estágios da iniciação, **será vestido de vestiduras brancas**, puras, limpas; e **eu não apagarei o seu nome do livro da vida**, a regeneração chegará a ele. Então atingirá a felicidade eterna, o livro da vida que é o livro da eternidade; e **confessarei**, farei chegar no seu poder;

---

<sup>13</sup> Sardes é o nome da época chamada de Renascimento.

confessarei o **seu nome diante do meu Pai**, de Deus íntimo, Deus Superior, o Intimíssimo e **diante dos seus anjos**.

6 – **Aquele que tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas.**

### **À Igreja de Filadélfia<sup>14</sup>**

7 – **Escreve também ao anjo da Igreja de Filadélfia.** Esta igreja paira entre a doçura e a cólera e simboliza o dom da sabedoria.

**Isto diz o santo e o verdadeiro que tem a chave de Davi**, o santo verdadeiro é o Intimíssimo, o que tem a chave de Davi, é naturalmente a chave de Jerusalém; símbolo não só da poesia como da filosofia, da clarividência, da profecia, etc. **Que abre** é a inteligência ao pensamento divino e **ninguém fecha**, ninguém consegue pô-la nas trevas, **se fecha ninguém abre**, que abre e ninguém fecha, é a luz, a iluminação, o conhecimento que, aberto, ninguém fecha; que fecha e ninguém abre são as trevas densas do não conhecimento que ninguém abre.

8 – **Conheço as tuas obras, eis que pus diante de ti uma porta aberta que ninguém pode fechar**; é naturalmente a sabedoria; uma porta aberta que ninguém pode fechar, **porque tens pouca força**, não desenvolveste, contudo, necessariamente, a tua potência iniciática, não alcançaste os graus iniciáticos superiores e **guardaste a minha palavra e não tens negado o meu nome.**

9 – **Eis aqui darei da sinagoga de Satanás**, o inimigo, **os que dizem que são judeus**, iluminados, e **não o são, mas mentem**, embora tenham alguma clarividência, mentem. **Farei com que eles venham e que se prostem a teus pés e conhecerão que eu te amei.**

10 – **Porque guardaste a palavra da minha paciência**, da minha doçura, a doutrina secreta, a da iniciação. **Também te guardarei da hora da tentação, que virá a todo o mundo**, impedirei que sejas enganado, porque a sabedoria te impedirá que sejas enganado pelo intelecto; este pode ser perturbado pela ação satânica e enganar, **para provar aos que habitam na Terra.**

11 – **Vê que venho logo**, depois da iniciação, **guarda o que tens**, guarda a tua luz, a tua claridade, o teu conhecimento **para que ninguém tome a tua coroa**, símbolo do saber, do conhecimento, da sabedoria.

---

<sup>14</sup> Filadélfia é a igreja da parusia.

12 – **Ao que vencer**, aquele que conquistar a si mesmo, **fa-lo-ei coluna do templo de meu Deus**, um poder para sustentar e **não sairá jamais fora** porque já alcançou, a sua libertação final e não terá a cumprir nenhum outro fado. **Escreverei sobre ele o nome de meu Deus**, poder divino, e **o nome da cidade de meu Deus, a nova Jerusalém**, cidade da paz **que desce do céu vinda do meu Deus e o meu novo nome**, o novo nome que é Cristo.

13 – **Aquele que tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas**

### **À Igreja de Laodicéia<sup>15</sup>**

14 – **Escreve igualmente ao anjo da Igreja de Laodicéia**. Laodicéia permanece entre a virtude do zelo e da preguiça, mas tem o dom da fortaleza. **Isto diz aquele que é a mesma verdade e testemunha fiel e verdadeira, o que é princípio da criatura de Deus**, da emanção de Deus.

15 – **Sei as tuas obras, que não és nem frio nem quente. Oxalá fosses ou frio ou quente**, não tens ainda a segurança, a fortaleza necessária, por isso não és frio ou quente, não tens o necessário fervor devocional pela tua fé.

16 – **Mas porque tu és morno e nem és frio, nem quente, começar-te-ei a vomitar da minha boca**, porque estás numa posição tibia, porque te falta fortaleza, que seria o teu dom, que perdestes. E, porque não tens este dom, eu te vomitarei da minha boca, não serás tolerado dentro da minha intimidade, porque não seguistes o caminho que deverias seguir.

17 – **Porque dizes, sou rico e cheio de bens, pois, estou enriquecido**, rico de conhecimento, de saber, e **de nada tenho falta**. Não tenho necessidade de coisa alguma e **não conheces que és um coitado e miserável, pobre e cego**, a tua pobreza espiritual, a tua falta de saber; cego sem luz, e **nu**, sem a roupa, a roupa branca, a roupa da aura limpa e pura.

18 – **Eu te aconselho que me compres ouro depurado**, símbolo da depuração no fogo **para te fazeres rico**, no fogo criador, para que te tornes rico, para que alcances a sabedoria e **te vestires de roupas brancas**, atingires as “auras” da pureza e **não se descubra a vergonha da tua nudez**, da tua falta, da tua pobreza

---

<sup>15</sup> Possivelmente Laodicéia refere-se a igreja dos mil anos, isto é do retorno de Cristo até o Juízo Final. Interpretação feita pelos milenaristas. A palavra Laodicéia, que vem de *Laon* e de *Kaio* significa “juízo dos povos”, que pode se referir ao Juízo Final.

espiritual, e **usa os teus olhos com o colírio**, com o colírio da inefável luz, **para que vejas**, para que obtenhas a clarividência.

19 – **Eu que vos amo, repreendo e castigo. Arma-te pois de zelo e faze penitência**, arrepende-te de tua preguiça, da tua tibieza, que é precisamente o vício que domina a Igreja de Laodicéia.

20 – **Eis aí estou eu à porta e bato**, chamo. **Se alguém ouvir a minha voz**, iluminar-se, e **me abrir a porta**, permitir que penetre a minha luz, **entrarei em sua casa**, despertarei o saber, a sabedoria, e **cearei com ele e ele comigo**, conviverei, estarei presente, é um sinal da convivência, do superior, de Cristo em nós.

21 – **Aquele que vencer**, que for um conquistador, tendo passado pelas diversas etapas, **eu o farei sentar comigo no meu trono**, o elevarei ao meu reino, **assim como eu mesmo também, depois que venci, me assentei igualmente com meu pai no seu trono**, atingi também o grau mais alto, a bem-aventurança.

22 – **Aquele que tem ouvidos ouça o que o espírito diz às igrejas.**

No primeiro versículo Jesus Cristo é o que tem os sete espíritos de Deus e as sete estrelas. Para os autores católicos indica o poder absoluto que Ele tem sobre as Igrejas e todos os cristãos. Cristo é o possuidor dos sete dons do Espírito Santo e, as sete estrelas, as sete virtudes fundamentais a fé, a esperança, a caridade, a fortaleza, a temperança, a justiça, a prudência, que constituem o que é necessário para a realização do verdadeiro cristão e Cristo possuía todas essas virtudes como da essência da sua pessoa.

No *Livro de Isaías* encontra-se o “espírito septiforme” que nada mais é do que o próprio Espírito Santo; representa os seus sete dons (de acordo com o que diz Isaías) e que pertencem ao Filho, porque Jesus distribui os diversos dons desse Espírito. Ele dava os dons e reclamava das Igrejas que os recebiam, por não os aproveitarem devidamente e as virtudes que lhes correspondiam não estavam sendo necessariamente vividas, enquanto que os vícios impostos tinham recebido um grande surto.

Uma das passagens mais interessantes deste capítulo é o versículo quarto, que trata das vestes brancas e dos que não mancharam as suas roupas. Caminharão com o Senhor, os vestidos de branco; o que aparece inúmeras vezes no *Apocalipse* e sempre como símbolo da pureza, da vitória, da alegria, da festa. Manchar os vestidos é uma expressão das ordens iniciáticas mais antigas, referindo-se àqueles que ofendem a sua pureza, que não cumprem o seu dever.

No versículo oito, sobre as obras da Igreja de Filadélfia, lê-se que antes era uma porta aberta que ninguém pode fechar. Nas interpretações (em geral, dos católicos) significa um esforço missionário de São Paulo e seus colaboradores. A porta está aberta e ninguém pode fechar, pois ela é a sabedoria no seu mais elevado grau.

Na carta à Igreja de Laodicéia está citado o colírio. Este, ao facilitar a visão, é símbolo da luz, da iluminação. As vestiduras brancas voltam também a ser usadas. A desnudez espiritual, o colírio espiritual que vai curar a cegueira, naturalmente abrirá os olhos, iluminará, dará o dom da penetração na vida espiritual íntima, o que é aceito pelos católicos.

Relativo aos onze graus – que vão 20 a 30 – observa-se que o fundamental, para ser-se um iniciado, é partir da classificação dos dons do Espírito Santo e ir do mais simples, que é o temor de Deus e das mais simples de todas as virtudes, o desinteresse, e, também, a prudência. Os três, quando no seu mais alto grau, alcançariam o 20; de forma que o 21 seria a combinação, a manutenção das três virtudes com a penetração da piedade com a temperança. O 22 daria a fortaleza junto com a justiça e a castidade. O 23, a ciência com a caridade, a caridade e a doçura e, assim, sucessivamente. Se fizermos uma hierarquia das virtudes (o que é bastante difícil) nesse exemplo, teríamos, entre o entendimento, o conselho e a sabedoria.

Qual seria a mais importante? Para alguns a sabedoria, mas que não se dá sem o entendimento, sem o bom conselho, que a antecedem. Nem sempre a posição hierárquica indica que um tenha superioridade sobre o outro, mas sim que há uma necessidade. Por exemplo, a ciência não pode ser entendida, não pode existir sem o entendimento, porque ela está aquém da sabedoria, do bom conselho. É necessário fazer uma classificação destes onze graus, daqueles que já possuem os dezenove atributos, mas que os acentuarão à proporção que sobem nos graus. Qualquer interpretação neste sentido, não se opõe às interpretações das ordens iniciáticas porque esta acentuação está bem clara. Assim, na Maçonaria, a passagem do grau vinte ao trinta implica tudo isto. No Cristianismo, embora a pessoa possua numa determinada intensidade essas virtudes e esses dons, ela poderá acentuar através da sua dedicação, da direção das suas obras e da sua ação, aumentando o grau de intensidade de cada uma dessas virtudes. Isto representará alcançar o grau 30 que seria aquele que teria essas 19 virtudes no máximo grau possível, no homem, no estado em que ele está; um ser que pode morrer e pode ainda não morrer, que pode pecar e pode ainda não pecar. Ele atingirá o grau máximo, o de Cristo, que seria o desejado, em que ele se tornaria um ser capaz de não poder pecar, de não mais poder pecar e de não mais poder morrer; o grau máximo da ascensão, do verdadeiro cristão na sua iniciação, em direção à semelhança de Deus. Naturalmente na nossa vida e nas nossas condições não podemos alcançar, na intensidade, a Cristo. Poderíamos

quando muito nos aproximar dele, mas não nos igualizar, porém devemos nos esforçar tanto quanto é possível para alcançarmos estas virtudes ou estes atributos no seu grau mais intenso possível<sup>16</sup>.

No capítulo 4 atingimos as “visões proféticas” e novos comentários irão facilitar a compreensão dos capítulos.

---

<sup>16</sup> Esta era a iniciação cristã e, também a pitagórica segundo São Jerônimo e Santo Agostinho, ao compreenderem que havia, na iniciação pitagórica, uma espécie de antecedência do Cristianismo, a ponto de São Jerônimo dizer que Pitágoras era um homem semi-divino; corroborado por Santo Agostinho.

## Capítulo 4

### O trono de Deus e a corte celeste

**1 – Depois disto olhei e vi uma porta aberta no céu e a voz, aquela que a primeira vez, que eu tinha ouvido, era como de trombeta que falava comigo dizendo: sobe aqui e mostrar-te-ei as coisas que devem acontecer depois destas.**

Mostrar-te-ei as perfeições que precisam ser alcançadas depois da iniciação que já realizastes.

**2 – E logo fui arrebatado em espírito, entrei em êxtase, e vi um trono que estava colocado no céu, o assento do Pai, e sobre o trono estava sentado alguém,** mas em João não há nenhuma descrição antropomórfica.

**3 – Aquele que estava sentado no trono, era pelo que parecia semelhante a uma pedra de jaspe e de sardônica, e, ao redor do trono, estava um halo, que se assemelhava a cor de esmeralda,** as cores prismáticas, mas tudo tendendo para a esmeralda. Na simbólica das pedras é aquele que conquista a si mesmo.

**4 – Estavam também, ao derredor do trono, outros 24 tronos,** as 24 hierarquias; e **neles assentados 24 anciãos, vestidos de roupas brancas,** representando a pureza luminosa, e **nas suas cabeças, coroas de ouro.** Coroa é o símbolo do poder, de ouro, da sabedoria, do poder que é dado pela sabedoria.

**5 – Do trono saiam relâmpagos, vozes e trovões,** as expressões, as palavras, os sons e **diante do trono estavam as sete lâmpadas ardentes que são os sete espíritos de Deus.**

**6 – Em frente do trono havia um como mar de vidro transparente,** cristalino, **semelhante ao cristal;** e **no meio do trono e ao derredor do trono, quatro animais cheios de olhos por diante e por detrás,** símbolo das quatro dimensões, das quatro direções.

**7 – O primeiro animal era semelhante a um leão,** símbolo de São Mateus, porque a manifestação primeiramente apostólica da sua obra é a voz que prega no deserto, que ruge no deserto; daí ele ter tomado o símbolo de leão e por ele ser um animal de grande valentia e, de certo modo, nobre. **O segundo animal semelhante a um novilho,** um boi, é símbolo de São Marcos. **O terceiro animal tinha o aspecto como de homem,** que (como já vimos) é o símbolo de São Lucas e

**o quarto era semelhante a uma águia voando**, símbolo dele próprio. Ele usa esses quatro animais que, nas suas partes, vão constituir a esfinge, pois o homem de São Lucas é o homem no sentido animal.

**8 – Os quatro animais, cada um tinha seis asas. E, em volta e por dentro, cheio de olhos e não cessavam de dia e de noite de dizer: Santo, Santo, Santo.** Ao serafim, precisamente, cabe a função de pronunciar estas palavras. **O Deus Onipotente, o que era, que é e que há de vir**, o que era, o que é e o que será. Aquele que existe eternamente, através do tempo, porque esses vinte e quatro anciãos também representam as 24 horas do dia, a idéia do tempo nas suas variações e ele era, é e será dentro desse tempo, pois ele é eterno.

**9 – E enquanto aqueles animais davam glória, honra e benção ao que estava sentado sobre o trono que vive pelos séculos dos séculos,**

**10 – os vinte e quatro anciãos se prostravam diante do que estava sentado no trono e adoravam o que vive, pelos séculos dos séculos e lançavam as suas coroas diante do trono dizendo:** se prostravam diante do Senhor porque são submetidos a ele, adoravam-no e atiravam as suas coroas<sup>17</sup>.

**11 – Tu és digno, ó Senhor nosso Deus de receber a glória, a honra e o poder, porque tu criaste todas as coisas e pela tua vontade é que elas eram e foram criadas.** À proporção que avançamos, após as chaves hermenêuticas oferecidas nas análises iniciais, não é preciso acrescentar mais nada.

Os católicos comentam que este capítulo é o que liga a parte introdutória ao restante. Há dez capítulos em que João, penetrando na mansão celeste, vai viver do ponto celestial para, depois, o fazer do ângulo terrestre. Devido a esta ligação e esta característica, os autores católicos reconheceram o seu caráter simbólico, mas os escolásticos, posteriormente, deram uma interpretação histórica<sup>18</sup>.

Os comentários dos professores de Salamanca pouco acrescentam, mas pressentem a profundidade simbólica do texto. São João entrou no céu, onde irá habitar com a corte celestial e ouvirá a voz que já ouvira antes, a voz de Cristo – Cristo revelador – que será o seu guia. Até o terceiro capítulo Cristo mostrou as

---

<sup>17</sup> Atirar as coroas na Ásia, ao pé de alguém, significa a idéia de submissão. Os reis dominados pelos romanos jogavam as coroas aos pés da estátua do imperador romano para demonstrarem a sua submissão. João aproveita-se deste símbolo para dar a idéia de submissão do tempo à eternidade, da sucessão temporal à eternidade.

<sup>18</sup> As reduções simbólicas, para atingir os conteúdos filosóficos, é um trabalho a ser feito posteriormente. A linguagem das religiões foi, em todas as épocas, a linguagem simbólica.

coisas que são mas, de agora em diante, mostrará as que vão acontecer e que serão de grande importância para a Igreja e para o mundo.

João, ao entrar no céu, a primeira coisa que vê é um trono e, nele sentado alguém rodeado de assistentes; afirmação fundamentada nas “visões” dos profetas, Isaias, Ezequiel e Daniel (com semelhanças aos livros apocalípticos judaicos), mas com originalidade porque há grandeza de significação; já que Deus não aparece na sua obra antropomorficamente. João evita descrevê-lo sob uma forma humana usando imagens como se fosse uma realidade invisível, uma luz inacessível... Cita jaspe, pedras preciosas, as cores do arco-íris e não o resplendor do fogo ou do metal, como é citado nos textos dos profetas. Deus, assim, apresenta-se através de variações de coloridos, da beleza das pedras preciosas; usando o jaspe, porque é translúcido. Algo que, ao mesmo tempo que é, é translúcido, não faz resistência, pode ser penetrado, atravessado como o cristal. A sardônica é uma pedra de cor vermelha intensa e o arco-íris tem as sete cores, mas aqui com a predominância do verde e a esmeralda – símbolo do iniciado – aquele que conquistou, atingiu o domínio de si mesmo. Encontramos outras formas de manifestação da divindade nos livros sagrados, mas em São João, sempre há preferência pelas cores vivas, usadas nestas combinações de pedras preciosas e de mármore, expressando o seu pensamento com simbolismo estético.

Os vinte e quatro anciãos, os vinte e quatro presbíteros que estão a volta do trono de Deus, não são uma espécie de conselho com função de dirigir a divindade. Eles rodeiam o trono de Deus, mas já entregaram suas coroas (subordinados, portanto). Pode ser interpretado como as 24 horas do dia mas, também como os vinte e quatro anjos cuja simbólica está na dualidade das oposições do quaternário, nas combinações que dão duas unidades que vão constituir, dando a consistência final ao próprio quaternário. Também significa, nessa simbólica aritmológica, a harmonia obtida do quaternário pela analogação (sic) dos opostos constituintes das coisas criaturais. Aqui pode ser interpretado como o tempo, como o eterno, também presente no tempo ou seja, o das coisas sucessivas, não da eternidade (como sendo da sua natureza), mas alguma coisa que ela preside.

Esta matéria suscitou discussões quanto a sua interpretação. Seriam os 12 signos do Zodíaco mais os 12 meses? Para nós, se reduzem a que está no contexto geral da simbólica de São João: os vinte e quatro anciãos, aqueles que já estiveram muito no tempo (e não podem ter outro sentido), porque ele diz: o Senhor Deus Onipotente “o que era, o que é e o que será, que há de vir”, ou seja, “permanecerá dentro deste tempo, sempre foi, sempre é e sempre será”; uma visão já inferior da eternidade. Não a que é sentida como simultaneidade absoluta, mas na esquemática temporal.

Trovões, trono, relâmpagos, são imagens tradicionais na *Teofania do Sinai*, e ao mesmo tempo, símbolos do poder terrível, da manifestação do castigo aos que transgridem a lei. As sete lâmpadas, lâmpadas de fogo, os sete espíritos de Deus, (segundo os professores) seriam expressões para designar os sete dons do Espírito Santo.

São João contemplaria a trindade beatíssima junto ao Pai. No trono estaria Jesus Cristo, o Cordeiro e o Espírito Santo. Este, que é único, se apresenta como múltiplo, pela abundância de seus dons.

As sete lâmpadas e os sete espíritos simbolizam os sete dons do Espírito Santo, que comunica aos homens e por meio deles se dá a conhecer. A imagem empregada por São João procede do candelabro de sete braços, que ardia noite e dia no templo de Jerusalém (o profeta Zacarias a recorda em uma de suas “visões”). Também pode ter relação com o oráculo de Isaías, referente ao espírito septiforme que repousaria sobre o Messias.

Na interpretação dos animais eles concordam que o touro é o rei do gado, o leão, o rei das feras, a águia, o rei das aves e o homem, o rei da criação. A tradição cristã se serviu desses quatro viventes que sustentam e transportam o trono de Deus para simbolizar os quatro evangelistas, que formam a quadriga de Cristo.

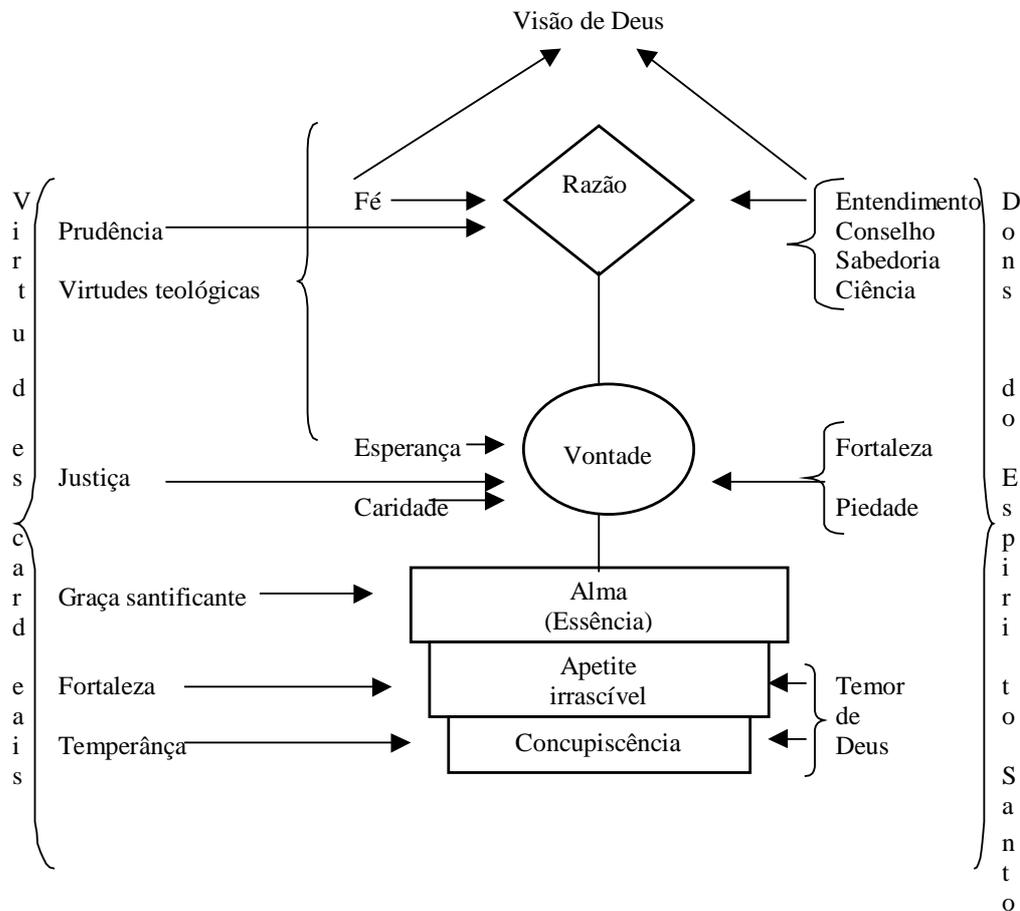
São Mateus seria designado pelo homem<sup>19</sup>, por iniciar o seu Evangelho com a genealogia humana de Cristo. São Marcos, pelo leão porque começa o Evangelho com a voz de quem grita no deserto onde o leão ruge. São Lucas, pelo touro, porque o seu Evangelho se inicia com a história do sacerdote Zacarias que, no *Antigo Testamento*, era quem imolava os touros para o sacrifício nos templos de Jerusalém. São João é representado pela águia e, já no prólogo do Evangelho, ele se levanta, como o vôo da águia, até as alturas da própria divindade.

No *Apocalipse*, São João é visto como o símbolo da águia que representa o espírito na sua ascendência máxima em direção à divindade. Os professores de Salamanca dizem que, sempre que os quatro viventes davam glória, honra em ação de graças pelo que viram, pelos séculos dos séculos, os vinte e quatro anciãos se associavam a esta liturgia celestial, prostrando-se de joelhos, inclinando-se até tocar a terra – um costume oriental – e, depois, arrojavam suas coroas diante do trono de Deus; o que significava submissão e vassalagem.

O *Apocalipse* significa, na sua intencionalidade simbólica, a iniciação cristã, apesar de muitos católicos não admitirem uma iniciação para os cristãos...

---

<sup>19</sup> Esta é uma matéria discutível, pois em geral São Mateus é simbolizado pelo leão. Como este tema não tem importância no contexto do *Apocalipse*, não iremos analisá-lo.



Os dons do Espírito Santo, junto com as virtudes e com a graça, que é raiz de uns e de outras, constituem o chamado organismo sobrenatural, que pode ser representado graficamente<sup>20</sup>. Assim estaria de acordo com a interpretação de um organismo sobrenatural em nós e de um organismo natural, ao qual corresponderiam os dois psiquismos: o psiquismo superior e o psiquismo inferior. Ele coloca de um lado as virtudes cardeais e, do outro lado, os dons do Espírito Santo e, partindo da base para o topo, primeiramente o temor de Deus, como dom do Espírito Santo, que corresponde à fortaleza e à temperança. Esta domina e amansa a concupiscência e o apetite irascível, que é dominado pela fortaleza, porque naturalmente aquele que tem coragem, quando encontra o bem árduo a ser conquistado, domina o seu apetite irascível e vai empreender a sua ação para obter aquele bem desejado. Isto constitui o temor de Deus que, apoiado pela fortaleza e pela temperança, vence a concupiscência e o apetite irascível. Acima, ainda ligado às virtudes cardeais, à justiça, à fortaleza, à prudência e à temperança, temos a graça santificante,

<sup>20</sup> Vide o verbete “Dons do Espírito Santo”, no *Dicionário de Teologia Dogmática*, Pietro Parente, Antônio Piolanti, Salvatore Garofalo – Editorial Litúrgica Española, Barcelona, 1963.

possuidora da própria essência da alma. Subindo, está a vontade, apoiada pelos dons do Espírito Santo – a fortaleza e a piedade - apoiadas pela justiça e, da teológica, sustentada pela esperança e pela caridade; porque a vontade apoiada pela caridade, pela esperança, pela fortaleza, pela piedade e pela justiça, erguem-se as virtudes cardeais da prudência, que vão fortalecer a razão. Esta tem o apoio dos quatro dons do Espírito Santo que são, de baixo para cima: a ciência, a sabedoria, o conselho e o entendimento, apoiados pela prudência e pela fé. Graças ao entendimento, alcançado no grau superior e pela fé, o homem atinge a visão de Deus. É a “escada mística”, para a visão de Deus. É a iniciação; é o fato de poder o homem, partindo do temor de Deus, da temperança, do domínio do concupiscível e do apetite irascível, aumentar a sua fortaleza e a sua coragem graças à dádiva santificante que é a essência de sua própria alma, e, assim, purifica a sua vontade pela fortaleza e pela piedade, pela esperança e pela caridade, equilibrada pela justiça, e avançar para a razão que apoiada na ciência, na sabedoria, no conselho, no entendimento e na razão, apoiada na prudência e na fé alcança a visão de Deus.

A exposição é perfeita, mas faltou uma terceira linha que é, a do desinteresse, a da temperança, a da castidade, a da doçura, a do amor ao próximo, a do zelo, da humildade que se opõem às formas viciosas. O desinteresse à avareza, a temperança à gula, a castidade à luxúria, a doçura à cólera, o amor ao próximo à inveja, o zelo à preguiça e a humildade ao orgulho. Tirando as repetições vamos ter dezenove atributos que, em Cristo, são da sua essência e que, no homem, são conquistas ou dons que recebe, ou graças que tem. Em posse desses dezenove atributos, ascende na escada mística até alcançar a “visão de Deus” (o que é possível dentro das nossas condições). É uma advertência para alguns católicos que não querem compreender a iniciação cristã – uma iniciação interior e fundamental no Cristianismo – pois, sem ela, é uma religião como qualquer outra.

Os onze graus são os que ultrapassam os dezenove; vão do 20 ao 30 e, nas ordens iniciáticas, são os graus filosóficos. O 20 é o do *Mestre Ad-vintam*, aquele que permanece sempre mestre, dentro desta dualidade, simbolizada pelo 2, mas sem perder, sem se deixar dominar por um dos pólos das oposições, que constituem a própria existência, e representam um grau de elevação. O 21 é o grau do *Cavaleiro Prussiano* e, em algumas ordens modernas, é o grau da ciência, porque trata-se da dualidade, dos opostos e, a compreensão dos opostos analogados constituintes da criação permitem ao homem alcançar a unidade suprema simbolizada pelo 1. O 3 seria o trabalho serial, desse ser humano, para alcançá-lo. É a ciência num grau elevado, porém, não no mais elevado, que está no 22. Nas ordens modernas é o *O Príncipe do Líbano*, homenagem prestada à ordem da antiga cavalaria e que significa a ciência concreta, a que concreciona, formada em espiral, mas acompanhada da coragem ao enfrentar as dificuldades. Soma de 4 e 4 - o equilíbrio do quaternário -, conhecimento do quaternário.

O 23, grau da filosofia da ciência, do chamado *Chefe do Tabernáculo* e está presente (também) nas iniciações judaicas, que é o conhecimento, a ciência já reduzida a uma filosofia, à parte metafísica propriamente no sentido aristotélico da ciência. Dá 5 porque  $2+3$  equivale a 5, que representa a forma, é o alcançar as formas; aquele que já tem a capacidade de reduzir o conhecimento às formalidades e trabalhar com elas para compreender as coisas.

O 24, grau do *Príncipe do Tabernáculo*, também de origem judaica na sua significação, porque é príncipe, está em primeiro lugar ante o tabernáculo, é o conhecedor da teologia. É o grau do teólogo, simbolizado por 2 e 4, porque o 24 significa que, dentro da dualidade, ele alcança ao quaternário, compreende-o dentro da sua dualidade, o que dá ao seis a concepção da harmonia – o que lhe permite um “salto” para a divindade.

O 25 é o símbolo do *Cavaleiro da Serpente de Bronze*, a serpente de bronze de Moisés, símbolo da cura, da Medicina<sup>21</sup>. Nele temos a dualidade que alcança as formas, equilibrada com o sete, símbolo da unidade cósmica no seu sentido evolutivo.

Ao 26 é dado o título de *Príncipe de Mercê*; o que consegue reunir e não separar a religião da ciência e da filosofia, já que possui a visão que unifica; daí ser simbolizado por um triângulo. Para ele, a religião com a ciência e a filosofia, partindo da dualidade, da diversidade, da alternância das coisas cósmicas, alcançar-se-ia a unidade cuja soma é 8; um salto sobre a própria evolução.

O 27 recebe o título de *Grão Comendador do Templo*, idealismo, independência. Um dos títulos dos Templários que foi conservado por muitas ordens iniciáticas e 27, porque o dualismo que consegue captar a dualidade dentro do ciclo evolutivo, alcança o nove, o símbolo de tudo no todo, da unidade cósmica. Ele dá a unidade cósmica, a unidade criatural olhada como totalidade.

O 28, *Cavaleiro do Sol*, o que alcança a verdade, o que tem a contemplação da verdade, da luz. É o 2 atingindo o 8, que é a superação da própria evolução, o novo ciclo superior, da ressurreição que alcança além das limitações das coisas que se dão dentro das dimensões do 7; as direções do espaço.

O 29, o *Patriarca dos Cruzados*, em muitas ordens foi dado em homenagem aos cruzados e é simbolizado como a química, porque a dualidade do 9, visualizando o novo, é o número da totalidade cósmica, capta estas variações que as

---

<sup>21</sup> É o símbolo do médico porém não apenas no sentido atual, mas do que cura, que cuida, que presta serviços, que realiza os bens, o benefício para os outros, buscando auxiliar e curar a alma do corpo que está doente.

coisas sofrem nos seus aspectos químicos. É representado pelo alambique; modernamente, pela proveta.

O 30 é o 3 sem composição, alcançando a máxima pureza: o *Cavaleiro Kadosch*. O cavaleiro da pureza, sábio, santo, filósofo e herói<sup>22</sup>.

Esses 11 graus não são mais do que acentuações dos diversos atributos, que anteriormente tratamos, os quais atingem aspectos que formam uma certa heterogeneidade. Cristo chegou ao 18 na sua iniciação, depois nos graus chamados filosóficos alcançou o grau 30. Os outros graus são acentuações, o que não quer dizer que aquele que alcançou o 24 seja inferior ao que atingiu o 27. Não há diferenças numéricas, de valor em sentido qualitativo, porque o 18 e o 19, representam o máximo que o homem pode atingir; a totalidade daqueles atributos já comentados. De maneira que estas classificações são apenas para indicar aqueles ou aquele, que tivesse o grau 18 ou 19, poderia ser um *Cavaleiro Kadosch* – grau 30 – atingiria o grau da purificação, da sabedoria suprema, da filosofia, da santidade. Por exemplo, se admitirmos para Cristo, mesmo que fosse uma figura puramente ficcional, teria essas qualidades, o que não quer dizer que o grau 18 não possa ser 30 simultaneamente. É 18 ou 19, sob um aspecto, e 30, sob outro. Não é assim na Maçonaria, porque ela perdeu o sentido da ordem da iniciação, e essa numeração vai sendo adquirida de modo quantitativo quando o era de modo qualitativo, de forma que alguém podia saltar do grau 6 ou do 7, para o 18 ou o 19, segundo revelasse uma atualização dos atributos. Embora muitos rejeitem esta explicação (não conhecem a parte histórica), não vêem que dentro do próprio Cristianismo houve essas classificações da mesma forma como se dão os de *doctor, doctor universalis, doctor eximius, doctor seraphicus, doctor subtilis, doctor angelicus* e, assim, sucessivamente. Os símbolos de *doctor* querem indicar uma graduação gradativa que o autor conseguiu.

No caso, o angélico dos anjos, é a superação do homem, é o saber tomado em aspecto genérico<sup>23</sup>.

---

<sup>22</sup> *Kadosch* (em hebraico, “o puro”, aquele que atingiu a purificação, que é sábio, que é filósofo. É *sanctus, sanctus, sanctus; mega, mega, mega*; o que alcança o mais alto grau.

<sup>23</sup> Este é o sentido de “angélico” em Tomás de Aquino, já que a própria Igreja, usa estes títulos que são do grau que a pessoa alcançou. Os graus iniciáticos nem sempre são assim entendidos. Para nós, há uma iniciação cristã, mas não é qualquer tipo de iniciação.

## Capítulo 5

### O livro dos sete selos dado ao anjo entre as aclamações de toda a criação

1 – **Vi na mão direita**, que indica poder, domínio, porque é com ela que a maioria tem mais facilidade de trabalhar, de atuar, do que com a esquerda, **do que estava sentado sobre o trono, um livro escrito por dentro e por fora, selado com sete selos**. Alguns autores católicos interpretam o “escrito por dentro e por fora”, alegando que nessa época (além do papiro ser muito caro) era costume, para aproveitar-se o espaço, escrever-se dos dois lados do mesmo rolo, por isso, João empregou esta expressão. Segundo os professores de Salamanca esta interpretação é ridícula. Ela se referia (como o no sentido das ciências), ao que constitui a intimidade, a interioridade e a exterioridade das coisas. Portanto, um livro que representa os dois lados do conhecimento, tem sete selos, símbolo dos sete dons do Espírito Santo, a marca da sua presença.

2 – **E vi um anjo forte que dizia em alta voz: quem é digno de abrir o livro e de desatar os seus selos?** A idéia de selos indica o que está oculto e desatá-los significa penetrar nos arcanos, nos conhecimentos ocultos.

3 – **Ninguém podia, nem no céu, nem na terra, nem debaixo da terra abrir o livro, nem olhar para ele**. Não eram capazes de decifrar todo conhecimento da intrincidade e da extrincidade de todas as coisas, já que está escrito por dentro e por fora, o que nenhum ser deste mundo era capaz de fazê-lo.

4 – **Eu chorava muito, por ver que ninguém foi achado digno de abrir o livro, nem de olhar para ele**. Não havia ninguém, nenhum anjo ou ser que fosse capaz de olhar e conhecer totalmente aquele livro, ou seja, de ter conhecimento absoluto de todas as coisas.

5 – **Então um dos anciãos me disse: não chores, eis que o leão da tribo de Judá, da estirpe de Davi - Jesus é o leão e o cordeiro que, pela sua vitória, alcançou o poder de abrir o livro** pois, pela sua iniciação interna, chegou a este ponto, **e desatar os seus sete selos**.

6 – **Olhei e vi no meio do trono e dos quatro animais e no meio dos anciãos um cordeiro**, o cordeiro também tem uma ambivalência com o leão já que, na simbólica cristã, ambos ficam junto a Cristo; o que indica a ferocidade do leão dominada pela mansuetude do cordeiro que dá a bravura superior do homem, **como morto**, como imolado, como se tivesse sido usado em cerimônia religiosa, num sacrifício (estava de pé), **que tinha sete chifres e sete olhos**. Os sete chifres indicam

sete forças, sete poderes, os dons do Espírito Santo que abrem os olhos para todas as coisas. **São os sete espíritos de Deus, mandados por toda a terra.**

7 – **E veio e tomou o livro da mão direita do que estava sentado no trono**, ele tomou o livro do Pai e então veio a ser; transformou-se; é um *Logos*, porque já tem esse conhecimento.

8 – **E, tendo aberto o livro, os quatro animais e os vinte e quatro anciãos se prostraram diante do cordeiro, cada um com suas cítaras e suas redomas de ouro, cheias de perfumes que são as orações dos santos.** Os perfumes são as boas obras; o que delas emana são as orações dos santos.

9 – **Cantavam um cântico novo dizendo: digno és Senhor de tomar o livro e de desatar os seus selos, porque fostes morto e nos resgatastes para Deus pelo teu sangue de toda tribo, língua, povo e nação.** Nos libertaste das condições inferiores em que estamos neste mundo, separados uns dos outros apenas pelo sangue, pela língua, pela etnia e pela nação.

10 – **E nos tens feito para o nosso Deus reis e sacerdotes e reinaremos sobre a terra;** porque vamos dominar e, dominando a nós mesmos, dominamos o mundo.

11 – **E olhando vi a voz de muitos anjos em derredor do trono dos animais e dos anciãos e eram milhares de milhares.** O poder, as riquezas, a sabedoria, a honra, a glória, tudo é sem fim.

12 – **Que diziam em alta voz: digno é o cordeiro que foi morto, de receber a virtude, a divindade, a sabedoria, a fortaleza, a honra, a glória e a benção.**

13 – **A toda criatura que há no céu e sobre a terra e debaixo da terra as que há no mar, e quanto ali há ouvi dizer a todas: ao que está sentado no trono e ao Cordeiro, benção, honra, glória e poder pelos séculos dos séculos.**

14 – **E os quatro animais respondiam amém. Os vinte e quatro anciãos se prostraram sobre os seus rostos e adoraram aquele que vive pelos séculos dos séculos.**

Todos os seres que estão na terra, acima e abaixo, estão bendizendo o cordeiro e, também, os quatro animais, os quatro elementos, que declararam que Cristo é o Salvador, que limpou os erros, carregando sobre si o pecado do mundo e nos leva à cidade de Deus, para a qual partiremos depois desta longa iniciação.

Este capítulo é interpretado, pelos professores de Salamanca, tendo Cristo como tema central como Redentor, como Cordeiro, imolado pelos pecados do mundo. Não se trata de adoração do Deus criador, que é o argumento principal do capítulo anterior, mas do Cristo glorioso, vencedor por sua paixão, por sua morte redentora. E o fato de estar selado o livro com sete selos não simboliza o caráter, até então secreto dos decretos divinos, mas sim o costume de fechar os testamentos com sete selos de diversas testemunhas.

Quanto ao leão de Judá, se refere à benção messiânica dada por Judá. São João viu um cordeiro que estava em pé como que degolado – é o cordeiro pascal imolado para a salvação do mundo eleito. Imagem que tem sua origem no Antigo Testamento, por isso também São João é apresentado como o cordeiro que tira os pecados do mundo, aludindo à sua mansidão, à sua humildade, à sua inocência, à sua santidade. Todavia o cordeiro se apresenta de pé, pois, apesar de imolado está na posição (ainda) de vencer a morte. Aliás, está vencendo a morte com a sua ressurreição. Os sete cornos simbolizam a plenitude, sede do poder da força do mesmo. A imagem do cordeiro com os sete cornos significa o poder *omnino* de que goza Jesus Cristo<sup>24</sup>.

João serviu-se dessa imagem para simbolizar uma realidade muito superior: a onipotência divina de Cristo, pois ele é o único em toda criação capaz de conhecer e dirigir o futuro do universo. O cordeiro também aparecia com sete olhos, que diziam: onisciência e providência universal e, ao se aproximar do trono, recebe o livro das mãos de quem nele está sentado. O cordeiro, obviamente, não ia pegar o livro porque não tinha mãos. É um símbolo.

Este cântico corresponde à nova ordem instaurada por Cristo, a suprema intervenção divina nos ensinamentos da humanidade, por intermédio da morte redentora do cordeiro. O tema central é a redenção levada a cabo por ele que resgatou com seu sangue a humanidade conferindo a todos dignidade de reis e sacerdotes. Todos os cristãos começaram a reinar espiritualmente desde que Cristo foi glorificado, e são poderosos diante de Deus por sua intercessão. Vem a ser o sacerdócio real porque, muito mais que os sacerdotes da antiga aliança, eles podem se aproximar de Deus para interceder pelos homens.

Mais que o Cordeiro eles são dignos de receber o poder, a riqueza, a sabedoria, a fortaleza, a honra, a glória, a benção: os sete termos honoríficos que indicam a plenitude da dignidade da obra redentora de Cristo.

---

<sup>24</sup> Seria um erro imaginar-se Jesus Cristo como uma realidade com sete cornos e sete olhos. Alguns intérpretes fizeram estas afirmações, mas elas são símbolos.

## Capítulo 6

### O cordeiro abre os seis primeiros selos

1 – **Vi que o cordeiro abriu um dos sete selos**, pela concentração do pensamento ele atingiu a consciência divina, completou a plenitude dos dezenove atributos e, ao abrir um dos selos, foi abrindo o mundo interior, o mundo interno do homem e **ouvi que um dos quatro animais dizia como em voz de trovão: vem e vê.**

2 – **Olhei e vi um cavalo branco**, símbolo da brancura que é o da pureza e o que estava montado nele, tinha um arco e **lhe foi dada uma coroa e saiu vitorioso para vencer.** Simbólica presente nos quatro cavaleiros, nos quatro cavalos, na visão de Zacarias, mas que aqui tem outro sentido. O cavalo branco é o corpo mental e o arco é o pensamento divino, a mente a iluminar a parte inferior. É como Apolo, o sol, o arqueiro na simbólica grega, a quem foi dada a coroa e que, pela sua resistência, pelo seu esforço na sua iniciação, saiu vitorioso para que também vencesse, e se tornasse senhor, luz do mundo mental.

3 – **Tendo aberto o segundo selo, ouvi o segundo animal que dizia: vem e vê.**

4 – **Saiu outro cavalo vermelho**, vermelho ígneo é o mundo passional e **foi dado poder ao que estava montado sobre ele, para que tirasse a paz da terra, que se matassem uns aos outros, e foi-lhe dada uma grande espada;** pois as paixões do mundo inferior se liquidam umas às outras.

5 – **Tendo aberto o terceiro selo**, quando o *Logos* abriu-o, **ouvi o terceiro animal que dizia: vem e vê, e apareceu um cavalo negro.** Este é o corpo dos baixos desejos, dos sentimentos inferiores. **E o que estava montado sobre ele tinha na sua mão uma balança**, símbolo da justiça, mas, também, daquele que está ansioso por conhecimento, pelo equilíbrio.

6 – **Ouvi como que uma voz no meio dos quatro animais que dizia: meia oitava de trigo valerá um dinheiro e três oitava de cevada um dinheiro, mas não faças dano ao vinho e nem ao azeite.**

Nesta época houve uma grande crise devido ao preço elevado do trigo, o que fez com que as autoridades importassem grãos. Os agricultores, temerosos de que o preço baixasse, abandonaram o plantio e começaram a produzir vinhas e azeitonas. A escassez do trigo pode significar a escassez de alimento. O vinho, como

símbolo do espírito e o azeite como produtor de luz, também indicaria: “não façam dano ao vinho e ao azeite, não permitas que o espírito e a luz deixem de brilhar”.

**7 – Tendo aberto o quarto selo, ouvi a voz do quarto animal que dizia: vem e vê.**

**8 – E apareceu um cavalo amarelo**, o cavalo amarelo avermelhado (amarelo laranja) é a cor do iniciado; vermelho azulado é a púrpura, azul púrpura – cor do místico devoto. E este cavalo amarelo **e o que estava montado sobre ele, tinha por nome Morte**. O corpo, quando o espírito perde a sua origem espiritual e volve-se para o mundo inferior, tende para a morte. **E seguia-o, o inferno**, todas as perturbações provenientes dos conflitos das paixões. **E foi-lhe dado poder sobre as quatro partes da terra, para matar à espada, à fome, pela mortandade e pelas alimárias da terra**. As paixões excitadas matam-se umas às outras; tendem a extinguir todo o domínio do iniciado.

**9 – Aberto o quinto selo, vi debaixo do altar as almas dos que tinham sido mortos por causa da palavra de Deus e pelo testemunho que tinham dado dele**. Os que haviam sido sacrificados e dado o testemunho divino.

**10 – E clamavam em alta voz dizendo: até quando Senhor, (Santo e Verdadeiro) dilatas tu por fazer-nos justiça e vingar nosso sangue dos que habitam sobre a terra?** Quer dizer, permitir o atrofiamento das paixões.

**11 – Foi dada a cada um deles umas vestiduras brancas**, elas são o símbolo da luz, da posse da luz, do vencedor espiritual, que virá sempre de branco. **E foi-lhes dito que repousassem ainda um pouco de tempo**, aguardassem, **até que se completasse o número de seus conversos e de seus irmãos, que haviam de padecer, como eles, a morte**.

**12 – E olhei quando abriu o sexto selo e eis que sobreveio um grande terremoto e se tornou o sol negro como um saco de silício**. Ele tornou-se obscuro, não havia possibilidade de pensar. **E a lua se tornou toda como sangue**. O intelecto se apagou porque as paixões dominaram.

**13 – As estrelas caíram do céu sobre a terra como quando a figueira, agitada de uma grande vento, deixa cair os seus figos verdes**, ou seja, os pensamentos superiores do intelecto desceram para o mundo inferior.

**14 O céu se recolheu como um livro que se enrola e todos os montes e ilhas se moveram dos seus lugares**.

**15 – Os reis da terra, os príncipes, os tribunos e os ricos e os poderosos, assim como todos os servos e livres se esconderam nas cavernas**

**entre os penhascos dos montes.** Todas as faculdades, todos os regentes da terra, os príncipes, os ricos, acabaram-se ocultando nos refúgios do psiquismo inferior.

**16 – E diziam aos montes e aos rochedos: cai sobre nós e escondei-nos de diante da face do que está sentado no trono e da ira do Cordeiro.**

**17 – Porque chegou o grande dia da ira deles e quem poderá subsistir?** Porque os maus, eles sabem que são maus; não lhes restará nenhuma solução, não encontrarão uma solução para si; sabem que cairá sobre eles os montes e os rochedos, porque não podem ficar face a face ante Aquele que está sentado no trono e enfrentar a ira do Cordeiro, Daquele que atingiu os dezenove atributos.

No primeiro selo aparece um cavalo branco e quem o monta leva um arco e recebe uma coroa, símbolos de vitória, de poder. Em geral os católicos a interpretam (no caso a vitória) como referência às contínuas e sucessivas ameaças dos bárbaros ao Império Romano. O que saía vencedor estava preparado para vencer ou seja, tem possibilidades de ainda vencer, porque a luta do homem na sua iniciação é constante, com sucessivas vitórias.

A visão dos quatro cavaleiros inspira-se na simbologia de Zacarias, na qual os flagelos que podem recair sobre o mundo são trazidos pelas guerras, pela fome, pela peste e pela morte. Para os católicos, o primeiro cavaleiro é o flagelo das invasões bárbaras e São João, neste caso, se referia a eles. Quanto ao segundo selo, o cavaleiro de cor vermelha, cor de sangue, ao qual é dado uma grande espada, tem o poder de desterrar a paz da terra e fazer com que os homens se destruam uns aos outros. Para os católicos, representava as lutas das legiões, do reino da Gália, da Grécia, da Ásia, sob o comando de Galba, Vitélio, Vespasiano, dos quais São João teria conhecimento e, pelo próprio contexto da obra, lhe interessaria como símbolos. Mas do quê? Das paixões porque, na verdade, Galba, Vitélio, Vespasiano estavam movidos por elas, por vontade de domínio, por desejos de exercer o poder sobre os outros, de imporem a sua vontade, e isto é que os fazia destruir e desterrar a paz sobre a terra.

O terceiro selo é do cavaleiro negro que leva na mão uma balança, interpretada como a do mercador que pesa o produto e, pelo peso, cobra o preço. Ao nosso ver uma interpretação primária. Ele não tem o sentido da carestia e da fome, pois leva a balança para julgar; símbolo do julgamento, do juízo, da comparação entre os opostos.

Após a guerra vem a peste representada pelo quarto cavalo de cor verde-claro (a do cadáver em putrefação), chamada mortandade, ou melhor morte (como é simbolizada) e pode ser tomada em sentido não só referente à morte do corpo, mas, também, à do espírito; quando este decai e se deixa dominar pelo psiquismo inferior.

Os mártires tem a túnica branca, símbolo daquele que triunfou porque, no *Apocalipse*, os que venceram vestiram-se de branco e participaram do triunfo e da glória celeste, pois morreram pela defesa daqueles atributos e alcançatsm uma vida superior.

## Capítulo 7

### Os servos de Deus serão marcados com um selo antes da catástrofe

1 – **Depois vi quatro anjos que estavam sobre os quatro ângulos da terra**, vendo claramente as quatro dimensões, **tendo na mão os quatro ventos da terra, para que não assoprassem sobre a terra, nem sobre o mar, nem contra árvore alguma**. Estes anjos seriam os que governam os quatro princípios portadores do mal e que não deveriam atuar naquele momento.

2 – **Vi outro anjo, que subia da parte do nascimento do sol**, do oriente, de onde ele nasce, **tendo o sinal do Deus vivo e clamou em alta voz aos quatro anjos a quem fora dado o poder de fazer mal à terra e ao mar**.

3 – **Dizendo: não façais mal à terra, nem ao mar, nem às árvores até que assinalemos os servos de nosso Deus, nas suas testas**. Esta simbólica dos quatro mares é clara, proveniente daqueles que os dominam, que os governam, e não devem atingir os assinalados nas suas testas como servos do nosso Deus cuja iniciação atingiu aquele grau.

4 – **Ouvi o número dos que foram assinalados que eram 144 mil de todas as tribos dos filhos de Israel**. Filhos de Israel significa os iluminados, os que já foram iniciados. Discute-se, entretanto, este número que representa a multiplicação de 12 por 12. Para os hindus 144.000 seriam as 12 horas da noite e as 12 horas do dia multiplicados por 1.000, um com três zeros que são as negações, o afastamento e a afirmação completa da unidade. A soma de 144.000 é  $1 + 4 + 4 = 9$ , símbolo da totalidade cósmica.

5 – **Da tribo de Judá, doze mil assinalados**. Na simbólica hebraica a tribo de Judá é a faculdade do espírito; de onde veio Cristo. **Doze mil assinalados, da tribo de Rubem** significa a percepção. **Da tribo de Gad, 12.000 assinalados**, significa a memória.

6 – **Da tribo de Aser 12.000**, símbolo da vontade. **Da tribo de Nephitale 12.000 assinalados**, tribo da iluminação do egoísmo. **Da tribo de Manassés 12.000 assinalados**, símbolo do juízo.

7 – **Da tribo de Simeon**, o símbolo é o conhecimento, **12.000 assinalados**. **Da tribo de Levi**, o símbolo é a associação, **12.000 assinalados**. **Da tribo de Issacar**, tribo da oposição amor e ódio, **12.000 assinalados**.

8 – **Da tribo de Zabulon**, da fecundidade, **12.000 assinalados**. **Da tribo de José**, que representa o psiquismo inferior, **12.000 assinalados**. **Da tribo de Benjamim**, que aponta a tribo da aflição, da ansiedade, **12.000 assinalados**.

9 – **Depois disto vi uma grande multidão que ninguém podia contar**; são as inúmeras ordens hierárquicas superiores; **de todas as nações, tribos e povos e línguas que estavam em pé e à vista do Cordeiro cobertos de vestiduras brancas e com palmas na mão**. Ante Cristo esta multidão de roupas brancas está na luz pura, na pureza e levam palmas: sinal do triunfo da iniciação.

10 – **Clamavam em voz alta dizendo: a salvação ao nosso Deus que está sentado sobre o trono e ao Cordeiro**.

11 – **Todos os anjos estavam em pé, em redor do trono, dos anciãos e dos quatro animais e se prostraram ante o trono sobre seus rostos e adoraram a Deus**, para receber a sua luz, o seu poder.

12 – **Dizendo amém, benção, claridade, sabedoria e ação de graças, a honra, a virtude e a fortaleza ao nosso Deus pelos séculos dos séculos. Amém**.

Outra vez seteatributos: claridade, sabedoria, ação de graças, honra, virtude, fortaleza e benção.

13 – **E respondeu um dos anciãos: estes que estão cobertos de vestiduras brancas quem são e donde vieram?**

14 – **Eu lhe respondi: meu Senhor tu sabes. E ele disse: estes são os que vieram de uma grande tribulação, lavaram as suas roupas e as embranqueceram no sangue do Cordeiro**. O sangue do cordeiro sendo vermelho não poderia, em sentido literal, embranquecer as roupas.

15 – **Por isto estão ante o trono de Deus e o servem de dia e de noite no seu templo e o que está sentado no trono habitará sobre ele**.

16 – **Não terão fome nem sede**, não terão mais fome – símbolo do saber – nem sede – ,símbolo da justiça – ,porque já atingiram a beatificação. **Nem cairá sobre eles o sol, nem ardor algum**.

17 – **Porque o Cordeiro está no meio do trono e os guardará e os levará às fontes das águas da vida e Deus enxugará toda lágrima dos olhos deles**, seus olhos, representam o triunfo final que lhes dará.

Dentre as inúmeras interpretações, o capítulo 7 estaria ligado ao sexto selo, vindo a ser uma resposta ao grito desesperado dos inimigos do Cordeiro à pergunta: quem poderá se manter em pé? Expressão que se refere aos preservados. Mas quem são eles? São os fiéis, por isso, antes de abrir o sétimo selo, o anjo de Deus marca os escolhidos com um sinal na fronte que os vai diferenciar. O iniciado distingue-se pelo sinal da iniciação. Naturalmente que isto não quer dizer que seja um sinal visível aos olhos carnis, mas sim aos olhos do espírito. Esses quatro ventos seriam os quatro cavaleiros do Apocalipse, os quatro flagelos e os anjos que regem, portanto, impedem que soprem sobre a terra, por decreto da justiça divina. Para os professores de Salamanca, São João afirma, e com bastante clareza, que todos os elementos que compõe o cosmos e as condições metereológicas dependem da vontade de Deus. Não é uma interpretação sem fundamento, porém, dentro do contexto simbólico do Apocalipse, não significa só isso; quer dizer apenas que todos esses males não poderão advir no sentido também simbólico aos que estão iniciados.

Além desses quatro anjos, São João vê um quinto que vem do oriente, onde nasce o sol. É o portador, o anunciador da luz, da salvação e leva o selo de Deus vivo, com o qual vai marcar os servos. O sinal na fronte indica a proteção divina que pertence a Deus e ao Cordeiro. De certa forma o uso da simbólica do selo era bastante comum porque, nesta época, eles eram um espécie de forma negativa que estampava sobre as coisas a imagem daquele que ia dar a sua marca, o seu sinal; daí a expressão: “eles são marcados”.

No Êxodo, quando chega a décima praga sobre o Egito, Deus manda que um anjo marque com o sangue do cordeiro pascal, as casas dos hebreus para sejam libertos desta maldição.

No caso dos números, os professores de Salamanca reconhecem que é um número simbólico, resultado da soma de 12.000 assinalados, escolhidos de cada uma das doze tribos de Israel, 12 vezes 12 mil o que seria uma grande multidão<sup>25</sup>.

João coloca a tribo de Judá em primeiro lugar, pois dela veio o Messias. A tribo de Dan não é nomeada, porque a tradição judaica a apontava como maldita já que dali sairia o Anticristo (que seria judeu). Para dar o número doze, a tribo de José foi dividida em duas: a de Efraim (chamada José) e de Manassés (que fazia parte da de José).

Depois que ele contempla os 144.000 marcados ou selados, vê, no céu, uma grande multidão de eleitos de todas as nações, incontáveis em número, que estavam de pé diante do trono e do cordeiro.

---

<sup>25</sup> Para alguns católicos era o número de cristãos que seriam poupados. A nosso ver não tem fundamento.

A Igreja está composta de todas as raças, nações e iniciados. Os vestidos brancos significam a pureza e as palmas, o triunfo, a felicidade celeste<sup>26</sup>.

O mais importante é o “amém” dado pelos mártires e por todos os anciãos. A lavagem das túnicas, o ato de branqueá-las com o sangue do cordeiro – o “sangue\_de Cristo” – é Seu espírito que lava e purifica as almas dos pecados contraídos, como a fonte da vida. É o “Bom Pastor”, aquele que conhece as suas ovelhas e as defende dos lobos.

---

<sup>26</sup> As palmas são usadas pelos cristãos como símbolo do que venceu e triunfou no mundo.

## Capítulo 8

### Sétimo selo

1 – **Tendo aberto o sétimo selo**, que é o último, **fez-se um silêncio no céu, de quase por meia hora**. Tempo necessário para uma meditação profunda. O sétimo selo é a mística da meditação e do silêncio.

2 – **Vi sete anjos que estavam de pé diante de Deus aos quais foram dadas sete trombetas**. Depois do iniciado atingir este grau elevado recebe sete trombetas, cujo som vibrante é o símbolo da palavra, do pensamento agudo e poderoso.

3 – **E veio um outro anjo e parou diante do altar, tendo um turíbulo de ouro. Foram-lhe dados muitos perfumes das orações de todos os santos, para que os pusessem sobre o altar de ouro que estava ante o trono de Deus**. Cabe ao sacerdote queimar o incenso no serviço de Deus? Porém que incenso? O do seu serviço, do seu amor no lugar santo, antes de poder penetrar ao santo dos santos e este é dado pelo próprio esforço, pelo serviço, para que acrescentasse as orações de todos os santos, daqueles que sofreram das mesmas situações sobre o altar de ouro, que estava diante do trono.

4 – **E subiu um fumo dos perfumes**. Perfume é símbolo do pensamento mais sutil, **das orações dos santos, da mão do anjo, diante de Deus**.

5 – **O anjo tomou um turíbulo**, um incensário, que é o pensamento e **o encheu de fogo do altar**, do fogo do amor do coração e **lançou sobre a terra e logo se fizeram trovões, estrondos e relâmpagos que produziram um grande terremoto**. O mundo inferior, ao receber as energias, com a força poderosa desencadeada por todos esses símbolos, vem a ser o símbolo do desencadeamento das paixões.

6 – **Então os sete anjos, que tinham as sete trombetas prepararam-se para tocá-las**. Sete trombetas, talvez, sejam as sete vogais da palavra sagrada e perdida de que falavam os antigos. E eles se prepararam para tocá-las e pronunciá-la.

7 – **O primeiro anjo tocou a trombeta e formou-se uma chuva de granizo e fogo misturado com sangue**, os pensamentos criados pelo intelecto e as paixões ardentes, que trazem esta marca do sangue **que foram arrojados à terra**, a parte inferior do nosso psiquismo: e a terceira parte das árvores erguem-se, levantam seus galhos para cima, seus caules: símbolo também do pensamento, e **foi**

**queimada, foi abrasada a terça parte da terra e toda a erva verde.** Assim foram queimados todos os sentimentos que mantêm o desejo.

**8 – E o segundo anjo tocou a trombeta e foi lançado no mar como um grande monte ardendo em fogo e se tornou em sangue a terça parte do mar.** Ardendo em fogo, em vibração, foi lançado no mar, no corpo dos desejos e a terceira parte do mar, os desejos carnis tornaram-se sangue.

**9 – E a terça parte das criaturas que viviam no mar morreu, assim como a terça parte das naus pereceu.** As criaturas que estavam no mar são os desejos do corpo na sua parte inferior, as quais tinham vida. Haviam-na recebido pelo intelecto. E a terça parte dos navios, as causas e os promotores que conduziam esses desejos, pereceram.

**10 - O terceiro anjo tocou a trombeta,** focalizou a terceira letra sagrada da palavra perdida **e caiu do céu uma grande estrela ardente como um facho e caiu sobre a terça parte dos rios e fontes.** Como está no alto, é a grande estrela ardente; símbolo do pensamento superior, sábio como um facho e cai sobre a terça parte dos rios; o nosso sistema simpático nervoso e sobre as fontes das águas, que são (naturalmente) os desejos e os prazeres.

**11 – O nome desta estrela é Absinto,** amargura, aquela que saboreia depois de cada prazer ilícito, a que se converte em dor e **a terça parte das águas se converteu em absinto, e muitos homens morreram por causa daquelas águas porque elas se tornaram amargosas.**

**12 – O quarto anjo tocou a trombeta e foi ferida a terça parte do sol, a terça parte da lua e a terça parte das estrelas,** pois focalizou a 4ª letra. A terça parte do sol é a mente (parte da mente). A terça parte da lua é parte do intelecto. A terça parte das estrelas é parte dos pensamentos produzidos. De forma que se neutralizaram essas forças pelo equilíbrio, que eleva a um plano superior. **E não era iluminada a terça parte do dia,** uma terça parte do conhecimento intelectual. **E também não era iluminada a terça parte da noite,** símbolo do instinto. **De maneira que se obscureceu a sua terça parte e o dia perdeu a terça parte do seu brilho, assim como a noite.**

**13 – E ouvi a voz de uma águia, que voava pelo meio do céu, a qual dizia em alta voz: Ai, ai dos habitantes da terra por causa das outras vozes dos três anjos que vão tocar a trombeta.** Ele viu e ouviu a voz de uma águia. A águia, um pensador que já recebeu a luz, que voava no meio do céu, voava na mente, dizendo em alta voz que aqueles que estavam corrompidos, por aquilo que constitui o desejo, iam sofrer as conseqüências das vozes dos três anjos que havia de tocar a trombeta.

Caracteriza a abertura do sétimo selo, o começo de uma nova série de catástrofes, que são enunciadas no decorrer do capítulo. Os habitantes celestes estão, neste momento solene, atônitos, guardam silêncio por meia hora (tempo necessário para a meditação profunda). É um sinal de uma espera ansiosa, pois todos estão tomados de terror! É o silêncio que precede a vinda do grande dia, da cólera. A cena passa (outra vez) do céu para a terra. A sétima trombeta anunciará uma nova série de flagelos.

Os autores católicos interpretam as calamidade deste setenário como castigos de Deus sobre todos os idólatras. Há uma mudança apenas de símbolo, mas a expressão é da mesma idéia. As calamidades vão alcançar (agora) não a quarta parte das coisas, mas um terço. É um progresso, dizem os professores de Salamanca, sobre o setenário precedente e comentam: na visão das trombetas, se advertem traços suficientes para estabelecer a identidade fundamental dos flagelos descritos nela com os que o profeta tinha visto preparar-se no céu. A destruição dos vegetais faz pensar na fome. As águas convertidas em absinto que fazem morrer os homens, tem relação com o quarto cavaleiro que carrega a epidemia (capítulos 6 e 7). Os santos (todos cósmicos) recordam os transtornos acontecidos no momento da abertura do sexto selo (capítulos 6 e 14). São imagens inspiradas nas “visões” da história das pragas do Egito e que pertencem à tradição apocalíptica judaica. São João teria, sem dúvida, se inspirado nelas, mas o símbolo tem um significado sempre correspondente ao contexto, sobretudo no caso em questão de um autor que fez uma obra, senão aparentemente, sem unidade. Se dermos outro sentido as suas palavras modificaremos também o sentido de outros símbolos, o que tornaria o texto incompreensível. As pragas do Egito, e mesmo aquelas que ameaçavam o mundo romano, na sua decadência, serviam de símbolo para o que poderia surgir no mundo cristão, ao não cumprir a orientação de Cristo, sobre o fortalecimento integral dos dezanove atributos e se tornar como essência da sua personalidade, a fim de poder imitar a figura de Cristo, aproximando-se dela, assemelhando-se, cada vez mais à ela.

O desencadeamento, que as próprias idéias superiores podem trazer sobre o que em nós é inferior, é compreensível porque elas, num terço (não na sua totalidade) podem despertar os baixos sentimentos, as baixas opiniões, as baixas perspectivas. Quantas grandes idéias nobres e divinas tem servido (naqueles que estão dominados pelo espírito satânico) para desenvolver, para despertar o que neles há de inferior... As grandes idéias, até nos maus, em vez de ajudá-los a se salvar, provoca-lhes, às vezes, uma revolta, uma obstinação; o caminho para as desordens maiores. Pode-se, até certo modo, comparar às calamidades provocadas pelas trombetas, com a narração, por exemplo, das pragas de Moisés no Egito. Mas não se pode tomar ao pé da letra, pois é uma parábola onde cada calamidade, vista em conjunto, refere-se a ação da justiça divina, a que opera sobre os homens.

Quanto às sete trombetas, a ação das primeiras quatro possibilita uma série de comentários para a boa compreensão e justificação da posição em face da hermenêutica do *Apocalipse*. O fato de grandes idéias provirem do alto não quer dizer, nem nos garante que elas, dentro de determinadas almas, sejam capazes de produzir os atos que lhe deveriam corresponder.

Esta é a razão pela qual os antigos tinham a preocupação de que o conhecimento superior só deveria ser dado àqueles que tivessem passado por uma iniciação, demonstrado serem possuidores dos atributos, como os de Cristo, porque, do contrário, uma grande idéia na mão de um homem impiedoso, do homem que não tem temor a Deus, que não é desinteressado, que não tem moderação na sua conduta, pode servir para mover os seus ímpetus inferiores e levá-lo a grandes desordens e ser um flagelo, não só para si como para os outros.

O Cristianismo é iniciático e não o sendo, não é Cristianismo, porque não é possível que não se compreenda que é preciso edificar o homem dentro daqueles dezenove atributos e que não o pode ser da noite para o dia, a não ser por uma graça divina. Há necessidade de uma longa preparação de cada um de nós. O que é exemplificado na vida dos santos, as lutas travadas consigo mesmos para poder alcançar, pouco a pouco, os degraus superiores da “escada mística”, e é, naturalmente neste sentido, a dos atributos de Cristo. É o que quis João dizer no seu Evangelho aos cristãos, não bastava alguém tornar-se cristão num momento de arrebatamento, em que a conversão se manifestasse. O cristão precisa ser edificado.

## Capítulo 9

### As sete trombetas

1 – **O quinto anjo tocou a trombeta e vi que uma estrela caiu do céu sobre a terra e lhe foi dada a chave do poço do abismo.** Ele pronunciou a quinta letra e vi uma estrela (a imaginação atuando) caída do céu, portanto do mais alto da mente na terra, na parte inferior do psiquismo e a chave deste poço do abismo é a chave do inferno, o pensamento do psiquismo inferior.

2 – **Ela abriu o poço do abismo, e subiu fumo do poço como de uma grande fornalha e se escureceu o sol e o ar com o fumo do poço.** Do poço do abismo – o pensamento inferior – subiu o fumo que obscureceu o entendimento, o ar que é o pensamento superior, pelo fumo do poço, pelo ardor das paixões.

3 – **Do fumo do poço saíram gafanhotos para a terra e lhes foi dado um poder como tem poder os escorpiões da terra.** Deste poço do psiquismo inferior saíram os gafanhotos (as entidades criadas por ele) sobre a terra, sobre a parte física, tendo o poder dos escorpiões, o de envenenar e atormentar.

4 - **E foi lhe mandado que não fizessem dano à erva da terra, nem a qualquer verdura, nem a árvore, senão aos homens que não tem o sinal de Deus nas suas testas.** Ora, a erva já fora destruída. Se o texto não fosse simbólico teríamos uma incoerência, porque já estava queimada toda a erva sobre a terra. Ela representa o que brota, o que está surgindo, as novas idéias. Que não se fizesse dano ao que é novo, ao que está se formando, nem à verdura, nem à árvore alguma; é o símbolo do pensamento superior (como vimos no capítulo anterior) somente aos homens que não tem o sinal de Deus nas suas testas, os que não atingiram os graus iniciáticos dos dezanove atributos.

5 – **Foi-lhes ordenado, não que os matassem, mas que os atormentassem durante cinco meses e, o seu tormento é como o do escorpião quando fere o homem.** Esses escorpiões não tinham o poder de matar. Os gafanhotos tinham o poder dos escorpiões (animais simbólicos) e podiam atormentar pelo período de cinco meses.

6 – **Naqueles dias os homens buscarão a morte e não a acharão; desejarão morrer, e a morte fugirá deles,** porque ela não dá a libertação desse estado em que se encontram os que seguiram os caminhos desviados.

7 – **Os gafanhotos eram parecidos a cavalos aparelhados para a batalha e, sobre as suas cabeças, tinham umas como coroas semelhantes ao**

**ouro e os seus rostos como rostos de homens.** Os gafanhotos parecidos à cavalos aparelhados para a batalha são animais simbólicos. Eles levam na cabeça coroas que indicam poder semelhante ao ouro, que não é o poder legítimo, o que vem de cima mas sim o que vem de baixo, porque é o falso ouro. E os seus rostos eram como rostos de homem ainda na sua inferioridade.

**8 – Tinham os cabelos como os cabelos das mulheres e os dentes como dentes de leões.** Os dentes de leão estraçalham, cortam com facilidade.

**9 – E vestiam couraças como couraças de ferro e o estrondo das suas asas era como o estrondo de carros de muitos cavalos que correm ao combate.**

**10 – E tinham caudas semelhantes a dos escorpiões e havia agulhões nas suas caudas e o seu poder se cingia a fazer mal aos homens por cinco meses.**

**11 – E tinham sobre si por seu rei, o anjo do abismo, chamado em hebraico *Abaddon*. em grego *Apollyon*, que segundo o latim, quer dizer, “o Exterminador”.**

**12 – O primeiro “ai” já passou. Eis que se seguem ainda dois “ais” depois dessas coisas.** Os justos pronunciam “ai” ao assistir isso.

**13 – O sexto anjo tocou a trombeta e ouvi uma voz que saía dos quatro cantos do altar de ouro que está ante os olhos de Deus.**

**14 – A qual dizia ao sexto anjo que tinha a trombeta: solta os quatro anjos que estão atados no grande rio Eufrates.** Fronteira, neste tempo, com a Palestina.

**15 – Logo foram desatados os quatro anjos que estavam preparados para a hora, dia, mês e ano, para matarem a terça parte dos homens.**

**16 – O número deste exército de cavalaria era de 200 milhões.** Número que representa a dualidade cercada de zeros, de oito zeros, uma luta que perdura porque milhões, para ele, era um número de extraordinária imensidade. **E eu ouvi dizer o número deles.**

**17 – E vi, assim, na visão, os cavalos e os que estavam montados neles: tinham umas couraças cor de fogo, e de cor de jacinto e de enxofre; as cabeças dos cavalos eram como cabeças de leões e da sua boca saía fogo, fumo e enxofre.**

É a cavalaria infernal, porque o símbolo do fogo, fumo e enxofre – elementos do abismo – são sinais dos baixos sentimentos, dos baixos impulsos: as agonias dos estados que sobrevêm quando o que de nós é inferior, domina ou vence o que é superior. Quando os vícios nos dominam, as virtudes estão vencidas ou superadas pelo que é anti-virtuoso; quando os dons do Espírito Santo não exercem sobre nós um poder, uma força, uma capacidade maior de ação.

**18 – E, por estas três pragas: pelo fogo, pelo fumo e pelo enxofre que saiam da sua boca (símbolo do que ainda são pensamentos de baixo psiquismo) foi morta a terça parte dos homens.** A terça parte dos homens morre para esta elevação, para esta ressurreição dos dezoito atributos.

**19 – O poder dos cavalos está na sua boca e nas suas caudas, porque as suas caudas assemelham-se a das serpentes e tinham cabeças e com elas faziam mal.** Elas envenenam, danam, criam remorsos.

**20 – Os outros homens que não foram mortos por estas pragas não se arrependeram das obras das suas mãos para que não adorassem os demônios e os ídolos de ouro, de prata, de cobre, de pedra e de madeira, que não podem ver, nem ouvir, nem andar.** Esses ídolos, entidades das trevas, não possuem o ouro do espírito, que é a sabedoria, e nada podem fazer.

**21 – E não fizeram penitência dos seus homicídios, nem de seus malefícios, nem das suas prostituições, nem dos seus furtos.**

Esses animais, que são ao mesmo tempo, gafanhotos, escorpiões, cavalos com rosto de homem, cabelo de mulher, dentes de leão e cauda de escorpião, - figuras bastante complexas - são símbolos. João os reúne para compor os animais mitológicos que simbolizam, no caso presente, a rapidez do cavalo, a sagacidade do homem, a malícia do homem, o atrativo da mulher, a força do leão, a voracidade do gafanhoto e o veneno do escorpião. Tratam-se de forças do baixo psiquismo, também ligado aos ímpetus do nosso corpo que destruirá, matará o que há de superior em um terço da humanidade. Porém, os homens marcados pelo selo divino, nada sofrerão. Eles foram iniciados, realizaram em si os dezoito atributos de Cristo.

A morte desses homens significa a morte para a vida superior. Os professores de Salamanca citam a “visão dos gafanhotos”, talvez como uma alusão a um fato histórico: a invasão dos partos. Contudo, numa interpretação quase tradicional, aceita por comentaristas da época de Andréa de Cesaréia, vê os gafanhotos como o símbolo dos tormentos espirituais, provocados pelos demônios na consciência dos homens. Os maus espíritos atacariam com perturbações e

remorsos de consciência tão fortes, que os fariam desejar a morte, chamá-la, embora em vão...

Como nas quatro primeiras trombetas, também se pode alegorizar e aplicar a “lei da parábola”, que condiz com o conjunto da descrição.

A sexta trombeta está inserida no mesmo contexto simbólico das anteriores. O uso do fogo, do fumo e do enxofre – típicos das descrições demoníacas e do inferno – significam as idéias perturbadoras de origem inferior.

## Capítulo 10

### Um anjo com um pequeno livro

**1 – Depois vi outro anjo forte, que descia do céu, vestido de uma nuvem, como um arco-íris sobre a sua cabeça; o seu rosto era como o sol, e os seus pés como colunas de fogo.** Vestidos de nuvens ou seja, as nebulosidades que vem do alto, onde temos que penetrar para alcançar a pureza de verdade, pois são os mantos que cobrem a verdade, como o arco-íris sobre a cabeça que indica a presença das sete palavras da divindade, o rosto resplandecente como o sol e os pés como colunas de fogo.

**2 – Tinha na sua mão um livrinho aberto e pôs o pé direito sobre o mar e o esquerdo sobre a terra.** Estamos em oposição a um outro livro; esse contém algo das revelações que constavam do livro maior, fechado pelos sete selos. São as revelações que a nós podem chegar. Alguns interpretam esse pé direito sobre o mar e o esquerdo sobre a terra como o sinal do positivo e do negativo.

**3 – E gritou em alta voz, como um leão quando rugiu. Depois que gritou sete trovões fizeram soar as suas vozes.**

**4 – E como os sete trovões tivessem feito ouvir as suas vozes, eu me punha já a escrevê-las, mas ouvi uma voz do céu que me dizia: Sela as palavras dos sete trovões e não as escrevas.** “Sela as palavras dos sete trovões e não as escrevas”; guarda, silencia as palavras dos sete trovões e não as escrevas, porque é preciso guardar o segredo destes mistérios.

**5 – O anjo, que eu vira, de pé sobre o mar e sobre a terra, levantou a sua mão para o céu;**

**6 – e jurou, por aquele que vive pelos séculos dos séculos, desde todo o sempre, que criou o céu e tudo que nele há, a terra e tudo o que nela há, o mar e tudo que nele há, que não haveria mais tempo, não há mais demora;**

**7 – mas que nos dias da voz do sétimo anjo, quando começasse a soar a trombeta, se cumpriria o mistério de Deus, como ele o anunciou pelos profetas seus servos.**

**8 - Ouvi a voz do céu que falava outra vez comigo e que dizia: Vai e toma o livro aberto da mão do anjo, que está de pé sobre o mar e sobre a terra.**

**9 – Fui ter com o anjo, dizendo-lhe que me desse o livro. Ele respondeu-me: Toma o livro e come-o, assimila-o; ele te causará amargor no ventre, às baixas paixões: mas na tua boca será doce como mel,** mas no teu pensamento, no teu psiquismo superior, será doce como o mel. Sim, porque aquele que alcança mais alto, tem que vencer as paixões, apesar delas continuarem vivas, exigentes e amargurantes.

**10 – Tomei o livro da mão do anjo, e traguei-o, e na minha boca era doce como o mel, mas depois que o traguei, ele me causou uma dor no ventre – a parte inferior.**

**11 – Então disse-me: é necessário que ainda profetizes, a muita gente, povos, homens de diversas línguas e reis.**

São João não está mais no céu, mas na terra, e viu o anjo que desce do céu. É uma figura imensa, poderosa, porque tem os pés sobre a terra e sobre o mar. Vem envolto numa nuvem, símbolo da nebulosidade, que sempre acompanha, que encobre a verdade divina. Sobre sua cabeça, cores como as do arco-íris. É o halo glorioso, irisado que indica a sua glória espiritual, a sua procedência celestial e, ao mesmo tempo, símbolo das sete palavras, das sete cores, das sete palavras secretas, superiores, da sabedoria suprema. Seu rosto resplandece como fogo, como sol. É o esplendor da verdade, da iluminação, e seus pés são como colunas de fogo; característica de todas as aparições dessa espécie nos livros sagrados. Mas, quem é este anjo? Para alguns, Cristo mas, para outros, Gabriel, a força de Deus, o poderoso que traz uma mensagem porque, depois de anunciar todas as terríveis calamidades que vão cair sobre o homem, faz uma trégua para anunciar o que de benéfico e de glorioso está reservado aos iniciados. O anjo tem um aspecto importante e traz, nas suas mãos, um livrinho aberto, que está em oposição ao grande livro escrito de ambos os lados, coberto pelos sete selos. É a revelação que pode vir ao homem, dentro das suas proporções. Como é um livrinho contém poucos oráculos, mas o suficiente para revelar ao homem o que pode ser revelado (no estado em que ele está). O anjo emite um som como um rugido de leão o qual se converte em sete trovões – as sete revelações – ,mas que João, ao tentar escrevê-las, ouve uma voz que lhe diz para não o fazer. mas guardá-las. Deve silenciar, porque elas não podem ser escritas, nem divulgadas. Para os professores de Salamanca significa que João ouvira muitos segredos a respeito dos desígnios de Deus sobre a humanidade e que eles não seriam colocados por escrito e nem revelados; o que está de acordo com o *Livro de Daniel*: “Tu, Daniel, mantém em segredo estas palavras e sele o livro, até o tempo do fim”. Muitos autores tentaram penetrar no conteúdo dos sete trovões, mas é difícil determinar com certeza quais eram as suas mensagens. O que nos parece mais provável, e em conformidade com o teor do *Apocalipse*, é que o dito pelos trovões deve ser o anúncio de novas calamidades, relacionados com a mensagem do anjo. Talvez São João esteja proibido de revelá-los para não desalentar os cristãos.

Interpretação respeitável, mas em desacordo com o teor do *Apocalipse*, porque são sete os segredos, são os sete mistérios que permanecem no Cristianismo sem solução: o da encarnação, o do matrimônio, o da eucaristia e os outros que, apesar dos homens procurarem soluções, nunca poderão revelar. A Igreja não aceita uma solução definitiva, mas admite (e até estimula) que seus filósofos busquem a explicação. São as sete aporias fundamentais que o Cristianismo tem, para poder manter o seu espírito de religião, para que se justifique a fé. Do contrário não haveria justificação da fé e a religião seria reduzida à filosofia, perdendo o seu sentido religioso, pelo menos num dos seus aspectos fundamentais que exige a fé, um assentimento firme da mente sobre algo a que não se tem o menor temor de erro, mas que, também, não possui uma explicação suficiente.

E nesta atitude o anjo pronuncia a forma de juramento ( com a mão elevada para o céu) e, para que não haja dúvida alguma que o Deus verdadeiro é aquele põe e garante o que vai dizer, acrescenta: é o que criou o céu, a terra, o mar e tudo quanto neles existe. E o que jura? Jura que não haverá mais tempo. Ora, a palavra *tempo* significa, segundo os professores de Salamanca, dilação, espera; por conseguinte, que já não haverá mais dilação para o cumprimento dos juízos divinos que realizar-se-ão ao som da sétima trombeta, que logo virá.

São Paulo, em várias de suas epístolas, também nos fala do mistério de Deus (que era Jesus Cristo), em quem se acham escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência. O cumprimento desse tesouro é a esperança de que chegará o reino de Deus e de seus profetas, e que os católicos, em geral, interpretam, através do *Apocalipse*. Assim, quando soar a trombeta, se anunciará o último juízo e a retribuição definitiva e a Igreja militante, depois das lutas e perseguições sofridas neste mundo, obterá o triunfo último e inalienável. Só, então, os cristãos fiéis saciarão suas ânsias de salvação e de triunfo.

Para os professores de Salamanca estas palavras de São João pretendem apenas consolar e infundir ânimo aos cristãos decaídos. A certeza de que as promessas divinas se cumprirão logo, com o triunfo da Igreja sobre seus inimigos; pensamento apropriado para consolar e incitar o entusiasmo dos membros da Igreja perseguida (que pode ser interpretada em sentido iniciático) significando que, aqueles que alcançarem a plenitude dos dezenove atributos, neles se cumprirão as promessas divinas, e terão o triunfo do que é prometido.

Com referência ao livrinho que São João come, os professores de Salamanca interpretam que convém que o coma, que assimile bem o seu conteúdo para anunciá-lo, profetizá-lo a todos os povos e nações. Esta cena de João comendo o livrinho é copiada, indubitavelmente, do profeta Ezequiel que vê, na visão inaugural, um rolo escrito dos dois lados contendo lamentações, elegias e “aís” e uma voz do céu que ordena: “filho do homem, come isto que tens diante, come este

rolo e fala logo à casa de Israel. Eu abri sua boca e fi-lo comer o rolo dizendo: filho do homem enche o teu ventre, as tuas entranhas deste rolo que te apresento. Eu comi e senti que tinha o sabor do mel.” A ação de “comer o livro” significa apropriar-se intelectualmente do seu conteúdo. Mas, ao mesmo tempo, sente o amargo, porque também anuncia os sofrimentos temporais dos cristãos e a sorte trágica dos pagãos. Seu coração compassivo de Pai sente-se angustiado ao contemplar a ruína de tantos infiéis. A interpretação serve parcialmente porque, dentro do contexto iniciático, seria apenas os sofrimentos e as angústias pelas quais passa o ser humano, quando o seu espírito se eleva para o superior e não pode mais atender os ímpetos e as paixões que vem do psiquismo inferior e do corpo.

## Capítulo 11

### O anjo manda o profeta medir o santuário

1 – Depois, foi-me dada uma cana semelhante a uma vara e foi-me dito: Levanta-te e mede o templo de Deus e o altar e os que nele fazem as suas adorações.

2 – Mas o átrio que está fora do templo, deixa-o de fora e não o meças porque ele foi dado aos gentios e eles não de pisar com os pés a cidade santa por quarenta e dois meses.

3 – Darei às minhas duas testemunhas o poder de profetizar e eles vestidos de saco profetizarão por 1.260 dias.

4 – Estes são as duas oliveiras e os dois candeeiros, postos diante do Senhor da terra.

5 – Se alguém, pois, lhe quiser fazer mal, sairá fogo das suas bocas, que devorarão os seus inimigos; se alguém os quiser ofender, é assim que deve morrer.

6 – Eles tem o poder de fechar o céu, para que não chova pelo tempo que durar a sua profecia, e tem poder sobre as águas para as converter em sangue, e de ferir a terra com todo o gênero de pragas, todas as vezes que quiserem.

7 – Depois que tiverem acabado de dar o seu testemunho, a besta que sobe do abismo, fará contra eles guerra, vencê-los-á e matá-los-á.

8 – Os seus corpos jazarão estirados nas praças da grande cidade, que se chama espiritualmente Sodoma e Egito, onde também o Senhor deles foi crucificado.

9 – Os homens das diversas tribos, povos, línguas e nações, verão os seus corpos estirados durante três dias e meio, e não permitirão que eles sejam sepultados.

10 – Os habitantes da terra se alegrarão por causa deles, farão festas e mandarão presentes uns aos outros, porque estes dois profetas tinham atormentado aos que habitavam sobre a terra.

11 – Mas, depois de três dias e meio, o espírito de vida entrou neles, da parte de Deus, e eles se levantaram sobre seus pés e dos que os viram se apoderou um grande temor.

12 – E ouvi-se uma grande voz do céu, que lhes dizia: subi para cá. E subiram ao céu em uma nuvem e viram-nos os seus inimigos.

13 - Naquela hora sobreveio um grande terremoto, caiu a décima parte da cidade e no terremoto foram mortos sete mil homens e os demais foram atemorizados e deram glória ao Deus do céu.

14 – Passou o segundo “ai”, e eis aqui o terceiro, que cedo virá.

15 – O sétimo anjo tocou a trombeta e ouviram-se no céu grandes vozes que diziam: o reino deste mundo passou a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e Ele reinará pelos séculos dos séculos. Amém.

16 – Os vinte e quatro anciãos que diante de Deus estão sentados nas suas cadeiras se prostraram sobre seus rostos e adoraram a Deus dizendo:

17 – Graças te damos Senhor Deus onipotente que és, que eras e que hás de vir, por haveres recebido o teu grande poderio e entrado no teu reino.

18 – As nações se irritaram, mas chegou a tua ira, e o tempo de serem julgados os mortos e de dar a recompensa aos profetas, teus servos, aos santos e aos que temem o teu nome, aos pequenos e aos grandes e de exterminar aos que corromperam a terra.

19 – Então foi aberto no céu o templo de Deus, e apareceu a arca do seu testamento, no seu templo, sobrevieram relâmpagos, vozes, um terremoto e uma grande chuva de pedras.

Este é um dos capítulos mais importantes do *Apocalipse* e exige uma análise detalhada. Após utilizarmos os comentários dos professores de Salamanca, apresentaremos os nossos.

O episódio das duas testemunhas é um dos mais misteriosos do *Apocalipse*; contudo, se examinarmos atentamente o texto, veremos que São João quis contrapor o resultado da atividade das duas testemunhas às calamidades do flagelo da precedente. Trata-se simplesmente da antítese periódica que o autor costuma colocar depois do sexto momento do setenário – momento de harmonia – mudando a linha evolutiva até então apresentada.

O procedimento é semelhante ao do sexto selo, onde o vidente de Patmos opunha a prostração dos ímpios, feridos por grandes calamidades, à segurança e triunfo dos 144.000 e da grande multidão que afluía continuamente no céu. A praga, desencadeada ao toque da sexta trombeta, tinha levado os infiéis ao cúmulo da desesperação porque fizera sucumbir um terço da humanidade.

Não obstante, essa justiça vingativa não havia conseguido converter os pagãos, ao contrário, São João contempla a solicitude providencial de Deus sobre sua Igreja simbolizada pelas duas testemunhas. Ele as protege continuamente e as conduz a um triunfo através de lutas e dores. Este assombroso espetáculo da Providência Divina produz sobre os inimigos da Igreja um efeito que as calamidades precedentes não haviam conseguido. Faz-lhe abrir os olhos e dar glória a Deus. O alcance do oráculo do capítulo 11 não há de ser restringido sendo visto unicamente como uma predição da sorte de Jerusalém e dos judeus. Alguns autores crêem encontrar aqui um documento judaico adaptado por São João à sua finalidade teológica, mas as razões que apresenta o texto são diversas. O templo de Deus é o da cidade de Jerusalém, cognominada a “grande cidade”, expressão que, em outras passagens, designa Roma. Também é chamada a “cidade santa” que se refere à Jerusalém celestial. Os habitantes da terra são os que estão na Palestina e não os moradores de todo o mundo. É possível que a tomada de Jerusalém pelos romanos, no ano 70, tenha dado a São João os elementos para compor a cena, mas ela há de ser interpretada no sentido espiritual e aludindo a um fato universal. O templo de Jerusalém é o símbolo da Igreja, que será perseguida pelos gentios, isto é, pelo Império Romano e por todos os povos pagãos, mas a Igreja será preservada de todos os males futuros que, se acaso podem-na tocar, será unicamente em seu aspecto exterior.

São João tem uma visão na qual lhe entregam uma cana para medir e uma voz (provavelmente a de Cristo) lhe ordena medir o templo de Deus, o altar e os que adoram nele. A ação simbólica prescrita ao vidente é a mesma que encontramos no profeta Ezequiel quando, em Babilônia, e levado para Jerusalém, viu um anjo que mediu o templo e a cidade para a sua restauração. Isaias também anuncia que Edom será medido para reduzi-lo ao nada; por onde se vê que medir pode significar a preservação ou, também, a destruição.

No *Apocalipse* se faz medição em vista de resguardo. É uma ação de significado semelhante a de marcar os servos de Deus em suas frentes. Já não se trata do templo celeste, nem do altar do céu, mas do templo terrestre de Jerusalém que representa a Igreja e São João as mede simbolicamente para sua preservação. A ação de medir é equivalente ao marcado preservativo dos 144.000. A parte do templo que é medida está resguardada da profanação. As partes que João mede são o santuário, o altar dos holocaustos e o alto átrio onde este se achava ou seja, toda parte limitada por uma barreira de pedra, onde se via uma inscrição colocada em

diversos locais. Qualquer um, estranho à religião judaica que entrasse no interior da barreira que rodeava o santuário, teria por sua própria culpa, a morte. O templo de Jerusalém, edificado por Herodes, tinha 4 átrios com pórticos: o dos sacerdotes, o dos israelitas, o das mulheres e, o mais extenso, o dos gentios. São João recebe a ordem de deixar sem medir o átrio exterior e a cidade santa, Jerusalém, porque não serão preservados, serão entregues aos gentios durante quarenta e dois meses (três anos e meio).

O que significa esse número usado por ele constantemente? A cidade santa será profanada e as duas testemunhas profetizarão por 1.260 dias, ou seja, quarenta e dois meses.

A mulher que aparece no capítulo 12 que representa a Igreja, será protegida por Deus no deserto por um tempo, dois tempos e meio tempo (três anos e meio ou quarenta e dois meses) período em que a besta blasfemarà contra Deus. O *Livro de Daniel* nos dá a chave para entender o significado deste número – três anos e meio ou, também, de um tempo, dois tempo e meio tempo. O profeta nos fala da perseguição de Antíoco IV Epifanes, o qual desencadeou uma perseguição contra a religião judaica e profanou o templo de Jerusalém durante um tempo, dois tempos e meio tempo (três anos e meio, de 2 de junho do ano 168, até dezembro de 165 a.C.). Desde então a cifra se converteu na duração, tipo de toda perseguição, de toda época de crise. Isto significa que o número “três anos e meio” serve para simbolizar todo o período de perseguição contra a verdadeira religião, dure o que durar; é um número imperfeito, pois constitui a metade de uma semana de anos ou seja de sete anos, que é o número da perfeição no *Apocalipse*.

O sete é o número de iniciado ao alcançar o mais alto grau e, a metade dele, significa (em todas as ordens iniciáticas) o tempo necessário para alcançar o grau de Mestre, para entrar no 4º grau de iniciação; ponto de partida para a elevação superior, já que os três primeiros são, em parte, preparatórios.

Segundo os professores de Salamanca, a perseguição contra a Igreja não chegará a destruí-la pois seus perseguidores não alcançarão o seu objetivo. É possível que João esteja aludindo a profanação do templo de Jerusalém pelas tropas de Tito. Os zelotes tinham feito do templo uma fortaleza que resistira bravamente às investidas e as legiões romanas só conseguiram desalojá-los primeiramente do átrio exterior, mas a resistência foi tenaz e encarniçada nos átrios interiores e no santuário. Os romanos já se tinham apoderado da cidade santa, mas João se serve dessas imagens da Jerusalém terrestre para simbolizar a Igreja e a perseguição do Império Romano. O templo e os adoradores preservados da profanação significam a Igreja que, como instituição eterna, será mantida fora dos assaltos dos perseguidores que somente poderão feri-la em sua estrutura, em seu aspecto exterior. É o que parece significar os átrios entregues ou tomados pelas nações. Por sua vez, parece

ser um eco da profecia de Jesus sobre a destruição da cidade santa que será conquistada pelos gentios, até que se cumpram os tempos das nações. Durante 1.260 dias – período de tempo que perfaz três anos e meio – o Senhor enviará duas testemunhas vestidas de saco, encarregadas de profetizar e pregar a penitência, cuja atividade apostólica dura este tempo; período da profanação do átrio exterior conquistado pelas nações. Vão vestidos de saco, como os profetas do Antigo Testamento, em sinal de austeridade ante o mundo corrompido pelo pecado. Sua missão será um protesto contínuo contra a vitória aparente do mal e profetizam, pregam, como já o haviam feito os profetas antigos, a penitência com o fim de excitar nos pecadores o arrependimento.

Houve muita discussão sobre a personalidade dessas duas testemunhas, identificadas como Elias e Enoch. Seriam forças coletivas da Igreja? O testemunho dado por seus mártires e confessores, pela palavra e vida de todos aqueles dos quais vive e fala Cristo, constitui uma profecia contínua, que dura através dos 1.260 dias do triunfo do paganismo. As duas testemunhas apocalípticas representariam, portanto, todos aqueles que, nas perseguições de seu Evangelho indicariam a atividade apostólica e profética da Igreja, durante a perseguição. Para outros, ao contrário, as duas testemunhas de Deus representam Moisés e Elias – o profeta legislador e o profeta debelador da idolatria. Mas seriam símbolos: um da lei e outro dos profetas. Seriam os mesmos que apareceram na transfiguração falando com o Senhor?

O autor apresenta-as com traços de Moisés e Elias no versículo 5 e 6, mas isso é um artifício literário que não impede que as duas testemunhas descritas designem a Igreja com sua missão de dar testemunho; hipótese que encontra maior probabilidade no contexto da obra.

As duas testemunhas, que encarnam a ação da Igreja em meio de um mundo pagão, são descritas sob a imagem de duas oliveiras e de dois candeeiros colocados, diante do Senhor. Imagem tomada de Zacarias, onde o profeta vê duas oliveiras ao lado de um candeeiro ao qual subministra o azeite. O candeeiro simboliza o templo de Jerusalém em construção e as duas oliveiras são o sumo sacerdote Josué e o governador civil Zorobabel; que trabalhavam unidos na construção do templo e do povo de Deus. São João se serve dessa visão de Zacarias para expressar realidades cristãs. As duas oliveiras e os dois candeeiros do *Apocalipse* representam os interesses espirituais da Igreja. O Senhor os armou de seu poder para que possam defender-se de seus inimigos e neutralizar os portentos do Anticristo. Se alguém quiser prejudicá-los sairá fogo de sua boca, que consumirá os seus inimigos (versículo 5). Na literatura apocalíptica judaica se apresenta a si mesmo, o Messias, lançando fogo de sua boca contra os seus inimigos. Fogo, aqui, deve ser tomado em sentido simbólico, um efeito produzido pela pregação da Igreja. No *Antigo Testamento* se compara, às vezes, a pregação “ardente” de certos

profetas com o fogo. “Por que haveis dito tudo isto”, exclama Jeremias, “minhas palavras serão em vossas bocas fogo e este povo, qual montão de lenha e os abrasará”. No livro do *Eclesiástico*, referindo-se precisamente ao profeta Elias, está escrito: “como um fogo se levantou Elias, sua palavra era ardente como uma tocha”. A comparação se assemelha a das duas testemunhas consideradas pelo autor do *Apocalipse*, como dois candeeiros que, com sua palavra de fogo, iluminarão o mundo. O autor coloca nas duas testemunhas dados retirados de Moisés e Elias: “como este terão poder para suspender a chuva e para fazê-la cair, ainda mais, tem poder para converter água em sangue” como Moisés no Egito, quando fez desencadear a primeira praga e vir sobre a terra todas as outras com que castigou o faraó, até obter a liberdade de Israel.

A ação benfeitora das duas testemunhas, do mesmo modo que a de Moisés e Elias, está ordenada em proveito do povo de Deus, do verdadeiro Israel. Eles buscam com sua pregação a maneira mais apropriada de defender a Igreja dos seus inimigos. Ela será defendida e protegida por Deus até que consiga levar a feliz termo o seu ministério. Finalmente, Deus permitirá que surja uma besta do abismo, (uma potência estrangeira anti-religiosa) que os perseguirá, os vencerá, e lhes tirará a vida. Contudo a sua vitória será momentânea, porque Deus os fará reviver e reinarão com Ele para sempre. A besta que aparece por antecipação, sem ter sido apresentada, simboliza o Império Romano e, mais particularmente (talvez) o imperador Nero, figura do Anticristo e de todos os perseguidores da Igreja. São João descreverá, nos capítulos seguintes, as intervenções desta besta contra a Igreja de Cristo. Imagem retirada do profeta Daniel que retrata os impérios do Oriente na figura de diversas bestas: a quarta besta, terrível e forte, com grandes dentes de ferro - que devoravam e trituravam e pisavam as sobras com os pés - é o império Seleucida do qual saiu um corno que fazia guerra aos santos e os vencia. É Antioco IV Epífanes, o grande perseguidor do povo judeu, que profanou o templo dedicando-o a Júpiter Olímpico. A besta do *Apocalipse*, como o corno da quarta besta de Daniel, fará guerra às duas testemunhas, as vencerá e lhes tirar-lhe-ás a vida. Com isto São João parece indicar que as perseguições desencadeadas pelo Império Romano contra os cristãos vencerão aparentemente por algum tempo, a Igreja. As duas testemunhas mortas são o símbolo dos cristãos martirizados durante as violentas perseguições de Nero e Domiciano. A besta, depois de matar as duas testemunhas, deixa os seus cadáveres abandonados em meio da cidade para maior escárnio, e como pasto aos cães e às aves. Esta cidade é designada com os epítetos de “grande cidade” que, espiritualmente, se chama Sodoma e Egito, onde o Senhor foi crucificado. A nosso ver é a própria Jerusalém, a que mata os profetas e apedreja os enviados do Senhor. Esta parece ter sido a indicação de São João, ao afirmar que é a cidade onde Ele foi crucificado, designada respectivamente com o nome de Sodoma, devido às abominações e corrupções de costumes e de Egito, por ser a cidade perseguidora e opressora da Igreja. Jerusalém, que fora a cidade eleita por

Deus, para colocar nela a sua morada, se converteu em cidade vencida: o símbolo da oposição no Cristianismo.

Pelos *Atos dos Apóstolos* e outros escritos do *Novo Testamento*, sabemos como dela saíram delegações de judeus e pregadores da Sinagoga com o propósito decidido de combater e destruir a Igreja nascente. Jerusalém é aqui uma figura simbólica, como também o templo e as duas testemunhas e representa a Roma imperial, a grande Sodoma corrompida por inumeráveis crimes, tipo do mundo onde triunfam as forças do mal. Roma é o centro da perseguição contra a Igreja. Por que, então, o autor sagrado alude a ela e não emprega o nome de Babilônia, para designá-la, já que é o mais usado? Por que as visões de medição haviam tido por cenário Jerusalém? Porque para São João, Jerusalém era a grande apóstata, e porque a destruição da cidade no ano 70 d. C. se mantinha viva em sua memória. Os cadáveres das duas testemunhas permanecem insepultos na praça três dias e meio. Tempo que simboliza a curta duração do triunfo aparente e efêmero da besta e dos povos pagãos. A vitória durará tantos dias quantos anos durou a atividade vitoriosa das duas testemunhas, ou seja, que o triunfo será 360 vezes mais breve que a duração da missão das duas testemunhas. Com isto São João indica que o tempo de ilusão, dos que imaginam ter matado a Igreja, é muito curto.

As duas testemunhas mortas haviam pregado não só ao povo de Israel, mas também, à todas as nações (aquelas que anunciavam o juízo de Deus) por isso os povos, as tribos e as nações – ou seja, o mundo infiel – associam-se à obra da besta, não permitindo que os cadáveres das duas testemunhas sejam sepultados. Todos esses moradores da terra, expressão empregada por São João no *Apocalipse*, para designar os inimigos de Deus e de sua Igreja, se alegrarão ao ver mortos, os que os aborreciam com a sua palavra e, em sinal de alegria, dar-se-ão mutuamente parabéns. As duas testemunhas os atormentavam repreendendo seus vícios e ameaçando-os com os terríveis juízos de Deus. Suas palavras eram como dardos dos lanceiros que feriam sua vida dissoluta. A morte das duas testemunhas era motivo de grande regozijo e eles trocavam presentes entre si, como sinal de vitória e alegria. Na morte das duas testemunhas viam uma prova de que as divindades não aprovavam sua obra. Algo semelhantes fizeram os sacerdotes escribas judeus aos pés da cruz do Gólgota. A duração desta ilusão é muito curta: três dias e meio. Ao cabo deles o espírito de vida procede de Deus, entra neles, e lhes devolve a vida. Ressuscitaram pela virtude de Deus, e seus inimigos puderam contemplar o milagre. Ante semelhante prodígio os que o viram sentiram grande temor, que cresceu quando ouviram uma voz, que do alto clamava: “subi aos céus”. Eles obedeceram e subiram ao céu numa nuvem, ante o olhar atônito de seus inimigos. Era o triunfo total das duas testemunhas. O mundo lhes havia feito a guerra, mas o Senhor, cuja causa representava a terra, havia saído em sua defesa e lhes dera a vitória.

A ressurreição das duas testemunhas está descrita nas palavras do profeta Ezequiel que viu um campo coberto de ossos ociosos que, em virtude da palavra de Deus predicada pelo profeta, reviveram e ressuscitaram. A ressurreição desses ossos é uma imagem da ressurreição do povo judeu, de sua restauração depois do desterro babilônio. Por outro lado este relato e a ascensão das duas testemunhas parece se inspirar na ascensão de Nosso Senhor, na história de Elias e na lenda judaica de Moisés. Segundo Flávio Josefo, Moisés teria sido levado ao céu numa nuvem desde as cercanias de Jericó. As duas testemunhas que representam a igreja cristã perseguida, voltam encarnando as duas personagens do *Antigo Testamento* que também tinham sofrido por causa de Deus. O triunfo delas coincide com a ressurreição dos mártires, depois dos três anos e meio de perseguição. Simboliza a vitória da Igreja, inclusive o triunfo depois de qualquer perseguição, pois, como dizia Tertuliano: “*sanguis martirum seme Cristianorum*”, o sangue dos mártires semeia os cristãos.

Toda ressurreição da Igreja, toda nova manifestação exterior teria surpreendido e atemorizado o mundo pagão. O triunfo das duas testemunhas vai acompanhado de um terremoto na cidade que destrói a décima parte e mata 7.000. Cifras evidentemente simbólicas, significando que o grande número de pessoas de todas as classes sociais pereceram em castigo, por não haverem aproveitado a mensagem das duas testemunhas. O castigo relativamente moderado, se comparado com os precedentes, manifesta a bondade e a misericórdia de Deus, que dá tempo aos restantes para se converterem. Os evangelistas também falam de um tremor de terra que aconteceu quando da morte de Cristo e os profetas, de comoções cósmicas que costumam acompanhar os juízos divinos sobre Israel e as demais nações.

O castigo divino de que fala o autor do *Apocalipse* produziu, nas pessoas que não pereceram na catástrofe, grande espanto e esse terror foi o que lhes conduziu ao arrependimento e à conversão. Os que se liberam do castigo dão glórias a Deus no céu, se convertem ao monoteísmo, a religião do verdadeiro Deus. A atitude dos convertidos nos recorda o povo que baixava do calvário ferindo o peito e reconhecendo o seu pecado, depois de haver contemplado o tremor de terra e a morte de Cristo.

Segundo as interpretações dos professores de Salamanca, o segundo “ai” termina com a conversão daqueles que tinham sido libertados do castigo, embora fosse melhor dizer que o segundo “ai” é o que foi descrito no capítulo 9, versículo 12. João anuncia que o terceiro “ai” está a ponto de chegar. Corresponde a sétima trombeta e terá a sua realização na queda de Babilônia. Como a abertura do sétimo selo havia sido o sinal da execução dos decretos divinos, também o toque da sétima trombeta trará consigo a consumação durante todo o período final (bastante longo) e é quando se dará o mistério de Deus e se manifestará sua soberania efetiva. São João, ao perceber o som da sétima trombeta, ouviu dizer no céu que tudo havia

terminado. O vidente de Patmos, quando fala de fatos cuja realização não ocorreram em seu tempo, mas que se realizarão no futuro, não os costuma contemplar com os olhos, conhece-os unicamente por havê-los ouvido. São considerados pela maioria dos autores como intermédio, antecipação, descrição da consumação anunciada pela sétima trombeta. Ao chegar a vez do sétimo anjo, ele toca a trombeta e se ouve no céu potentes vozes que contrastam com o silêncio que havia seguido a abertura do sétimo selo. Estas vozes talvez sejam as dos quatro viventes que sustentavam o trono de Deus, já que se faz menção dos vinte e quatro anciãos que costumam aparecer em união com eles. Isto se entende melhor se levarmos em conta que, apesar do caráter flutuante das visões, o fundo da cena é sempre o mesmo desde o capítulo 4.

As grandes vozes que se ouviram no céu diziam: “já chegou o reino de nosso Deus e do seu Cristo sobre o mundo e reinará pelos séculos dos séculos”. Esta expressão não significa que o reino de Deus e de Jesus Cristo venha a começar, mas que já atingiu seu fim, conseguiu estabelecer-se para sempre. O “futuro reinará” não pode significar aqui outra coisa senão a continuação eterna de um reino já inaugurado em toda a sua perfeição e esplendor. Cristo o fundara com a sua vinda e agora, embora incipiente, se consolidará firmemente pelo triunfo sobre os poderes deste mundo, representados pela Roma pagã e perseguidora. Daqui por diante ninguém poderá deter sua expansão ampliadora e Deus reinará em sua Igreja para sempre.

O anúncio do reino do Senhor e seu Cristo, que aqui levam a cabo as vozes dos quatro viventes, nos introduz no coração da segunda parte do *Apocalipse*. Ao chegar esse momento do anúncio, tão desejado no céu e na terra, os vinte e quatro anciãos se prostram como na entronização do cordeiro e adoram o Senhor Todo-Poderoso dando-lhe graças por haver recobrado o seu poder e entrado em posse do seu reino. Por direito natural, todo o universo e quantos o habitam, sem excluir os homens, estão sob o poder soberano de Deus. Por algum tempo, Deus havia permitido a rebeldia dos homens, os quais em vez de reconhecê-lo como seu Senhor e protetor, ocultam as suas próprias obras transladando a ela os atributos divinos. Os anciãos dão por terminado. Deus recobrou seu grande poder, entrou em posse do reino que lhe tinham usurpado. Esta é a causa para que os vinte e quatro anciãos entoem um hino de louvor, no qual cantam a intervenção de Deus no mundo, com o fim de fazer triunfar definitivamente a sua Igreja. Dão graças por esta suprema manifestação do seu amor, de sua glória e também de sua justiça. Na fórmula “o que é, o que era”, omite-se a fase complementaria: “o que virá”, porque o reino de Deus já está presente e porque para o autor sagrado é tão certo seu estabelecimento que já o dá por realizado. É o que anunciava o anjo do capítulo 10, versículo sete, acerca da consumação do mistério de Deus.

O hino dos vinte e quatro anciãos não só canta o poder e a glória de Deus, mas também sua justiça manifestada contra as nações pagãs; o mundo rebelde se

levanta contra Yavé e contra seu Cristo, mas Yavé ri-se dessas bravatas dos pobres mortais e usando sua autoridade soberana entroniza seu filho em Sião, dando-lhe por herança os confins da terra. O *Apocalipse* também nos lembra que as nações se haviam enfurecido contra a soberania do Senhor, mas imediatamente acrescenta que chegou o tempo da ira justiceira de Deus contra ela, o momento de devolver-lhe o merecido pelas perseguições desencadeadas contra a Igreja e seus membros. Por outro lado, é também hora para que sejam julgados os mortos, que se dê a recompensa merecida aos profetas ou predicadores do Evangelho, que tanto trabalharam pela causa de Deus, que se premiem os santos que morreram por Cristo e aos que temem ao Senhor, pequenos ou grandes. Os que temem ao Senhor são os que reverenciam o seu nome e observam os seus mandamentos. Desta maneira Deus cumprirá a justiça, que lhe pediam as almas dos mártires e desfará aos que destruíram a terra santa, a sua Igreja.

O autor parece aludir aqui a uma luta travada entre a Igreja e os seus inimigos e, nos capítulos 17 e 18 descreverá o castigo da grande prostituta Roma, que corrompia a terra. Depois falará do extermínio dos gentios e de seus juizes, pré-anunciados no versículo oito do capítulo 11. Os vencedores desta luta estão divididos em três categorias: os “profetas”, que tiveram grande importância na igreja primitiva, os “santos”, aqueles que sofreram pelo nome de Jesus e “todos os que temem o nome do Senhor”. São João não alude nesta passagem ao Juízo Final. É possível que, seguindo o exemplo dos profetas, anuncie o estabelecimento do reino de Deus sobre a terra com o juízo prévio, contra aqueles que antes lhe faziam a guerra. Receberão o seu prêmio todos que, no passado, foram fiéis a Deus e defenderam sua causa, embora à custa de seu sangue. A morte de Cristo lhes abriu as portas da glória com a implantação do reino de Deus na terra e com a perspectiva do triunfo da Igreja. Os cristãos perseguidos não de regozijar-se porque a vitória já está ao alcance. A esperança do triunfo dos fiéis é corroborada pela abertura do templo de Deus que está no céu, vendo-se assim a Arca da Aliança. Daí por diante, Deus não estará mais separado do seu povo, como no *Antigo Testamento*. Todos serão admitidos ao santo dos santos do santuário celeste. Inicia-se a vida de plena intimidade dos eleitos com Deus no céu. Esta é a nova fase de triunfo inaugurada com a abertura do templo de Deus.

O vidente de Patmos contempla no céu um templo semelhante ao que havia visto em Jerusalém, com sua respectiva Arca da Aliança. Esta havia sido o símbolo, por excelência, da presença de Deus em meio de seu povo e à aliança entre Yavé e Israel. Também no *Apocalipse* a arca será o símbolo da nova aliança entre Deus e o povo de Israel, porque é a imagem do verbo de Deus, que se fez carne e habitou entre nós. Segundo a tradição judaica, a Arca da Aliança voltaria a aparecer quando se restabelecesse o reino de Deus. A arca da nova aliança será o penhor de uma mais estreita vinculação dos fiéis com Deus e da proteção divina sobre sua Igreja. Os relâmpagos, raios, tremores, granizos e vozes são como a salva com que a

natureza saúda o seu Senhor, ao aparecer sobre a terra para castigar os inimigos da sua Igreja. Os sinais que acompanham a sua aparição são semelhantes aos que estão presentes na aliança do Sinai. As perturbações atmosféricas que se dão nos momentos solenes de alguma intervenção de Deus é como se a terra fizesse eco deles. O setenário das trombetas termina com o dos selos e, assim como sucederá com o dos corpos, com um terrível fragor de relâmpagos, raios, vozes, granizos e tremores. O versículo dezenove forma como que uma transição entre a primeira seção profética do *Apocalipse* e a segunda trata de explicar de que maneira se cumpriu o que se anuncia como a consumação do mistério de Deus e a chegada de seu reino.

A interpretação feita pelos professores de Salamanca a este capítulo é digna de consideração e é válida do ângulo do cristianismo tomado coletivamente, mas não do ponto de vista individual, pela iniciação cristã. No sentido em que a salvação se processa individualmente, não coletivamente, ela não é de uma raça, de um povo eleito no Cristianismo, mas sim do homem, do indivíduo – a pessoa humana. Como o Cristianismo é uma religião da pessoa humana, a nossa interpretação deve continuar dentro do contexto já estabelecido. Analisaremos rapidamente os versículos, naturalmente mudando, não usando as palavras como elas aparecem na tradução da Bíblia, mas mais próxima a nossa interpretação.

São João recebe uma cana que é semelhante a uma vara; levanta-se e mede o templo de Deus penetrando até o altar para atingir os que o adoram, deixando fora a parte que não deve medir, a que compete aos gentios ou seja, do psiquismo inferior. A cidade santa vai ser entregue por quarenta e dois meses, ou seja, três anos e meio, metade do período da iniciação que é de sete anos em todas as ordens iniciáticas, a idade do Mestre, daquele que atingiu este grau. João diz que tem duas testemunhas. São as correntes divinas – uma positiva e outra negativa – que profetizam por 1.260 dias, durante a outra metade do período da iniciação – três anos e meio – que ao todo totalizarão os sete anos.

No 4º versículo encontramos as oliveiras, os dois candeeiros diante de Deus na terra. A oliveira é o símbolo da polaridade, que é um mistério; é o mistério da própria criação. São as coisas criadas que emanaram do Intimíssimo, que se apresentam polares, diádicas, e essa polaridade é difícil de ser estabelecida onde termina e onde começa a outra; porque ambas estão sempre presentes, simultaneamente e numa interatuação constante. O iniciado deve desenvolver esta polaridade de modo a alcançar a plenitude dos aspectos que são opostos em nós, mas que constituem a nossa própria realidade.

No 5º versículo, se alguém quiser perturbar, usar o poder da magia, ou da feitiçaria, ou da impureza para realizar o mal, sai fogo da boca das duas

testemunhas; fogo sagrado que devora os inimigos ou seja, aqueles que empregaram vilmente os poderes de que dispõem para perturbar o iniciado.

No 7º versículo está a besta, é quando eles acabaram seu testemunho e a iniciação chegou ao seu fim e o neófito, o que se inicia, se torna um verdadeiro iniciado. É quando a natureza inferior sobe do abismo, das moradas secretas de Satanás, para guerrear contra o que corresponde ao psiquismo superior e serão mortos como Cristo na cruz. No 8º versículo, seus corpos serão colocados em praças, na grande cidade, etc. que, espiritualmente, é chamada Sodoma e Egito. Cristo é o símbolo do iniciado que purificou o seu corpo físico, afastou os desejos, elevou o seu mental, uniu-se ao Intimíssimo, sofreu, passou por toda a iniciação interna, alcançou, transitou pelo cálice da dor e da amargura, mas os ultrapassou. Realizou a sua suprema iniciação até chegar a ressurreição; caminho que deve seguir todo o iniciado – os estágios da escada mística – para atingir a plenitude dos atributos.

O 9º versículo nada tem de extraordinário. O 10º, naturalmente aqueles que são amigos do inimigo secreto Satã, ficarão satisfeitos ao ver a destruição das duas testemunhas, e enviarão presentes uns aos outros, dando plenitude aos seus desejos e pensamentos desenfreados. Gozarão desta libertação dos seus instintos. Depois de três dias e meio, que é o tempo do transe da iniciação, o espírito da vida, o alento do íntimo enviado de Deus, vai despertar da morte ou do transe iniciático e outra vez se erguerá contra o inimigo interno. Temos a subida, outra vez, ao céu numa nuvem e naquela hora do triunfo dá-se um tão grande tremor de terra, o tremor da natureza inferior, que a décima parte da cidade representa essa parte dos desejos que atormentam, que obstaculizam o desenvolvimento do homem. Muitos vão cair mortos; são 7.000.

É o sete multiplicado por um número indefinido; o sete do plano inferior na interpretação aritmosófica. Depois, no 14º, no 15º, temos outra vez o toque do sétimo anjo que vai tocar a trombeta, vai vocalizar o sétimo som, a letra final da palavra divina, cujas poderosas vibrações vão provocar, vão anunciar a vinda do reino de Nosso Senhor Jesus Cristo que reinará para sempre, porque o homem, ao atingir esse último grau de iniciação, se identificará com o Intimíssimo.

Os vinte e quatro anciãos, que são aqueles que regem as faculdades do espírito, estão sentados diante de Deus nas suas cadeiras: símbolo de um assentamento, de uma segurança, de uma racionalidade e adoram o Todo Poderoso.

No 19º, encontramos o templo de Deus, que somos nós, tomados na nossa condição total de ser, de *synolon*, de ser psico-somático. A arca é aberta no céu e vista novamente nesse templo. E surgem relâmpagos que são a luz, iluminação e vozes, vibrações, estrondos, terremotos e grande quantidade de granizos, a

condenação dos pensamentos baixos e a elevação dos altos, glorificação dos altos anelos espirituais. Toda esta simbólica, usada por São João, é a das ordens iniciáticas para que se dêem as iniciações do 4º grau, durante a quarta vida, o grau do conquistador, daquele que obtendo o poder, vai-se integrando nos atributos divinos e aproximando-se cada vez mais da figura de Cristo – como paradigma – para o qual deve tender todo ser humano, porque é humano.

De agora em diante o *Apocalipse* torna-se mais complexo e alcança uma profundidade cada vez maior.

## Capítulo 12

### 1º sinal: A mulher e o dragão

1 – **Depois apareceu um grande sinal do céu.** Depois do triunfo da iniciação no céu, no mais alto do nosso pensamento. **Uma mulher vestida de sol**, ígnea, que traz a luz do *Logos*, cuja presença transforma em luz; **com a lua**, símbolo do poder passivo, **debaixo de seus pés**, e **uma coroa de 12 estrelas sobre a sua cabeça**. Pode ser interpretada como a Igreja ou como Maria Santíssima. O 12 seria o símbolo dos 12 apóstolos. Para nós significa que possui as 12 faculdades do espírito.

2 – **Estando grávida** cheia de energia e de poder, **com dores de parto**; porque o nascimento da luz é sempre doloroso no sistema iniciático; **e sofria tormentos por dar a luz**, ansiava por fazer nascer o Cristo, porque se a iniciação não gera o Cristo em nós ela então seria nula, não teria nenhum sentido. Pode, também, simbolizar a Virgem Maria, a energia criadora da natureza, a criação, a Igreja mas, no contexto da nossa interpretação estamos mais próximos ao primeiro sentido.

3 – **Foi visto outro sinal no céu: era um grande dragão vermelho.** Vermelho é o símbolo do desejo, da mente inferior, mais carnal, o instrumento de Satanás, significando a natureza inferior que o iniciado tem que vencer, na conquista em si mesmo, pois ele tem de adquirir uma pureza que possibilite a vitória. Um grande dragão é o símbolo do satânico, que se fundamenta no que há em nós de inferior, símbolo da tentação de Jesus no deserto, **que tinha sete cabeças e dez pontas**, os sete desejos, os sete vícios: o orgulho, a preguiça, a inveja, a cólera, a luxúria, a gula, a avareza. Com eles vai dominar a vida carnal a partir dos anelos e dos desejos das coisas do nosso mundo material, que penetra nos planos sutis da nossa consciência, mas para perturbá-la, para levá-la a posições que são satânicas, como as opiniões que surgem em nós movidas pela presença desses vícios. **E, nas cabeças, sete diademas** que indicariam os pontos de emanção e de poder; não se pode negar o poder extraordinário que há nestas forças vindas do nosso inferior.

4 – **A sua cauda**, a parte inferior, a que foi abandonada pelo iniciado, que se pôs atrás, da qual afasta-se a mente, **arrastou a terça parte; das estrelas do céu**; porque estas paixões dominam, pelo menos, a terça parte aqui é no sentido simbólico. Uma parte importante, mas ainda não é nem o total, nem a metade que no homem constitui a sua mente. Ela domina, vence, converte todas as nossas tendências inferiores em elementos que são essas estrelas, **e as faz cair sobre a terra**, converte em forças para dominar, para opor-se ao Cristo em nós e o dragão, então, usa dessas forças para vencer. **E o dragão parou diante da mulher**, daquela que representa a conquista. A mulher que é a luz do *Logos* significa a luz da nossa

inteligência, **que estava para dar à luz, a fim de tragar o seu filho, depois que ela tivesse dado à luz.** Esse dragão, que representa os desejos inferiores do homem e que havia arrastado a terceira parte do que podia ser pensativo, do que podia ser superior, levado pelos desejos, atira-os à terra, despertando no homem naturalmente seus desejos inferiores. Ela está para parir o ser perfeito, o Cristo em nós, por isso o dragão quer devorá-lo assim que for parido.

5 – **E deu à luz um filho varão,** que já é o símbolo de Cristo, da nossa parte viril, da nossa mente, que dominando e vencendo as paixões e realizando os atributos de Cristo, naturalmente, nos torna mais viris, mais fortes, mais poderosos, **que havia de reger todas as gentes com vara de ferro.** Esta vara de ferro é o símbolo da retidão, da firmeza sem tergiversações, sem busca a processos de condescendências fáceis, etc. **E o seu filho foi arrebatado para Deus e para o seu trono,** o que revela que não foi possível, ao dragão, alcançar, dominar aquele que consegue atingir esse ponto mais alto. Porque ele é arrebatado para Deus e para o seu trono e encontra-se, conseqüentemente, a salvo, pois quanto mais nos aproximamos de Deus, tornamo-nos mais fortes, mais poderosos e mais afastados do poder do dragão.

6 – **e a mulher fugiu para o deserto.** O deserto oferece uma série de interpretações. Dentre elas o local onde o homem não encontra nada a seu favor, um retiro onde está entregue inteiramente a si. Esta luz do *Logos* fugiu para o deserto **onde tinha um retiro que Deus lhe havia preparado para nele a sustentarem durante 1.260 dias.**

Esse 1.260 dias, como vimos na análise do versículo do capítulo anterior, são os três anos e meio da metade de uma iniciação.

7 – **Houve no céu uma grande batalha.** Na mente superior houve uma grande batalha **Miguel e seus anjos pelejavam contra o dragão.** Miguel é o anjo altíssimo que homenageia o Senhor, significa a super consciência ou a consciência divina, que despertada nos últimos períodos da iniciação, peleja contra o dragão, contra o que é inferior. Miguel e seus anjos, seus pensamentos puros e elevados, lutam contra e **o dragão com os seus anjos,** que representam os pensamentos baixos, **pelejava contra ele;**

8 – **porém estes não prevaleceram,** ou seja, os pensamento baixos não conseguiram dominar os superiores e foram derrotados, **nem o seu lugar se achou mais no céu,** porque na super consciência divina, quando o homem a alcança, ou dela se aproxima esses maus pensamentos já não podem mais prevalecer, vencer e dominar.

9 – **Foi precipitado aquele grande dragão**, aquele desejo inferior, **aquela antiga serpente**, o símbolo da serpente do Gênesis, **que se chama diabo e satanás, que seduz todo o mundo**; simbólica interpretada pelo próprio São João, assim, **foi precipitado na terra, foram precipitados com ele os seus anjos**, na terra, na parte inferior, na parte baixa do ser humano, no psiquismo inferior e os seus anjos, isto é, os pensamentos inferiores que o acompanham.

10 – **Ouvi uma grande voz no céu**, na mente superior **que dizia: agora foi estabelecida a salvação, a fortaleza e o reino do nosso Deus e o poder do seu Cristo; porque foi precipitado o acusador de nossos irmãos**, aqueles que tentavam os nossos irmãos, fazendo-os cair nas suas armadilhas. O acusador de nossos irmãos **que os acusava de dia e de noite (diante) de nosso Deus**, porque esses desejos, esses ímpetos do inferior, estavam constantemente nos acusando perante nosso Deus.

11 – **Porém eles o venceram pelo sangue do Cordeiro**. Venceram esse dragão inferior pelo sangue do cordeiro, que é o fogo criador espiritual pelo qual nos salvamos graças a Cristo **e pela palavra do seu testemunho, e desprezaram as suas vidas, até a morte**. A alma pelo extremo amor a si mesma vai aborrecer-se, de certo modo, desta vida que vivemos.

12 – **Por isso, ó céus, alegrai-vos, e vós, os que habitais nele**, aqueles que já estão nas posições superiores. **Ai da terra e do mar, porque o diabo desceu a vós cheio de uma grande ira, sabendo que lhe resta pouco tempo**.

13 – **E o dragão, depois que se viu precipitado na terra**, que se viu arrojado nessa parte inferior, **começou a perseguir a mulher que tinha dado à luz o filho varão**; esta luz do *Logos* que brilha em nós, a nossa inteligência, que havia criado em nós o Cristo, para perturbá-la, para destruí-la, para aproveitar-se dessa inteligência para destruir.

14 – **E foram dada à mulher duas asas de uma grande águia, a fim de voar para o deserto, ao lugar do seu retiro, onde é sustentada por um tempo por dois tempos e por metade de um tempo, fora da presença da serpente**. Foi dada a nossa “anima”, a luz que nos ilumina, duas asas para que pudesse voar ao deserto, onde não nasce nenhuma paixão e delas está afastada, pois é um lugar secreto. É a intimidade espiritual que o homem pode atingir, onde é mantido outra vez por um período de iniciação.

15 – **A serpente lançou da sua boca**, trata-se da mente passional, a mente inferior, a que deixa-se guiar pelas paixões, lançou de sua boca, **atrás da mulher**, da luz que está nos iluminando, **água como um rio**. Água é símbolo, nesses casos, de desejo, **para fazer que ela fosse arrebatada pela corrente**, para

apagar completamente nela, aquela luz brilhante e transformá-la no servo de suas paixões.

16 – **Porém a terra ajudou a mulher**, que pode ser interpretada como a parte física do homem, a terra do iniciando, **abriu a sua boca e engoliu o rio que o dragão tinha vomitado**. De maneira que esses ímpetos e os desejos do mundo inferior foram engolidos, dominados, vencidos, virtualizados, para não perturbarem o mundo superior do espírito.

17 – **O dragão irou-se contra a mulher**, ele é o desejo inferior; ira-se contra essa luz inefável dos iniciados **e foi fazer guerra aos outros seus filhos, que guardam os mandamentos de Deus e mantém o testemunho de Jesus**.

18 – **E deteve-se sobre a areia do mar**.

Naquela época o culto da deusa-mãe era florescente na província pró-consular da Ásia. Assim, a visão da mulher-igreja, poderia muito bem ser, uma réplica plástica da deusa cujo culto precisava ser combatido. É uma possível maneira de ser interpretada porém há uma diferença: esta mulher extraordinária, que São João nos apresenta, está gritando devido a dores do parto e com ânsias de parir (versículo 2).

Quem é ela, refulgente de glória e de esplendor? A resposta mais simples é que se trata de Maria, mãe de Jesus, que deu a luz ao Messias. Acontece que seu parto é uma parto virginal e sem dor; portanto ela não poderia estar gritando. Em segundo lugar, fala-se nos seus descendentes, os possíveis filhos que teria tido e, essa interpretação de Maria Santíssima é, a nosso ver, um pouco forçada. No entanto, muitos católicos a aceitaram. Outros vêem nela o símbolo de Israel ou a própria figura da Igreja. Temos, assim, três interpretações: Maria Santíssima, Israel e ou a Igreja. Há sólidas razões para que a tese, comumente aceita, seja a Igreja Cristã; porque é o da descrição desta mulher que surge com atributos radiantes, o que indica-lhe um caráter sobre-humano, santo, puro. Está presente também na simbólica hebraica – *Salmos, Cântico dos Cânticos, Gênesis*, etc. – e em textos sagrados de outros povos.

Ela aparece envolta pelo sol onde não há sombras, já que a luz brilha por todos os lados, como o sol do meio-dia, o sol a pino, onde há igualdade de condições. É uma figura simbólica repleta de adornos siderais, presente em divindades pagãs como Cibele, Ísis, etc. e presente em diversas passagens do *Apocalipse*. Grandes dores e sofrimentos de Israel são comparados com as dores do parto que precederiam a vinda do Messias anunciada pelos profetas. O momento era de grandes atribulações sofridas pelo povo de Deus. Nos livros apócrifos e na literatura rabínica, aparecem as dores do nascimento do Messias, que seriam tão

graves que alguns prefeririam renunciar (inclusive) aos bens messiânicos, para não experimentarem tais calamidades. Encontramos a tendência de interpretar Maria como a mãe do Messias porém, identificamo-la com a Virgem Maria, no sentido de onde nasceu Cristo. Segundo os professores de Salamanca, pode-se justificar se levarmos em conta que o sentido histórico não esgota a riqueza da Sagrada Escritura, tal como ensinam os santos padres da Igreja. No sentido literal pode-se explicar esse texto, aplicá-lo a Santíssima Virgem Maria, mãe do Messias e de todos os cristãos, seguindo à Santo Agostinho, à São Bernardo, à São Paulo que, escrevendo aos romanos, contrapõe Cristo à Adão nestes termos: a morte reinou desde Adão até Moisés.

Os defensores do sentido “Mariológico” vêm, na descendência da mulher (versículo 17) o significado da maternidade espiritual de Maria, que também engendra os que crêem em Jesus. Esta é uma das interpretações mais importantes porém, dentro da Igreja, não há uma dogmática sobre o assunto, ou seja, pode-se interpretá-la como a Igreja, porque há uma ambivalência entre elas. Se considerarmos-la como a mãe de Cristo, e sendo aqueles que se tornam cristãos – filhos de Maria – a Igreja pode (simultaneamente) ser ambivalente à ela, no sentido de ser a geradora daqueles que se iniciariam e adquiririam os atributos chamados de Cristo. Uma interpretação dentre outras, visto que o símbolo é polissignificante, mas isso exigiria a mudança de todo o contexto do *Apocalipse*. Mas, inseridos no que estamos estudando, a interpretação é a que já demos: Maria, a mulher, é a luz do *Logos*, é a iluminação do *Logos* divino em nós, a nossa mente superior quando iluminada.

As sete cabeças significam os sete vícios. As coroas que as adornam indicam o poder; já que ela – a coroa – é símbolo do poder. O dragão leva uma, porque é o príncipe deste mundo e, como tal se apresenta a Jesus no deserto para tentá-lo. As tentações de Jesus constituem o indício da luta surda e contínua que o demônio mantém contra Deus através dos séculos. A história da humanidade está semeada de fatos e acontecimentos que atestam a guerra travada, desde o princípio, entre o bem e o mal. Devemos gravar estas palavras para compreendermos os pensamentos cristãos considerados heréticos, visto eles terem sido interpretados erroneamente, talvez atendendo a outros interesses, porque não falaram que no princípio fosse um Deus e um mal formando duas entidades, mas sim só depois da criação é que ter-se-ia o combate entre o bem e o mal. O *Apocalipse* dramatiza sobremaneira esta luta entre Cristo e Satanás, que terminará com o triunfo definitivo de Cristo. O erro do maniqueísmo não está em afirmar isto, e sim de que a luta se dá entre Satanás e Deus, desde todo o sempre, como se fossem duas entidades, completamente independentes. Caímos, assim, no dualismo atribuído à Zoroastro.

Porém se estudarmos mais profundamente veremos que muitos acusados de maniqueístas defenderam essa tese: a luta entre Jesus e Satanás; que se trava em nós, entre Cristo (no caso Ele em nós) e, também, o Satã (em nós) esta luta pode terminar pela vitória final e definitiva de Cristo, mas às vezes, com a de Satã.

O dragão vem arrastando a terça parte das estrelas e, diante da mulher que estava para dar a luz, tem a intenção de devorar o recém-nascido. Interpretando esta atitude do dragão vemos que ele tenta acabar com o reino de Deus dando morte ao seu fundador, pois quem vai nascer é o Messias, o qual vem para implantar o reino de Deus neste mundo para acabar, assim, com o império do mal. A história evangélica mostra, com clareza, que o demônio – Satã – atentou, desde o princípio, contra a vida de Jesus e esforçou-se por desfazer a sua obra. Daí a série de inspirações satânicas como a de Heródes, os estratagemas para destruir Cristo, etc.

O filho que nasce da mulher é caracterizado com palavras do Salmo 2-9: “pariu um varão que há de apascentar todas as nações com vara de ferro”. Esta citação, presente num Salmo messiânico, indica que São João identifica este menino varão com o Messias ou seja, Jesus Cristo, considerado tanto em sua realidade histórica como realidade mística dentre os cristãos e, portanto, uma realidade iniciática. O Messias, segundo o *Antigo Testamento* havia de apascentar como soberano e dominador de Israel e de todas as nações, seria o lugar-tenente de Jeová que atacaria com cetro autoritário e poderoso ou seja, com extrema dureza, aos que se sublevassem contra ele. A mulher que lhe dá luz representa o povo eleito que, no meio de grandes dificuldades e crises, conseguiu dar à luz ao Messias. É esta a interpretação dos professores de Salamanca.

O dragão não pode devorar a criança recém-nascida porque ela foi arrebatada para Deus e para o seu trono, que é a ascensão de Cristo, o qual provocará a queda do dragão. Cristo sobe aos céus, reina ao lado de seu Pai pelos séculos dos séculos. Nossa interpretação é de que ele é arrebatado – este que nasce, esta criação, este iniciado – parte para o reino de Deus, porque é levado para os altos pensamentos, para a alta sabedoria.

A permanência da mulher no deserto durará 1.260 dias, ou seja, três anos e meio ou, em termos apocalípticos, meia “semana” de anos. Período que representa todo o tempo que há de durar a perseguição, seja qual for; não é o tempo da perseguição, mas sim da iniciação. É que este número é um número que advém de várias ordens iniciáticas anteriores ao Cristianismo e passou, para ele, com o mesmo sentido.

A parte que vai do versículo 7º ao 12º conta a luta de Miguel contra o dragão e a sua vitória, isto é, ele é arrojado, afastado do céu. Esta batalha é descrita como tendo tido lugar no céu: os anjos bons enfrentam-se com os espíritos réprobos

e os vencem. Como comandante do exército está Miguel que vai dar a vitória à Jesus Cristo. E na cruz, Cristo se expressa com estes termos à respeito dela: agora é o juízo deste mundo; o príncipe deste mundo que será arrojado para fora e, em outra ocasião: eu via Satanás cair do céu como um raio; a vitória e a expulsão do príncipe das trevas que ameaçava o reino de Deus. A nossa interpretação simbólica é tão clara que não há dúvida ante o contexto do *Apocalipse*; é sempre esta luta, pela qual passará o cristão com as forças do mal, satânicas, perturbadoras, e ele pode ser vitorioso desde que siga a linha iniciática, que transforme em propriedade sua os dezenove atributos de Cristo.

Este capítulo não apresenta nos comentários matéria para análise, a não ser a parte final onde está o trecho: o furor do diabo, melhor dizer Satã, (porque o termo diabo acarreta confusão) cresce com a derrota quanto mais sabe que lhe resta pouco tempo para perseguir e fazer dano à Igreja de Cristo; porque se o iniciado alcançou aquele grau só lhe resta pouco tempo para perseguir e poder lhe fazer dano. São João, sabia que o Cristianismo não poderia ter uma vitória completa (como realmente não teve). Estamos a 2.000 anos e a vitória está muito longe, mas ela pode ser completa em cada indivíduo, porque não esqueçamos de um ponto fundamental: o Cristianismo é uma religião da pessoa humana e não do homem apenas tomado no seu sentido coletivo. É o homem enquanto tomado como um ser incomunicável, com uma unicidade, que se aproxima da unidade suprema de Deus porque é feito à sua semelhança. Não é uma mera unidade; não é uma mera individualidade é, também, uma pessoa; algo incomunicável, irreduzível à qualquer outro atingindo uma unidade, uma unicidade histórica, irrepitível. Este é o sentido do Cristianismo, pois é uma religião da pessoa humana. É preciso compreender que a vitória definitiva de Cristo em nós se dá através da pessoa humana. A luta durará três anos e meio, segundo a cronologia do vidente de Patmos, (citada neste versículo) que é de mais um tempo, correspondente a um grau de iniciação.

O tempo que dispõe o dragão para fazer dano aos seguidores de Cristo é muito curto em comparação com a eternidade do triunfo de Jesus e de todos os bem-aventurados, pois a terra e o mar terão ainda que sofrer dos perseguidores de Cristo e de sua Igreja que, como instrumentos do dragão, se oporão com todas as forças a sua implantação neste mundo. O furor de Satanás alcançará todos os moradores da terra, mas de maneira diversa. Os ídólatras ficarão escravizados por ele e submetidos aos efeitos da Justiça Divina; os fiéis, ao contrário, embora em aparência vencidos, conseguirão a vitória por meio dos martírios ou pelo mérito das atribuições sofridas. Mas não é só isso o que o cristão pode realizar, mas pela construção arquitetônica do templo dentro de nós. Templo, no sentido de todos esses atributos que são de Cristo, que podem ser também da nossa pessoa e não de nosso corpo, e do modo nenhum podem ser coletivos.

O dragão perseguirá a Igreja e induzirá os homens à apostasia. Será ajudado por duas bestas: uma que virá do mar e outra da terra. Trata-se dos últimos assaltos do demônio e eles anunciam o terceiro “ai”, o qual vai estender-se pelo *Apocalipse* até a completa vitória sobre Satã (capítulo 19).

O trecho da mulher no deserto está bem adequado aos comentários dos professores de Salamanca e ao nosso. Entretanto penetraremos mais no oculto, ou pelo menos, no que se oculta aos olhos comuns. A luta está em saber se o homem deve ou não salvar a pessoa, ou ser apenas um ser coletivo, um indivíduo pertencente a uma coletividade. A luta é travada entre os que querem transformar o homem apenas num ser coletivo e aqueles que querem manter a elevação do homem através da personalidade. Estes são acusados, pelos primeiros, de individualistas, de exploradores, de perturbadores, pretendendo fazê-lo diferentes uns dos outros, já que para reinar a paz, é preciso haver o sentido coletivo, ou seja, que o homem conheça a paz dos animais de rebanho e se torne um ser de rebanho. Mas que tipo de rebanho? Em que sentido pode-se interpretar o Cristianismo? Cristo seria o “Bom Pastor” deste rebanho, daqueles que se nivelam por baixo? Ou pretende elevar as suas ovelhas para o mais alto? Os cristãos tem de escolher, pois estão ante duas possibilidades. A concepção coletivista (para nós) é a morte da personalidade humana; é a nivelação pelo tipo do “homem estandardizado”. Há os males da personalidade não há dúvida. O homem como pessoa, devido a certas exigências que vai da sua própria unicidade, pode ser um elemento pernicioso (como tem sido). A grandeza da personalidade humana quando não é assistida e não é acompanhada dos atributos cristãos, se torna prejudicial, mas quando o é se torna positiva, criadora, realizadora e o Cristianismo tem que escolher: ou ele desce para o coletivo, como uma religião da coletividade (como em geral são as outras religiões) ou é uma religião da pessoa humana. Neste caso é preciso que se erga dentro dos atributos de Cristo; trabalho desenvolvido num cristianismo iniciático; porque vai adquirindo, conquistando, passando de degrau para degrau, de grau para grau e terá que ser iniciada, após toda uma preparação. Não pode ser uma súbita transformação. Esta apenas “abre as portas” para, depois, realizar a edificação suprema. O Cristianismo tem que ser arquitetônico. Não queremos renunciar a personalidade humana, mas também não queremos que ela prossiga praticando males. Há uma terceira posição, mais justa, que é parte, porque cria os limites do coletivo e os da personalidade, já que está contida dentro dos atributos de Cristo. Encontraríamos então uma fórmula que concrecionaria a realidade humana, porque, pelo nosso temperamento, temos aspectos coletivos, tipológicos; somos semelhantes aos outros com inúmeras semelhanças que chegam a nos identificar. Mas, pelo aspecto pessoal nos tornamos únicos, a harmonia disso tudo é o ideal verdadeiramente cristão para esta vida e para a outra; porque esta preparação seria a elevação do homem, o bom emprego deste princípio espiritual edificando-nos por nós mesmos.

Prossigamos na análise dos versículos 13º ao 18º. O dragão, quando ameaça a mulher, Deus acode a esta luz do *Logos* dando-lhe duas grandes asas que, segundo os professores de Salamanca, é uma metáfora conhecida na apocalíptica judaica. Simbolizam a rapidez e o poderoso auxílio divino dado à mulher para que ela possa fugir. São os meios que lhe são dados para fugir. Quanto às asas há várias interpretações. Elas representam, dentro da luz intelectual, as duas possibilidades que o intelecto tem para erguer-se e examinar. Para nós, é a capacidade dialética de estudar as oposições, que a mente (nesse aspecto superior) pode solucionar assim como os maiores problemas da filosofia e, também, de outras ciências que lhe são subordinadas.

A fuga para o deserto é uma fato histórico. Temos muitos exemplos, pois para o deserto não só fugiu o profeta Elias, como também fugiram os macabeus, os essênios, etc. O deserto também significava uma forma de defesa e passou a ser símbolo, dum meio de retiro da defesa, porque inclusive sendo ausente da presença de tudo que possa perturbar as nossas paixões, os baixos sentimentos, as afeições, o pensamento inferior, pode passar (como passou) a ser um símbolo de retiro espiritual. São João e Cristo vão para o deserto; segundo Flávio Josefo, prática comum na iniciação das seitas judaicas.

O restante da interpretação refere-se à água que o dragão joga contra a mulher (mas ela se salva). Alguns autores consideram como provável que São João utilize elementos de um mito grego: o de Latona que, ao estar para dar à luz a Apolo foi perseguida pela serpente Piton, indo refugiar-se na ilha de Ortígia. Ali, Apolo nasce e, posteriormente, mata a serpente.

Deste ponto de vista da inspiração e da inerrância da Sagrada Escritura não há inconvenientes em se admitir que o autor da obra se tenha utilizado da lenda grega para a sua composição cenográfica modificando um pouco para aproveitar as referências simbólicas.

Adiante diz: o dragão, contudo, não se dá por vencido, ante o malogro sofrido no intento de abater a Cristo e a mulher que o havia gerado. Volve sua raiva perseguindo a descendência da mulher. As acometidas do dragão não se dirigem contra os pagãos porque já são seus, mas contra os fiéis e Jesus Cristo; contra aqueles que guardam os preceitos de Deus e se mantêm firmes na fé, dando testemunho de Jesus com sua vida e com seu sangue; próprio dos confessores da fé a quem a Igreja deu o nome de mártires do testemunho de Cristo. O martírio é a mais alta manifestação da fidelidade à Cristo e à sua mensagem da salvação.

## Capítulo 13

### **A besta, instrumento do dragão, faz-se aclamar por toda a terra**

1 – **Eu vi levantar-se do mar uma besta, que tinha sete cabeças e dez chifres, e sobre os chifres dez diademas, e sobre as suas cabeças, nomes de blasfêmia.** Esta besta é um outro animal correspondente ao dragão, do intelecto, que também surge dos planos inferiores do pensamento, porque a 1º besta foi a do mundo dos desejos. Tem sete cabeças que são os sete vícios e dez cornos. Alguns estudiosos interpretam esses dez cornos como meios de contato com o exterior, como os sentidos físicos e as cinco faculdades intelectuais e, sobre os seus chifres, seus cornos, dez diademas falsos que não representam o valor superior. Trata-se do falso orgulho e, sobre as cabeças desses sete, o nome de blasfêmia, em cada uma o nome de um vício: orgulho, preguiça, inveja, cólera, luxúria, gula e avareza.

2 – **A besta que eu vi, era semelhante a um leopardo,** tinha cores variadas, manchas, matizes de cores, o que indica a variedade de idéias, de desejos, **e os seus pés como pés de urso,** ferocidade, com suas garras muito ferozes; **a sua boca como boca de leão,** é a falsa filosofia, o falso entendimento, a falsa intuição espiritual e que parece com um leão capaz de devorar, mas não é. **O dragão deu-lhe a sua força, o seu poder,** e lhe transmitiu, ou seja, o dragão que vem do mais baixo, que representa a parte sensitiva inferior, dará os elementos para esta inteligência satânica atuar.

3 – **Vi uma das suas cabeças como ferida de morte e foi curada a sua ferida mortal e se maravilhou toda a terra e seguiu a besta.**

4 – **Adoraram o dragão, o que deu poder à besta, dizendo: Quem há semelhante à besta? E quem poderá pelejar contra ela?**

5 – **Foi dada a besta uma boca que se gloriava com insolência e pronunciava blasfêmias,** os vícios proclamados mas, também, as regras, as normas da má filosofia e da má ética, que proclama, por exemplo que os fins justificam os meios. **E foi-lhe dado poder de fazer guerra por quarenta e dois meses,** outra vez, pelo período de uma iniciação, de grau para grau.

6 – **E abriu sua boca em blasfêmias contra Deus,** negando a sua existência, afirmando que não há provas científicas da existência de Deus, **para blasfemar o seu nome, o seu tabernáculo e os que habitam no céu,** para profanar, pôr sombra sobre tudo quanto as idéias superiores iluminam.

7 – **Foi-lhe concedido que fizesse guerra aos santos**, aos pensamentos superiores; **e os vencesse. Foi-lhe dado poder sobre toda a tribo, povo, língua e nação**, sobre o intelecto, mente, para poder exercer a sua ação.

8 – **Todos os habitantes da terra a adoraram**. Estas idéias foram recebidas, adoradas, respeitadas, mas eram de origem satânica. **Aqueles cujos nomes não estão escritos no livro da vida do Cordeiro que foi imolado desde o princípio do mundo**, aqueles que não passaram pela iniciação cristã, que não alcançaram os mais altos graus deixaram-se levar por estas idéias.

9 – **Se alguém tem ouvidos ouça**. Se alguém pode compreender esta voz silente do supremo, que entenda.

10 – **Aquele que levar outros para o cativeiro, irá para o cativeiro; aquele que matar à espada, importa que seja morto pela espada. Aqui está a paciência e a fé dos santos**.

11 – **E vi outra besta, que subia da terra**, das regiões mais baixas do homem **e que tinha dois chifres semelhantes aos do um Cordeiro**. Este é o pseudo-cordeiro, que também tem um aspecto dual, binário, mas que não é o Cordeiro; **e que falava como um dragão**, porque manifestava as idéias próprias deste animal e os baixos sentimentos.

12 – **Ela exercia todo poder da primeira besta na sua presença e fez que a terra e os que a habitam adorassem a primeira besta, cuja ferida mortal tinha sido curada**.

13 – **Houve grandes prodígios de sorte que até fazia descer fogo do céu sobre a terra, à vista dos homens**. Este fogo do céu sobre a terra pode ser interpretado como idéias aparentemente superiores para iludir, para enganar o ser humano.

14 – **Seduziu os habitantes da terra com os prodígios que se lhe permitiu fazer diante da besta, dizendo aos habitantes da terra que fizessem uma imagem da besta que tinha recebido um golpe de espada e ainda estava viva**. Então é um engano, e os seus pseudo milagres são produtos da magia; todos os processos que dão esta ilusão de que eles conseguem alcançar o superior, mas que não atingem porque não são a verdadeira realização superior.

15 – **Foi-lhe concedido que comunicasse espírito à imagem da besta, de modo que falasse à imagem da besta, e fazer que fossem mortos todos aqueles que não a tivessem adorado**. A imagem da besta é o pensamento inferior que se manifesta e que dá a muitos a convicção de que estão realizando os mais altos

feitos e, para que não adorassem a imagem da besta, teriam de ser mortos, porque, na verdade, aqueles que estão manchados por todos esses processos estão afastados da sabedoria e da luz divina, portanto, do verdadeiro caminho cristão.

**16 – A todos os homens, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e escravos fará ter um sinal na sua mão direita ou nas suas testas.** Um sinal, um estigma nefasto, algo que indicará o que eles são.

**17 – E que nenhum possa comprar ou vender, senão aquele que tiver o sinal ou nome da besta ou o número do seu nome.**

**18 – Aqui há sabedoria. Quem tem inteligência, calcule o número da besta, porque é número de um homem; este número é 666.** Este é o ponto mais importante deste capítulo. É um número que passou a ser matéria de especulações, entretanto, algumas edições não estabelecem 666, mas 616. Há dúvida que o número seja realmente 666 ou 616. São João era judeu e, portanto, conhecedor da *Cabala* ou da *Cabala* judaica, onde o número 666 se reduz aos 3 seis:  $6 \ 6 \ 6 = 18$ , o arcano, que é o decesso completo do homem da matéria. É o símbolo da mente inferior totalmente materializada<sup>27</sup>.

Quanto ao capítulo 13 a Igreja se pronuncia que, a primeira besta foi o imperialismo romano, com seus meios potentes de conquista, domínio e sedução e, a segunda besta é vista como o poder do sacerdócio pagão, especialmente o da Ásia Menor, submetido servilmente aos caprichos dos imperadores romanos. Divide-se em duas: a besta do Ocidente (Roma) e a besta do Oriente (o sacerdócio pagão). Interpretamos de modo diferente: a do ocidente, como o poder quando o satanismo o alcança; aquele que, sobretudo se constrói em torno do Estado e exerce uma pressão sobre os homens; e a do oriente, a do psiquismo inferior, da mente inferior e, também, a influência dos meios materiais que vão justificar ou que vão dar elementos para uma falsa inteligência trabalhar com ela. Quanto à simbólica das cabeças da besta, que simbolizariam os sete imperadores que se sucederam no trono de Roma, não tem razão de ser, pois não está de acordo com o contexto do *Apocalipse*, porque o número sete sempre se refere às sete cabeças, que são os vícios. Os dez cornos (para eles) representam os dez reis vassalos de Roma que atuavam em íntima conexão com a nação política perseguidora contra a Igreja. A identificação desses reis e imperadores é difícil, segundo os comentaristas de Salamanca, e hipotética; porque consideram-na uma interpretação frágil. Em relação às blasfêmias consideravam que, como os imperadores romanos costumavam dar a si próprios valores superiores, chamados de *augustus, dei, dominus salvato*,

---

<sup>27</sup> Em grego esta mente inferior se chama *refren* e estas letras *refren* quando reduzidas, segundo a numerologia a um número, somam também 666, que é o símbolo do domínio completo das forças, dos ímpetos e dos desejos puramente materiais. Alguns profetas apontam que este número também aparece entre o povo judaico. Ele indica a completa entrega da mente superior à mente inferior.

*benefacto*, etc.; nomes que causavam repugnância aos judeus, monoteístas, e aos cristãos, porque era uma atribuição a seres meramente humanos, de virtudes e atributos que são propriamente divinos. Nada mais de importante a não ser, por exemplo, as características da besta. No caso, as sete cabeças são as quatro cabeças da terceira besta de Daniel, mais as três restantes feras do profeta. A besta do *Apocalipse* forma a síntese das quatro bestas de Daniel; então se formam quatro, que não queriam se referir aos sete imperadores romanos, o que torna-se evidente porque no tempo de Daniel ainda não havia os dominadores romanos.

São João tenderia, pela tradição apocalíptica do seu tempo, simbolizar, com sua primeira besta, o Império Romano. Interpretação que poderia ser aceita porque, realmente, o Império Romano seria um símbolo (também) desta besta que exerce ação tão tenebrosa sobre os iniciados.

## Capítulo 14

### 4º sinal: O cordeiro, seguido dos justos, sobre o monte de Sião.

1 – **Olhei, e eis que o Cordeiro estava em pé sobre o monte de Sião.** Cordeiro é um animal símbolo, o *Agnus Dei*”, o Cristo, o *Nous* na sua mais alta elevação. O monte de Sião quer dizer exaltação erguida até o pai. **E com ele 144.000 que tinham escritos sobre as suas testas o nome dele e o nome de seu Pai.** Trata-se de todos aqueles que já haviam conquistado a luz do Pai. A humanidade que alcançou a iluminação pelo seu filho, já tinha recebido do Espírito Santo os seus dons e adquirido os dezenove atributos de Cristo.

2 – **Ouvi uma voz do céu, a voz do Pai, como o estrondo de muitas águas e como o estrondo de um grande trovão. A voz que ouvi, era como de tocadores de cítaras, que as tocavam,** a voz de harpas, a voz harmoniosa, a voz celestial, a voz superior, que é a voz do Verbo.

3 – **Cantavam um cântico novo diante do trono,** um cântico de sons harmônicos, semelhantes à sinfonia das esferas, de que falava Pitágoras. Não propriamente uma música no sentido comum que entendemos, **diante dos quatro animais e dos anciãos,** os espíritos dos elementos e os anciãos que são as faculdades superiores do espírito. **Ninguém podia cantar este cântico senão aqueles 144.000 que foram resgatados da terra,** que foram elevados àquela posição.

4 – **Estes são os que não se contaminaram com mulheres, porque são virgens,** os que não seguiram a prostituição da inteligência, mas que atingiram a luz inefável, que deve brilhar no homem cristão. **Estes seguem o Cordeiro para onde quer que ele vá.** É lógico que o caminho que o Cordeiro segue é o caminho superior e não o dos infernos. **Estes foram resgatados dentre os homens como primícias para Deus e para o Cordeiro,** para atingir o Espírito Divino.

5 – **e na sua boca não se achou mentira, porque estão sem mácula diante do trono de Deus.**

6 – **Depois vi outro anjo voando pelo meio do céu, que tinha o Evangelho eterno, para o pregar aos que fazem assento sobre a terra, a toda a nação, tribo, língua e povo.** Voar pelo meio do céu, penetrar no mundo do espírito. O Evangelho eterno é o evangelho da sabedoria, da suprema contemplação sapiencial, a “Matese”, para pregar aos que moram na terra, em toda nação, para depois poderem pregar àqueles que não conseguiram atingir essa sapiência.

7 – **dizendo em voz alta: temei ao Senhor e dai-lhe glória, porque é chegada a hora do seu juízo. É chegado o tempo, a hora do seu juízo e adorai aquele que fez o céu, a terra, o mar e as fontes das águas, adorai o que foi o Senhor criador de todas as coisas.**

8 – **Outro anjo o seguiu, dizendo: caiu, caiu aquela grande Babilônia que deu de beber a todas as gentes do vinho da ira e da sua prostituição.** Caiu aquela Babilônia, para estes iniciados, com o seu vinho da ira, com a sua embriaguez da concupiscência e da sua prostituição intelectual.

9 – **Seguiu-se a estes, um terceiro anjo dizendo em alta voz: Se alguém adorar a besta e a sua imagem, e receber o sinal dela na sua testa ou na sua mão, se mantiver-se na natureza inferior e tomar o seu sinal, ou seja, permanecer nos fatos que pertencem ao mundo inferior.**

10 – **Também este beberá do vinho da ira de Deus, lançado puro no cálice da sua ira, e será atormentado em fogo e enxofre, diante dos santos anjos e na presença do Cordeiro.** Um dia eles saberão, terão a consciência sapiencial, mas não poderão mais viver, só poderão captar a verdade, mas aquela que traíram, a que não mais lhes pertencerá.

11 – **O fumo dos seus tormentos se levantará pelos séculos dos séculos.** O tormento, o fogo das paixões, fogo dos desejos, **sem que tenham descanso algum, nem de dia, nem de noite, os que tiverem adorado a besta e a sua imagem, e os que tiverem recebido a marca do seu nome.**

12 – **Aqui está a paciência dos santos, que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus,** os que enfrentaram a vida com os seus atrativos, seus perigos, suas ameaças, mas tiveram paciência e fé na justiça divina; estes, que guardaram os mandamentos e a fé de Jesus, estarão no céu e não nos infernos.

13 – **Então ouvi uma voz do céu que me dizia: Escreve: Bem-aventurados os mortos, que morrem no Senhor,** os que deixam esta vida para viver a vida do Senhor. **De hoje em diante diz o Espírito que descansem dos seus trabalhos, porque as suas obras os seguem,** os trabalhos de libertação que foram dolorosos nesta vida, lhes darão os bons resultados.

14 – **E tornei a olhar e eis que vi uma nuvem branca e uma pessoa sentada sobre a nuvem, o nous perfeito, que se parecia com o Filho do homem,** que era semelhante ao filho do homem, aquele que já alcançou os dezenove atributos do Cristo, **a qual tinha na sua cabeça uma coroa de ouro;** símbolo da libertação, **e na sua mão uma foice aguda,** uma segadora que vai recolher.

15 – **Outro anjo saiu no templo, gritando em alta voz para o que estava sentado sobre a nuvem: lança a tua foice e sega, porque é chegada a hora de segar, pois a seara da terra está madura.** As obras da iniciação já estão dando os seus frutos e tu poderás agora colhê-los.

16 – **Então, o que estava sentado sobre a nuvem lançou a sua foice à terra e a terra foi segada.**

17 – **Outro anjo saiu do templo que há no céu, tendo também uma aguda foice.**

18 – **Saiu do altar outro anjo, que tinha poder sobre o fogo, saiu do “Logos, do Logos superior” o anjo que tinha poderes sobre o fogo, que é um criador, e em alta voz gritou para o que tinha a foice aguda, dizendo: lança a tua foice aguda, vindima os cachos da vinha da terra, porque as suas uvas estão maduras.** Já chegaram, já chegaram aqueles que alcançaram a iluminação e que podem ser colhidos.

19 – **E lançou o anjo a sua foice aguda à terra, e vindimou a vinha da terra, e lançou a vindima no grande lagar da ira de Deus.** Esse grande lagar da ira de Deus, no mundo dos nossos desejos é o que se chama inferno, purgatório, onde as paixões humanas ainda ardem com certo furor e atormentam cruelmente, porque já não há mais o corpo físico quando se alcança este ardor; ele não atormentará aqueles que alcançaram a mente pura.

20 – **O lagar foi pisado fora da cidade, fora do corpo físico; e o sangue que saiu dali subiu até chegar aos freios dos cavalos num espaço de 1.600 estádios.** Este é um ponto importante porque “por 1.600 estádios” é uma expressão que alguns interpretam como indicando apenas uma grande extensão, para dar a idéia de um grande domínio, de um âmbito cada vez maior. Nas iniciações clássicas corresponde ao alcance do quinto grau, que é a quinta vida, em que o conquistador aparece usando vestiduras brancas e o seu nome já não será mais retirado do livro da vida.

O comentário dos professores de Salamanca representa o pensamento mais católico sobre este décimo quarto capítulo. Do versículo sexto ao décimo terceiro, que são os três anjos que anunciam a hora do juízo, temos a idéia do Evangelho eterno. Linguagem bíblica, na qual se dá a glória à Deus, quando se faz todas as suas vontade, de maneira que a vida se torne uma espécie de canto contínuo de louvor. Adiante, Babilônia é interpretada na linguagem judaica, como a Roma pagã, a inimiga, a prostituta do espírito e, assim passou para o Cristianismo, fonte de todas terríveis abominações que arrasta os povos à idolatria, provoca furor e a cólera divina. O vinho da ira que Roma deu a beber às outras nações significa a embriaguez

sensual de suas libertinagens, a prostituição espiritual e opera como narcótico sobre os habitantes de Roma que se entregam a todo tipo de desenfreios.

Santos são aqueles que guardaram os preceitos de Deus, a fé que tem por objetivo tanto Jesus Cristo, quanto o se acostumar a sofrer os padecimentos temporais para evitar os eternos.

Adiante, temos a admoestação de São João: os bem-aventurados, os que morrem no Senhor. É a segunda bem-aventurança que encontramos no *Apocalipse*, das sete bem-aventuranças que ele contém. A voz que ouve parece ser a do Espírito Santo, já que se refere a Cristo em terceira pessoa, no Senhor, e se fala especialmente no espírito que é o que manda João escrever. A voz do espírito declara bem-aventurados os que morrem em comunhão com Cristo; os que atingiram os seus atributos.

Do versículo quatorze ao vinte, sobre a colheita, Jesus tem uma coroa de ouro. É sinal de vitória, e a foice na mão, indicando-o como executor da sentença divina contra os adoradores da besta. Não há dúvida que se trata de Cristo. Seu nome não aparece, mas é semelhante a um filho de homem; esta formam porém, em São João como em Daniel (em geral nos autores apocalípticos), costuma designar Cristo ou os personagens celestes para indicar a grandeza de suas personalidades que nenhum homem é suficiente para significar. “Filho do homem” é uma expressão messiânica que está nos *Evangelhos* e no *Apocalipse*.

Cristo tem, na mão, a foice afiada com a qual vai fazer esta colheita que já está pronta, da qual nos fala o anjo. Ela simboliza o juízo e, com este mesmo sentido, surge na *Sagrada Escritura*. O ato de atirar as foices é uma dessas ações simbólicas que aparecem com frequência nos profetas. A dupla ação de atirar as foices tem uma mesma significação. A ordem dada pelo anjo que cuidava do fogo a outro anjo que atirou a foice para colher as vinhas da terra, recolhendo as uvas maduras, significa a maldade dos homens ultrapassando a medida; por isso se pode proceder o seu castigo imediatamente. O anjo colheu, com a sua podadeira, a vinha da terra e atirou as sobras no lagar do furor de Deus. A imagem da vindimia ou do lagar, onde se pisam as uvas para significar um castigo divino, já era empregada pelos profetas, pois aparece em trechos de Isaías e de inúmeros outros.

Mais adiante, falando sobre os estádios, os professores de Salamanca dizem que a cifra 1.600 estádios que significa 40 x 40, 4 indeterminadamente vezes 4 indeterminadamente, talvez seja meramente convencional sem valor aritmético, em cujo caso o nome de estádio designaria uma grande extensão. Serviria unicamente para dar uma idéia mais cabal da magnitude do desastre. A cifra é também múltipla de 4, designa as 4 partes do mundo e os 4 ventos de onde se

havia de juntar as nações pagãs para a guerra escatológica, na qual todos os povos se enfrentarão com Deus.

Este sangrento juízo contra os pagãos idólatras é o prelúdio da grande batalha, que será descrita nos capítulos seguintes, e ganha pelo Verbo. Este é um procedimento de composição literária bastante freqüente no *Apocalipse*. Costuma-se adiantar, numa visão esquemática, o conteúdo de toda uma revelação que depois se desenvolverá em cenas (mais precisas), projetando nova luz sobre os fatos descritos. O capítulo 15 tratará dos sete anjos e o seguinte, dos sete cálices.

Queremos chamar a atenção para o fato de sermos contrários ao espírito quantitativista que, infelizmente, domina o mundo moderno. O espírito da quantidade, que é um acidente necessário da matéria, é inegavelmente um sinal típico de toda descida para o que constitui o nosso mundo inferior. Toda elevação do homem se faz pela forma, a estrela de cinco pontas.

O homem só se elevou à proporção em que atingiu as formas. O conhecimento não é apenas uma conjugação de fatos, o produto de uma cultura de fichário, um relatório de acontecimentos. É a capacidade de classificar em formas de modo que permitam alcançar as leis e estas os princípios; meta da “Matese”.

A tendência atual para o quantitativo, predominante em todos os setores culturais, está levando o homem a um estado de perplexidade no qual não é mais possível conhecer coisa alguma, porque em todos os setores é imenso o cabedal de fatos, de singularidades, de conhecimentos individualizados.

Assim não há necessidade de se ler tudo quanto já se escreveu sobre o *Apocalipse* para se ter uma interpretação coerente. Estamos afastados das abordagens comuns, oferecendo uma que pode ser justificada e demonstrada, pois não eram outras as intenções do apóstolo João.

Não se pode interpretar esta obra dentro de uma faixa estreita. A que oferecemos é completa e por quê? Porque as interpretações tendendo a significar mais os fatos históricos ocorridos no tempo de São João, terminariam por tirar qualquer valor atual do texto, como indicador de uma orientação para o homem, valendo apenas para o passado; uma espécie de profecia sobre fatos já acontecidos. O *Apocalipse* é um livro atual, eternamente atual, enquanto demorar a eternidade do homem, enquanto o homem estiver neste estágio, enquanto for um ser que se ergue nessa escada mística, partindo da sua animalidade, que é fundamental, primordial para alcançar os mais altos estágios, aqueles que Cristo nos indicou e que Ele simboliza. Não nos filiamos aos que temem realizar alguma coisa, ante a quantidade de fatos e de acontecimentos e dados recolhidos. A quantidade não é o principal. Preferimos os aspectos qualitativos, porque a qualidade é sempre uma determinação

formal, portanto indicadora da forma. Não há ciência que não esteja baseada nos universais e estes são fundamentalmente formais e, nenhuma ciência poderá ser perfeita se não alcança suas causas e se não é capaz de demonstrá-las. É preciso procurar nas coisas os indícios que elas nos dão e que podem indicar o “caminho”, aproximando-nos cada vez mais do alto, do superior. A nosso ver estes são os genuínos caminhos cristãos.

## Capítulo 15

### Os sete anjos das sete pragas

1 – **Depois vi no céu outro sinal grande e admirável: sete anjos que tinham as sete últimas pragas, porque nelas é consumada a ira ou ardor de Deus.**

2 – **Vi um como mar de vidro envolto em fogo** (o éter celestial). **E os que venceram a besta e a sua imagem;** aqueles que já haviam triunfado da natureza inferior, **e o número do seu nome,** sua imagem, do seu intelecto e do número de seu nome, isto é, o que valia a impureza que estes tiveram, que antes sofreram e que **estavam sobre o mar de vidro,** mar diáfano, puro, éter luminoso, transparente, **tendo cítaras divinas.**

3 – **E cantavam o cântico do servo de Deus, Moisés,** o cântico triunfal do homem quando alcançou o estágio supremo da iniciação e Moisés é o símbolo e uma realidade desta iniciação **e o cântico do Cordeiro** que é o cântico de Cristo ressuscitado **dizendo: grandes e admiráveis são as tuas obras, ó Senhor Deus Todo-Poderoso, justos e verdadeiros são os teus caminhos, ó Rei dos séculos.**

4 – **Quem te não temerá, Senhor, e não glorificará o teu nome? Por que só tu és piedoso, em consequência de que todas as nações virão e se prostrarão na tua presença porque os teus juízos foram manifestados.**

5 – **Depois disto olhei e eis que vi que o templo do tabernáculo,** o templo, a arca, o espírito superior, **do testemunho se abriu no céu,** se abriu no céu iluminou-se, recebeu a iluminação.

6 – **E os sete anjos, que traziam as sete pragas, saíram do templo, vestidos de linho puro e branco e, cingidos pelos peitos com cintas de ouro;** todos vinham vestidos de linho puro, o éter refulgente e cingiam-lhe os peitos as bandas de ouro o que dava-lhes o caráter de valores dignos de adoração.

7 – **Então, um dos quatro animais deu aos sete anjos sete cálices de ouro,** sete recipientes **cheios da ira de Deus,** do ardor, do fogo de Deus **que vive pelos séculos dos séculos,** que vive para sempre.

8 – **O templo encheu-se de fumo pela majestade de Deus e pela sua virtude, e ninguém podia entrar no templo, enquanto não se cumprissem as sete pragas dos sete anjos.** O mesmo se deu na inauguração do templo de Salomão, onde a glória de Deus que o enchia impediu os sacerdotes de exercer suas funções. É

o que ocorre quando estamos completamente penetrados da majestade de Deus em nós. Nesse momento também não podemos cumprir certas funções oriundas da nossa vida inferior.

## Capítulo 16

### Os sete cálices

1 – **Ouvi uma grande voz**, ouvi dentro de seu íntimo, uma grande voz, **que saia do templo, a qual dizia aos sete anjos: ide e derramai sobre a terra os sete cálices da ira de Deus**, do fogo purificador de Deus.

2 – **Foi o primeiro e derramou o seu cálice sobre a terra e veio um golpe cruel e perniciosíssimo sobre os homens que tinham o sinal da besta e naqueles** que eram dominados pela mente inferior e **que adoravam a sua imagem** suas formas de pensamento, suas imagens, seus modos de ser.

3 – **O segundo anjo derramou também o seu cálice sobre o mar**, mar, mundo dos desejos, **e se tornou em sangue como de um morto e morreu no mar o ser vivo**, os desejos se tornaram em sangue e morreram o que indica os próprios desejos que foram afogados no mar da sua concupiscência.

4 – **O terceiro anjo derramou o seu cálice sobre os rios, sobre as fontes das águas**; são as diversas ramificações da vida psíquica do homem e **estas se converteram em sangue**.

5 – **Ouvi o anjo das águas que dizia: justo és, Senhor, que és e que eras, tu o santo, que isto julgaste**.

6 – **Porque eles derramaram o sangue dos santos e dos profetas, deste-lhes a beber sangue, porque assim o merecem**, porque estes desejos, estas paixões derramaram o sangue dos santos, daqueles verdadeiros guias dos homens e dos profetas, dos que tinham uma iluminação superior. Também deu a eles para beber sangue e eles terminaram atormentados pelos seus próprios erros, porque os mereceram.

7 – **Ouvi outro que dizia do altar: Certamente, Senhor, Deus Todo-Poderoso, verdadeiros e justos são os teus juízos**.

8 – **O quarto anjo derramou o seu cálice sobre o sol e foi-lhe dado o poder de afligir os homens com ardor e fogo**. O sol é símbolo também do coração humano, do plexo solar; então é dado uma intenção mental intensa para queimar nos homens, com fogo, o próprio desejo humano.

9 – **Os homens abrasaram-se com um calor devorante** pela aniquilação que a própria concupiscência leva, porque ela embota os próprios

desejos e **blasfemaram o nome de Deus, que tem poder sobre estas pragas, e não se arrependeram para lhe darem glória.**

10 – **Derramou igualmente o quinto anjo o seu cálice sobre o trono da besta e o seu reino tornou-se tenebroso, sobre o nosso psiquismo inferior, e os homens se morderam a si mesmos, nas suas angústias, nas suas dores, as línguas com a veemência da sua dor, morderam a sua própria língua com a veemência da sua dor, se auto-destróem, se auto-torturam.**

11 – **E blasfemaram o Deus do céu por causa das suas dores e das suas feridas, e não fizeram penitência das suas obras. Não corrigiram os seus trabalhos, o que fizeram, o que realizaram.**

12 – **O sexto anjo derramou o seu cálice sobre aquele grande rio Eufrates, que secou as suas águas, para que se aparelhasse caminho para os reis do Oriente.**

13 – **Vi sair da boca do dragão, da boca da besta e da boca do falso profeta, três espíritos imundos, semelhantes às rãs, isto é, da natureza passional, vil e do intelecto, também vil, saíram três espíritos imundos, as entidades criados por ele, eram semelhantes às rãs, porque este é um animal imundo.**

14 – **Que são espíritos de demônios, os que são criados pelos planos inferiores, que fazem prodígios, e que vão aos reis de toda terra a fim de os juntar para a batalha no grande dia do Deus Todo-Poderoso.** Esta batalha se dá pela reunião de todas as suas forças e de todos os poderes do mundo inferior tornadas idéias, palavras de ordem, ideologias que buscam destruir o que de grande o homem realizou.

15 – **Eis que, venho como um ladrão, secretamente, calmamente. Bem-aventurado aquele que vigia e guarda os seus vestidos, guarda o seu corpo, o seu espírito que o veste dos seus desejos, para que não ande nu e não vejam a sua vergonha.**

16 – **Ele os ajuntou num lugar que, em hebraico, se chama Armagedon, que significa aquela região de onde nascem os anelos concupiscentes, o plano inferior, o plano puramente animal.**

17 – **O sétimo anjo derramou o seu cálice pelo ar, e saiu uma grande voz do templo, da banda do trono, que dizia: está feito, está nascido Cristo, o conquistador de si mesmo, o vencedor, o paladino dos dezenove atributos.**

18 – **Logo sobrevieram relâmpagos, luzes, vozes e trovões, e houve um grande tremor de terra**, tremor do corpo físico e do corpo material, **tal e tão grande que nunca se sentiu desde que existiram homens sobre a terra**. É a mesma alegoria que encontramos quando Cristo entrega seu espírito à Deus; porque é o momento supremo da iniciação, que simboliza a purificação, a vitória final do homem, a suprema vitória sobre o inimigo, a glória final, na ressurreição. É o instante da vitória final sobre aquele que nos dominou e ameaça nos dominar.

19 – **A grande cidade foi dividida em três partes e a cidade das nações caíram**, os centros que geram as ilusões inferiores caíram e **a grande Babilônia**, símbolo do corpo com as suas fraquezas, Babilônia a grande, **veio diante de Deus, para lhe dar a beber o cálice do vinho da indignação da sua ira**, do fogo sagrado e purificador.

20 – **Todas as ilhas fugiram e os montes não foram achados**.

21 – **Caiu do céu sobre os homens uma grande chuva de pedras**, símbolo do pensamento condensado, construído e formado, **como do peso de um talento**, como lançados por uma arma poderosa. **E os homens blasfemaram de Deus, por causa da praga da pedra**, do granizo, dos pensamentos que foram lançados para castigá-los, **porque este castigo foi grande em extremo**.

Vejamos as contribuições dos professores de Salamanca. João contempla no céu sete anjos que tem sete pragas para atirá-las sobre a terra com o fim de consumir a cólera de Deus, a ira contra os moradores da terra. Sabemos que estes sete cálices, contendo estas sete pragas serão as últimas, porque vão constituir o momento da consumação dos juízos divinos contra a humanidade pecadora já anunciado nos setenários anteriores. O simbolismo das sete pragas da cólera divina contida nos seus respectivos cálices era tradicional em Israel. A idéia de praga talvez tenha sido sugerida a São João pela imagem do Mar Vermelho e de Israel, quer dizer, os triunfadores da besta são apresentados sobre um mar de vidro, misto de fogo entoando um canto de vitória; a felicidade dos bem-aventurados é apresentado de novo sobre a forma de uma liturgia que se desenvolve na presença de Deus.

Neste trecho eles estão interpretando simbolicamente, como o fazem com todo o capítulo, porque o que é notável é que, em certos momentos, oferecem uma interpretação simbólica e, noutro, uma interpretação histórica, não havendo assim uma coerência como já salientamos. E prosseguem no ato litúrgico que tem como quadro o céu, do mesmo modo que vimos no *Apocalipse* 4, 6, 7 e 9. Os reflexos do fogo que João vê produzido sobre mar de cristal devem ser causados pela glória de Deus, ou seja, pelo resplendor luminoso que se desprendia de sua pessoa. Esta luminosidade era concebida pelos israelitas como um vestido que rodeava a Divindade. O cântico do cordeiro é o Cântico de Cristo, porque Ele é o verdadeiro

herói; é o libertador, é aquele cujo sangue redentor vai redimir os homens da escravidão do demônio.

Os professores de Salamanca comentam que João, depois de contemplar os bem-aventurados entoando o cântico do cordeiro, vê como se abre o templo celestial – cena semelhante à do *Apocalipse* (versículo 11 capítulo 19), onde também aparece o templo de Deus – e a arca do testamento, o santuário que contempla o vidente de Patmos no céu é, também, designado com o nome de “tenda do testemunho”.

Os sete anjos de linho puro e brilhante tem os peitos cingidos com cinturões de ouro, como os sacerdotes, porque sua missão é sagrada, ou seja, ao castigar oferecem um sacrifício à justiça divina conspurcada. A indumentária dos anjos recorda a do ser misterioso de Ezequiel, que sai do templo para castigar Jerusalém. É possível que o autor do *Apocalipse* tenha se inspirado na cena do profeta Ezequiel<sup>28</sup>.

Neste capítulo temos os conteúdos dos cálices derramados que produzem as pragas. Se esses cálices estão cheios da ira de Deus sobre a terra, os anjos vão executando o mandamento um após outro. Estas pragas são semelhantes às do Egito; sobretudo a primeira que recorda a sexta, por ferir os magos do faraó e impediu-os de se apresentarem em público.

A primeira, como sabemos, é a que afeta os que estão marcados pela besta, os adoradores da besta e, conseqüentemente, dos seus pensamentos e das suas imagens, são aqueles que tem as imagens e os pensamentos do mundo inferior constantemente em sua mente. O segundo anjo vai derramar o cálice sobre o mar convertendo a água em sangue, mas como sangue de morte podre, quer dizer, a própria concupiscência vai ser destruída pelos seus próprios anseios, pelos seus próprios desejos, porque os excessos para atendê-la acabam embotando os próprios sentidos e os desejos humanos. Aqueles que procuram satisfazer os ímpetos do mundo inferior cada vez têm menos possibilidade de satisfação e menos ímpeto porque também vão apodrecendo, o seu sangue vai apodrecendo. O terceiro vai verter o conteúdo de seu cálice sobre os rios, sobre as fontes da terra, convertendo também em sangue, quer dizer, as partes que são doces, são como as dos rios, como as das fontes da terra onde a água é doce, diferente da salgada do mar, como é no caso do segundo cálice, que é uma repetição do outro, porque vai completar a segunda praga, quer dizer, as ramificações dos desejos também vão ser atacadas, não propriamente as ramificações, mas as fontes mais puras e mais naturais da

---

<sup>28</sup> Não há dúvida que se inspirou na literatura religiosa judaica que, então, era a que predominava (como ainda hoje) junto aos cristãos. Esta é a razão porque não se pode interpretar a simbólica cristã sem se tomar em consideração a simbólica hebraica, o que é importante salientar, pois muitos esquecem este ponto.

concupiscência também terminam por ser atacadas, também se viciam aquilo que é mais puro e mais verdadeiro em nós.

O quarto anjo derrama o seu cálice sobre o sol. A interpretação dada pelos professores de Salamanca em nada mais é aproveitada, além do que já dissemos; pois chamam a atenção pela divisão habitual do *Apocalipse* nos ternários, de dividir quatro e mais três. E aqui termina a Quarta, porque esses quatro primeiros casos vão alcançar diretamente a natureza do homem. Os três restantes já vão atuar diretamente sobre o espírito, sobre a vontade, sobre o entendimento do homem.

O quinto anjo verterá o seu cálice sobre o trono da besta, obscurecerá seu reino, que é tomado, segundo os professores de Salamanca, como Roma, o Império Romano, que também podia ser simbolizado por Babilônia e que, por sua vez, também simbolizava o corpo humano com todos os seus vícios. Roma, aqui, pode ser simbolizada com todos os vícios que já são os hábitos criados pelo homem, intensificados pela sua vontade e pelo seu próprio entendimento, como já foi por nós interpretado. Então, esses seres adoecerão de seus próprios desejos, das suas concupiscências, porque morderão a língua, vão blasfemar de Deus no céu, vão atribuir a Deus a causa das suas penas, realizarão atos de vontade e de entendimento, quer dizer, já é uma parte do espírito, já pertence aos três, é o setenário.

O sexto cálice é derramado sobre o rio Eufrates e o seca, como, uma vez, o mar Vermelho secou para dar passagem e vai secar para dar passagem aos reis do parto, o terror do Império Romano. Eles querem interpretar o *Apocalipse* como uma obra apenas de referência à época histórica em que viveu São João e marcar, assim, que o apóstolo não tivesse com ela a intenção de atravessar os séculos. Isso não tem fundamento (como já o mostramos) porque São João era um inspirado e o *Apocalipse* é uma obra inspirada religiosamente e, conseqüentemente, não poderia se cingir apenas a um sentido ligado (exclusivamente) à época em que o Eufrates iria baixar as águas para que os partos pudessem atacar o mundo romano. Vimos que com o sexto anjo, o rio Eufrates vai se secar, vai abrir o caminho para os reis do Oriente penetrarem, virem para esta região, indicando a abertura de caminhos para penetrar aqueles que lutarão contra a presença desta besta, mas o que não representa propriamente o mais elevado, porque a batalha definitiva não é dada por esses inimigos, mas por Cristo em nós.

Temos, então, o sétimo anjo que derramará o seu cálice no ar, para que todos os elementos experimentem o efeito da cólera divina, vai derramar o seu cálice já na mente superior, porque o ar sempre é o símbolo do pensamento mais alto, quer dizer, da capacidade mais alta de pensar, o mundo mental. Então, aquela voz que vem do templo, do céu, do trono é a voz do primeiro *Logos*, é a voz do Pai, que vai anunciar o que está feito, quer dizer, vai anunciar Cristo, vai anunciar a este intelecto: agora virá Cristo para salvar-vos, para tirar-vos deste estado do domínio

em que vive o entendimento superior quando sofre as influências e deixa que as do psiquismo inferior possam exercer a sua pressão sobre ele. Ou seja, estas pragas não representam pragas que sejam dadas aos homens senão como uma consequência dos erros cometidos pelos eles, isto é, são evitáveis desde que eles evitem tornarem-se dominados pelos ímpetos do psiquismo inferior.

Quanto aos fenômenos cósmicos, que surgem depois desta vitória final, já conhecemos toda a sua simbólica, que surge nesses instantes supremos. No final termina com estas palavras: na visão dos sete cálices como nos outros setenários do *Apocalipse* temos um quadro das ações de Deus contra o reino de Satã, apesar do grande aparato da força do dragão com a qual, parece indicar que poderia acabar facilmente com a igreja, ele é precisamente o símbolo destas forças primitivas desencadeadas contra o espírito humano que é, por sua vez tendente para a posição cristã. Seus esforços, assim, tornam-se vãos, interpretam que a Igreja tem a seu favor o poder divino que, na aparência, é fraca, mas que na realidade é forte; por isso os fiéis devem confiar que alcançarão a vitória definitiva. Aqui, neste caso, deve ser tomado no sentido da assembléia, de todos homens que se iniciam ao mais elevado porque estes é que são fortes, representam a força que realmente sustenta a posição cristã. As forças inferiores deixam-se facilmente dominar pela besta, caem na adoração do bezerro de ouro, como vimos na simbólica do *Êxodo*.

Dizem eles, querer averiguar o significado concreto dos diversos efeitos produzidos pelos cálices como pelas trombetas e pelos selos nem sempre nos é concedido. Talvez na mente do autor sagrado, este quadro não era mais do que uma espécie de parábola, no qual é preciso buscar só no sentido geral e não o especial de cada elemento; em todos os outros quadros semelhantes dos profetas, temos de seguir a mesma norma. Realmente, o que São João pretendia mostrar em tudo isso era que estariam ameaçado daquelas sete pragas todos os que não seguissem o caminho da iniciação cristã, que é a conquista constante, persistente, decidida dos dezenove atributos de Cristo alcançados no máximo grau de intensidade possível pelo homem.

## Capítulo 17

### Babilônia sentada sobre a besta

1 – **Depois, um dos sete anjos, que tinham os sete cálices**, de fogo sagrado **veio falar comigo dizendo: Vem cá, e eu te mostrarei a condenação da grande prostituta**, natureza física, **que está sentada sobre as grandes águas**, sobre os mundos dos desejos, o mundo de nossa vida afetiva.

2 – **Com a qual se prostituíram os reis da terra**, quer dizer, com cuja natureza física os sentidos físicos se prostituíram, **e que tem embebedado os habitantes da terra com o vinho da sua prostituição**, com as tergiversações, com as violações à lei natural e à lei divina.

3 – **E me arrebatou em espírito ao deserto**, a um lugar onde estamos isentos dos desejos, no mundo do espírito onde no qual se pode ver com nitidez as coisas. **E vi uma mulher sentada sobre uma besta**, a “anima” sobre o corpo físico, **escarlate**, de cor vermelha, símbolo da natureza inferior, do sangue, **cheia de nomes de blasfêmias, que tinha sete cabeças**, os sete vícios **e dez chifres** que podem ser interpretados de diversas maneiras como veremos adiante.

4 – **A mulher estava vestida de púrpura e de escarlate**, ocupava uma posição superior, embora fosse inferior, **adornada de ouro e de pedras preciosas e de pérolas**, de pensamentos, de idéias, mas já materializadas no corpo, já decaídas, **e tinha na mão uma taça de ouro cheia de abominação e da imundície da sua prostituição**, saturada de sensualidade, da constante repetição do vício da nossa natureza sensual.

5 – **e estava escrito, na sua testa este nome: Mistério: A grande Babilônia, a mãe das prostituições e das abominações da terra**. O Profeta não pode chamá-la de outro nome, pois o que segue é claro para quem conhece o simbolismo dos apocalípticos. Trata-se de Roma, a perseguidora dos fiéis de Cristo, interpretação que se dá ao *Apocalipse de São João*. Entretanto não é falsa, apenas indica um estágio da interpretação simbólica. Roma pode ser simbolizada por Babilônia, mas é também o símbolo da continuidade das abominações, que o ser humano pode cometer, de forma que este corpo que aparece impudico com toda esta encenação de vícios, assim não significa só Roma, mas toda e qualquer Roma, toda e qualquer Babilônia, em qualquer tempo.

6 – **Vi esta mulher embebedada do sangue dos santos e do sangue dos mártires de Jesus**, quer dizer, de ter destruído, ter morto os ensinamentos, as práticas, as doutrinas daqueles que defendem as idéias superiores, e o sangue dos

mártires de Jesus. Significa que todos aqueles que são sacrificados o são porque se colocaram no caminho da realização dos dezenove atributos, no ponto mais alto e, portanto, não podem ser entendidos, compreendidos ou tolerados. É onde a besta e a mente inferior dominam e, apoiando-se até em idéias superiores, atuam de modo a perturbar a vida humana. É lógico que tudo quanto há de superior no homem é motivo de indignação para a besta que quer se entregar aos seus desejos, aos seus anseios e não pode tolerar a superação que é própria de toda a iniciação superior. **E quando a vi, fiquei em extremo admirado.**

**7 – Então o anjo disse-me: Por que te admiras? Eu te direi o mistério da mulher e da besta que a leva, a qual tem sete cabeças e dez chifres.** Mistério da “anima” que está montada sobre a natureza do físico.

**8 – A besta que tu viste, era, e já não é, há de subir do abismo, e há de ser precipitada na perdição.** Ela vai se transformando de um estado para outro, não tem uma existência por si mesma, e no espírito; ela sobe do abismo, do interior e marcha para a perdição dos homens e de si própria. **Os habitantes da terra, cujos nomes não estão escritos no livro da vida desde o princípio do mundo, se encherão de pismo quando virem a besta que era e que já não é.**

Aqueles que não estão inscritos no livro da vida são os não-iniciados desde os primórdios do mundo físico, corpóreo, que se maravilharão vendo a besta, pois esta não tem uma existência por si mesma, embora exista atualmente, mas deixará de ser, de dominar.

**9 – E aqui há um sábio sentido. As sete cabeças são as sete colinas, sobre as quais a mulher está assentada.**

**10 – São também sete reis, dos quais cinco morreram, resta ainda um e outro ainda não veio, mas quando vier, convém que dure pouco tempo.** Alguns comentaristas interpretam estes sete reis fundando-se nestes cinco, os cinco sentidos que vão morrer, assim como o seu domínio pleno sobre nós, por exemplo, na iniciação. O sexto é o do profeta e, o sétimo, para alguns, trata-se da superconsciência do ser humano, que leva a captação, a intuição direta das verdades sem a necessidade de discurso, do raciocínio, uma espécie de “intuição sapiencial”.

**11 – A besta que era, a mente carnal que foi criada, e que já não é, que já não tem esta existência eterna de *per si*, era também a oitava, e é também uma das sete e caminha para a sua perdição,** esta besta que já não é, e era também a oitava, é a intuição. Outra vez a simbólica dos sete formando uma unidade integral. A oitava já abriria um novo ciclo, uma nova série e, também, a intuição, que pode levar o homem ao mais alto e ao mais baixo, sendo a sua perdição.

12 – **Os dez chifres que viste, são dez reis que ainda não receberam reino, mas eles receberão poder como reis, uma hora depois da besta.**

13 – **Estes tem todos o mesmo intento e darão a sua força e o seu poder à besta.**

14 – **Estes pelejarão contra o Cordeiro.** O cordeiro é o Cristo no homem. **E o Cordeiro os vencerá, porque ele é o Senhor dos Senhores e o Rei dos reis, e os que são com ele são os chamados, são os eleitos, os escolhidos e os fiéis.**

15 – **Disse-me mais o anjo: as águas que viste, onde a prostituta está sentada, onde esta natureza está sentada são os povos, as nações e as línguas.**

16 – **Os dez chifres que viste na besta, estes aborrecerão a prostituta e a reduzirão à desolação e a deixarão nua, comerão as suas carnes e queimá-la-ão no fogo,** quando conquistados por Cristo, então, ela perderá todo o seu poder, a deixarão de alma nua e comerão a sua carne, absorverão e dominarão as suas energias.

17 – **Porque Deus lhes pôs nos seus corações o executarem o seu desígnio e darem o seu reino à besta, até que se cumpram as palavras de Deus.** Há um reino desta natureza inferior, mas até cumprirem-se os ciclos da evolução iniciática.

18 – **A mulher que viste, é a grande cidade que reina sobre os reis da terra.** Trata-se da grande cidade, como era chamada Roma ou Babilônia. Contudo, pode-se fazer uma interpretação no sentido de que a alma do corpo físico é também interpretado, como uma cidadela, que tem uma defesa própria, ante o que a cerca, ante os perigos. “Ter o reino” significa ter o domínio sobre os reis da terra, sobre os sentidos.

Os comentários dos professores de Salamanca apontam, nestes últimos capítulos, a parte final do *Apocalipse*, a grande transcendência deles para os cristãos contemporâneos de São João. Interpretam como enigmas relativos à situação da época, em projeção fora dela. A nosso ver é um erro, porque podia se referir a momentos não da época romana e, daí, o seu valor: a validade não só para a época em que foi redigida, mas para outras; já que estas situações se repetem constantemente na História. Para eles o extermínio dos adversários da Igreja era a ruína de Roma, pois representam-na como a apresentada como a Igreja do Anticristo, opondo-se à Jerusalém, a cidade dos eleitos. Roma seria a grande prostituta, a antítese da nova Jerusalém: a esposa gloriosa do Cordeiro. É cidade de luxo, do poder que será destruído, enquanto a cidade santa durará para sempre. Eis a antítese colocada por

esta interpretação e válida, sem dúvida, não só dentro deste contexto histórico mas para todas as “Romas”, todas as “Babilônias” futuras. Precisamos esclarecer a linguagem usada nos livros sagrados como, no caso de: prostituição, fornicação, que, nos textos sagrados dos hebreus, não devem ser tomados num sentido específico, mas sim genérico, significando propriamente a idolatria, e nela há fornicação ou prostituição. De forma que, quando o pensamento humano tende para as hipostasias, a adorar ídolos abandonando Jeová e a concepção mais profunda da religião, como o culto idolátrico de Roma e de seus imperadores como verdadeiros deuses, era uma prostituição das idéias religiosas. Quando se lê os termos “rameira” e “prostituta” nos livros sagrados, devem-se entendê-los neste sentido; daquela que corrompe os costumes com seus ritos licenciosos e seus cultos idolátricos.

Quanto às “grandes águas” sobre as quais estava assentada Roma, os professores de Salamanca interpretam como os povos e as nações sobre as quais ela exercia sua dominação. As águas, por si só, representam uma certa instabilidade, vibração, dinamismo. Roma está assentada sobre águas, sobre uma situação instável (as nações por ela dominadas não podem considerar-se como seguras e isto a levará à queda, à ruína). Como obrigou os reis à vassalagem, a prestarem honras, arrastou as outras nações à práticas idólatras, embriagou-as com o vinho da prostituição, da fornicação; no sentido genérico empregado nos livros sagrados, vai apresentar-se como a “grande meretriz”. Não é só Roma, mas também Babilônia; enfim, todas as grandes metrópoles, as chamadas megalópolis, as “tiranópolis”, dominadoras dos povos – as “grandes meretrizes” –, embriagando os outros povos com o vinho da sua prostituição, da prostituição das idéias, levando os povos à idolatria (os falsos ídolos e não o Ser Supremo) e fazendo-os atribuir valores às coisas que não os possuem, como se observa nas ideologias modernas; o que não deixa de ser uma forma de prostituição do pensamento. O *Apocalipse de São João* é válido não só para a sua época histórica, mas encontra respaldo nas repetições que se processam no transcurso da História.

Quanto ao sangue que aparece na grande meretriz montada sobre a besta pode, também, ser interpretado como o poder supremo da “tiranópolis”. Este sangue vermelho vivo (o sangue das suas perseguições), alude à “tiranópolis” que só consegue alcançar a plenitude de seu poder por meio de um domínio violento, de modo a afastar e destruir aqueles que a ela se opõem. Este domínio é construído sobre o sangue derramado das vítimas perseguidas, na figura simbolizada com o nome de Mistério. Para São João, “Mistério” é o que se oculta ou do que não se pode falar, ou aquilo de que não se fala publicamente.

A meretriz representa Roma e as “tiranópolis” de todos os tempos. O fato da existência das sete cabeças, ou, ainda, das sete colinas ou dos dez cornos, não se refere apenas a aspectos históricos; as sete colinas ou montes sobre os quais Roma foi fundada, são o símbolo também do sete que predomina em toda a obra, no

sentido da unidade formada do quatro e do três, ou seja, da unidade constituída pela interatuação do material e pela presença da inteligência. Não é apenas fundada na materialidade, há uma inteligência servindo a esta materialidade.

João vê esta mulher embriagada com o sangue dos mártires, isto é, Roma com todas as suas riquezas, com todo o seu esplendor a ser precipitada no abismo.

## Capítulo 18

### Queda de Babilônia

1 – **Depois disto vi descer do céu outro anjo, que tinha um grande poder; a terra foi iluminada com a sua glória.**

2 – **E exclamou fortemente, dizendo: Caiu, caiu a grande Babilônia e converteu-se em habitação de demônios, retiro de todo o espírito imundo, guarida de toda ave hedionda e abominável.** Tudo quanto há de inferior, das formas de pensamento mais baixo, luxurioso e depravado, tudo isto caiu.

3 – **Porque todas as nações beberam do vinho da ira da sua prostituição e os reis da terra se corromperam com ela e os mercadores da terra se fizeram ricos com o excesso.** Aqueles que traficarem com as idéias, com a intelectualidade da terra, enganaram e vestiram-se de cordeiros quando, na verdade, eram lobos e todos eles enriqueceram.

4 – **Ouvi outra voz do céu que dizia: Sai dela, povo meu, para não serdes participante dos seus delitos e para não serdes compreendidos nas suas pragas.** Afastai-vos, elevai vosso pensamento para o Pai, para não sofrerdes as suas pragas e o castigo que sobrevirá inevitavelmente se praticares o mesmo que fazem os habitantes da Tiranópolis (Roma).

5 – **Porque os seus pecados chegaram até o céu e o Senhor se lembrou das suas iniquidades.**

6 – **Retribui-lhe como ela mesma vos tratou e pagai-lhe em dobro pelas suas obras; no cálice que ela vos deu a beber dai-lhe a beber dobrado.**

7 – **Quanto ela se tem glorificado e vivido em deleites, tanto lhe dai de tormento e pranto: porque diz no seu coração: Estou sentada como rainha, não sou viúva e não verei o pranto,** viuvez é como um estado de abandono, sentido comum no mundo oriental.

8 – **Por isso, num mesmo dia, virão as suas pragas,** as decorrências dos abusos, as enfermidade físicas e mentais, **a morte, o pranto e a fome, e será abrasada em fogo; porque é forte o Deus que a há de julgar.**

9 – **E chorarão, e ferirão os peitos sobre ela os reis da terra, que se prostituíram com ela, e viveram em deleite, quando virem o fumo do seu**

**incêndio;** quando virem que as suas paixões insatisfeitas não são mais fogo, mas apenas fumo.

10 – **Estando de longe, com medo dos tormentos dela, dirão: Ai, ai, daquela grande cidade da Babilônia, daquela cidade forte; num momento veio a tua condenação.**

11 – **Os negociantes da terra a chorarão e a lamentarão, porque ninguém comprará mais as suas mercadorias;** ninguém mais comprará as suas falsificações, a sua moeda falsa.

12 – **Mercadorias de ouro, de prata, de pedras preciosas, de pérolas, de linho finíssimo, de escarlate, de seda, de púrpura e toda a madeira odorífera e todos os móveis de marfim, todos os vasos de pedras preciosas, de cobre, de ferro e de mármore.**

13 – **Os cinamomos, os cheiros, os bálsamos, o incenso, o vinho, o azeite, a flor da farinha, o trigo, as bestas de carga, as ovelhas, os cavalos, as carroças, os escravos, e até as almas dos homens.** Ela não comprará mais nada disso. Roma comprava tudo e significava a desordem moral.

14 – **Os frutos desejados pela tua alma se retiraram de ti, e todas as coisas pingues e formosas te têm faltado e não mais se encontrarão.**

15 – **Os mercadores destas coisas, que se enriqueceram, estarão longe dela com medo dos seus tormentos, chorando, lamentando-se;**

16 – **e dirão: Ai, ai, daquela grande cidade, que estava coberta de linho finíssimo, de escarlate e de púrpura, e que se adornava de ouro, de pedras preciosas e de pérolas!** Aquela cidade escarlate de carne, de púrpura e de sangue, se adornava de ouro, rodeava o corpo com uma áurea, pedras preciosas, pensamentos.

17 - **Como num momento foram reduzidos a nada tantas riquezas;** porque de tudo isso o iniciado também se liberta, o supremo momento da sua iniciação final. **Todos os pilotos, e todos os que navegam no mar, os marinheiros, e quantos negociam sobre o mar, estiveram ao longe.**

18 – **E, vendo o lugar do seu incêndio, clamaram dizendo: Que cidade houve semelhante a esta grande cidade?**

19 – **Lançaram pó sobre as suas cabeças e fizeram alaridos chorando e lamentando-se assim: Ai, ai daquela grande cidade, na qual se enriqueceram todos os que tinham navios no mar, e numa hora foi arruinada!**

20 – **Exulta sobre ela, ó céu, o espírito superior, e vós santos apóstolos e profetas, e vós todos que estais iniciado, já do mais elevado, porque Deus julgando-a, fez-nos justiça.**

21 – **Então um anjo forte levantou uma pedra como uma grande mó de moinho e lançou-a no mar, dizendo: Com este ímpeto será precipitada aquela grande cidade de Babilônia, de sorte que ela não se achará jamais.** Ela não se achará jamais, mas somente para aqueles que atingiram a suprema iniciação, porque Babilônia continuará enquanto houver aqueles que não alcançaram a suprema iniciação.

22 – **Não se ouvirá mais em ti a voz dos tocadores de cítara, dos músicos, dos tocadores de flauta e de trombeta; não se achará mais em ti artifice algum de qualquer mister que seja, nem se tornará mais a ouvir o ruído da mó.** Tu, iniciado, não serás mais torturado por tudo isso.

23 – **Nem luzirá a luz de lâmpada, na tua razão não surgirá mais, não se ouvirá mais em ti a voz do esposo e da esposa, porque os teus mercadores eram uns príncipes da terra, porque por causa dos teus encantamentos erraram todas nações.**

24 – **Nesta cidade foi achado o sangue dos profetas e dos santos e de todos os que foram mortos sobre a terra.**

Analisando os comentários dos professores de Salamanca, observa-se que a interpretação continua presa ao momento histórico do *Apocalipse*, quando da sua redação e não da sua publicação porque, quando esta se deu, já teriam acontecido muitos fatos como a destruição de Jerusalém, por exemplo.

Esta interpretação tem o seu valor, mas não esgota todas as possibilidades simbólicas da obra, que deve ser mais ampla e independente da circunstância histórica em que vivia João. Assim interpretada, não há necessidade de examinarmos os inúmeros aspectos dos comentários, porque todos eles estão reduzidos a esta limitação. Mas alguns deles merecem a nossa atenção, como no referente à parte final, na qual aparece o de São João sobre Roma, similar ao que Jeremias tinha dito de Jerusalém, assinalando as razões que ocasionaram a ruína da grande Babilônia (Roma). Ele aponta três causas: a primeira, o abuso do poder por parte dos mercadores romanos que se converteram em magnatas e exerciam grande influência sobre as províncias do Império; a segunda, os malefícios, os sortilégios, numa palavra, a idolatria, de Roma, a qual seduziu outras nações; finalmente, a terceira, as perseguições desencadeadas contra os cristãos, tanto na própria *urbe*, como nas províncias. Mas ao sangue dos cristãos é preciso acrescentar o de muitas

outras vítimas inocentes, o que fez de Roma um monstro de crueldade, cujo regime político e social sacrificara inúmeras vidas humanas, não só de cristãos, mas de outros povos. O sangue dos degolados sobre a terra exige vingança e São João vê, na destruição de Roma, a mão da Providência Divina que vela pela justiça.

Não podemos de maneira nenhuma, ao sentir a grandeza de São João e de sua obra, limitar esta situação, este resultado, este final trágico de Roma somente a ela; porque a História nos mostra que é o final também de todas as “tiranópolis” que acabam terminando pela destruição. Estas três causas: a tirania exercida pelos magnatas da economia, a prostituição das idéias, as perseguições executadas sobre os que não comungam com esse modo de sentir, se repetem na História constantemente, de modo que o *Apocalipse* é válido não só para o contexto histórico da sua época.

No fundo o *Apocalipse de São João* é um apelo para que todos sigam o caminho de Cristo, o único capaz de evitar as “tiranópolis” e os grandes finais destrutivos e evitar que se verta mais uma vez o sangue de mártires. Neste sentido é que se deve interpretar São João, dando a ele um pensamento muito mais amplo e também de acordo com aquilo que a ciência histórica moderna atingiu. Acreditamos que São João, o vidente de Patmos, fosse um homem inspirado e que tivesse uma intuição sapiencial tão grande que pudesse ver a história neste sentido sem se restringir às circunstâncias históricas em que viveu. Esta é a nossa maneira de interpretar o *Apocalipse de São João*.

## Capítulo 19

### Os habitantes do céu dão glória a Deus

1 – **Depois disto, ouvi como voz de muitas gentes no céu, que diziam: Aleluia.** Estas vozes são aquelas que já alcançaram o grau de iniciação superior, que elevam suas vozes no céu: **Salvação, glória e poder ao nosso Deus**, daqueles que pertencem a esse renascimento espiritual.

2 – **Porque verdadeiros e justos são os seus juízos, porque condenou a grande prostituta que corrompeu a terra com a sua prostituição, e porque vingou o sangue de seus servos das mãos dela,** a inteligência decaída, inferior, que levou o homem a perder-se, desviar-se do verdadeiro caminho; e porque vingou o sangue de todos aqueles que foram por ela sacrificados, aqueles que ela destruiu.

3 – **Outra vez disseram: Aleluia! E a fumaça dela sobe pelos séculos dos séculos,** quer dizer, para sempre.

4 – **Os vinte e quatro anciãos e os quatro animais se prostraram e adoraram a Deus, que estava sentado sobre o trono e diziam: Amém! Aleluia!** Já conhecemos esta simbólica dos quatro animais e dos vinte e quatro anciãos.

5 – **Saiu do trono uma voz que dizia: Daí louvor ao nosso Deus vós todos os seus servos e quantos temeis, pequeninos e grandes.**

6 – **Ouvi uma voz como a de muita gente, e um como estrondo de muitas águas, e como o estampido de grandes trovões, que diziam – Aleluia; porque reinou o Senhor nosso Deus, onipotente.** É o pleno domínio, do Todo-Poderoso já sobre aqueles que atingiram os últimos graus de iniciação.

7 – **Alegremo-nos, exultemos e demo-lhe glória, porque são chegadas as bodas do Cordeiro e sua esposa está ataviada.** É o símbolo da boda como a unificação, da união entre o *animus* e a *anima*, entre a parte positiva e não propriamente a passiva, mas passível do nosso intelecto.

8 – **Foi-lhe dado vestir-se de finíssimo linho, resplandecente e branco. Este linho fino são as virtudes dos santos.** São João interpreta os seus símbolos como o fazemos, indicando-nos o caminho.

9 – **E o anjo disse-me: Escreve: Bem-aventurados os que foram chamados à ceia das bodas do Cordeiro! E ajuntou: Estas palavras de Deus são verdadeiras.**

10 – **Então, caí a seus pés para me prostrar diante dele.** Credo naturalmente que aquela era a voz do Intimíssimo. **E ele disse-me: Vê não faças tal; eu sou servo como tu e com teus irmãos, que têm o testemunho de Jesus,** quer dizer, ele é o meu espiritual também como o dele. **Adora a Deus. Porque o testemunho de Jesus é o espírito de profecia.**

11 – **Depois vi o céu aberto e apareceu um cavalo branco: o que estava montado em cima dele chama-se o Fiel e o Verdadeiro, que julga e que peleja justamente.** Isto é, aquele que avança para a batalha final com pleno domínio da sua personalidade.

12 – **Os seus olhos eram como uma chama de fogo, e na sua cabeça estavam postos muitos diademas e tinha um nome escrito, que ninguém conhece senão ele mesmo.**

13 – **E vestia uma roupa salpicada de sangue, o seu nome é Verbo de Deus, o *Logos* de Deus.** Este “salpicado de sangue” teve muitas interpretações, naturalmente pode ser auto-sacrifício, o auto-sacrifício de Cristo para a salvação dos outros.

14 – **Seguiam-no os exércitos que estão no céu, em cavalos brancos, vestidos de fino linho branco e puro.** Trata-se das legiões dos virtuosos.

15 – **Da sua boca saía uma espada de dois gumes, para ferir com ela as nações; ele as governará com cetro de ferro, e ele mesmo pisa o lagar do vinho do furor da ira de Deus Todo-Poderoso,** que reduzirá, machucará estas uvas e as tornará vinho.

16 – **E ele traz escrito no seu vestido e na sua coxa: Rei dos reis e Senhor dos senhores.** A colocação na coxa é discutível<sup>29</sup>.

17 – **Vi um anjo, que estava de pé no sol e clamou em voz alta, dizendo a todas as aves que voavam pelo meio do céu: Vinde e congregai-vos à grande ceia de Deus,** isto é, a reunião dos iniciados, o que está de pé no céu, simbolizado quase sempre por Miguel, é o símbolo do anjo, da entidade que reúne tudo quanto há de bom.

---

<sup>29</sup> Não é propriamente na coxa que está escrito *Reis dos Reis*. Poderia ser interpretado como o próprio falo. Entretanto a idéia de coxa aparece entre os antigos gregos indicando “algo que é de fato”. O “mito da coxa de ouro” de Apolo e Pitágoras gerou inúmeras controvérsias e foi motivo de especulação.

**18 - A fim de comerdes carne de reis, carne de tribunos, carne de poderosos, carne de cavalos e dos que neles montam, carne de todos, livres e escravos, pequeninos e grandes<sup>30</sup>.**

**19 – E vi a besta, os reis da terra, e os seus exércitos, congregados para fazerem guerra àquele que estava montado no cavalo e ao seu exército.** Então reuniram-se todas essas forças do mal para lutarem contra aquele que comanda todas as forças do bem.

**20 – A besta foi presa e com ela o falso profeta, a falsa inteligência, que tinha feito prodígios na sua presença, com as quais tinha seduzido aos que tinham recebido o caráter da besta e tinham adorado a sua imagem.** Tinham recebido a marca da besta, quer dizer, tinham aderido ao pensamento da besta. **Foram lançados vivos no tanque ardente de fogo e de enxofre,** o fogo ardente dos instintos, da nossa concupiscência desenfreada.

**21 – Os outros morreram pela espada que saía da boca do que estava montado sobre o cavalo, e todas as aves se fartaram das suas carnes.**

É o festim das aves que vão comer os restos dos males vencidos pelo iniciado, quando atinge o grau da sexta vida, que é precisamente o grau sexto da iniciação – alcançar as portas do templo de Deus – , o preparo para a última grande iniciação, ou seja, a penetração na cidade santa, que será descrita nos capítulos seguintes.

Em relação aos comentários dos professores de Salamanca, há pouco a destacar; além das passagens que corroboram com o nosso pensamento e nossa interpretação.

As bodas de Cristo, a esposa do Cordeiro, é interpretada como a Igreja, que vai vestida de linho brilhante e puro, que são as obras boas e justas dos cristãos. Se interpretamos a Igreja no sentido genuinamente cristão e superior, não só no sentido histórico, é coerente. Adiante, quando ele quer adorar e aquela voz lhe diz: “não adores, porque irás adorar alguém que é um servo como tu”. Segundo os professores de Salamanca, era muito comum entre os judeus cristãos a tendência de dar culto aos anjos, considerando-os até (segundo alguns) superiores a Cristo. São João teria, assim, pretendido se referir a esses cultos, vinculando o texto à sua época histórica.

---

<sup>30</sup> Linguagem apocalíptica típica dos judeus e não se pode interpretar ao pé da letra, pois pode significar, por exemplo, que essas carnes de reis, são as forças que exercem domínio, os desejos, as encarnações do mal, etc.

Em relação ao extermínio das bestas observamos os pseudo-profetas, os reis que o cercam, o que está bem interpretado, pois a vitória de Cristo é a vitória final; a da iniciação e do iniciado cristão. O emprego do termo *logos* usado por São João não pode, segundo os professores de Salamanca, ser confundido com as lucubrações teológico-filosóficas de Filon e do rabinismo.

Quanto à boca do cavaleiro divino, aquele que galopa à frente das hostes é uma espada aguda para ferir, a de dois gumes: símbolo do poder temporal e espiritual<sup>31</sup>.

Os três últimos capítulos são da maior importância: o vigésimo, o “Milênio”, o “Juízo Universal”; o vigésimo primeiro, a “Nova Jerusalém” e o vigésimo segundo, o “Epílogo”.

---

<sup>31</sup> Nas cerimônias religiosas da Igreja-coroação de um rei ou de um papa – é usada a espada significando o poder temporal. Quando ela é de dois gumes, uma parte pode ser dada ao rei, porque a outra pertence à Igreja. Nossa interpretação está de acordo com a tradição litúrgica e ritualística da Igreja.

## Capítulo 20

### O milênio e o Juízo Final

1 – Vi descer do céu um anjo que tinha na sua mão a chave do abismo e uma grande corrente.

2 – Prendeu o dragão, a serpente antiga, a serpente que tentou Eva, que é o demônio e Satanás, e amarrou-o por mil anos;

3 – meteu-se no abismo, fechou-o e pôs selo sobre ele, para que não seduza mais as nações, até que sejam cumpridos os mil anos. Depois disto deve ser solto por um pouco de tempo.

4 – Vi tronos e vários personagens que se sentaram sobre eles e lhes foi dado o poder de julgar; vi também as almas daqueles que foram degolados por causa do testemunho de Jesus e por causa da palavra de Deus, e aqueles que não adoraram a besta nem a sua imagem, nem receberam o seu caráter sobre a fronte ou sobre as suas mãos e viveram e reinaram com Cristo durante mil anos.

5 – Os outros mortos não tornarão à vida até se completarem os mil anos. Esta é a primeira ressurreição. O milênio não deve ser tomado em sentido de mil anos, puramente cronológico, mas como um longo período ou seja, depois do iniciado ter atingido o seu grau mais alto, perdurará senhor de sua situação por um longo tempo.

6 – Bem-aventurado e santo aquele que tem parte na primeira ressurreição; a segunda morte não tem poder sobre estes, mas serão sacerdotes de Deus e de Cristo e reinarão com ele durante mil anos.

7 – Quando se completarem os mil anos, Satanás será solto da sua prisão, sairá e seduzirá as nações que estão nos quatro ângulos da terra, Gog e Magog, e os juntará para a batalha: o seu número é como a areia do mar. Esses inimigos voltarão e serão numerosos como as areias do mar. O símbolo “Gog”, como comandante daqueles que lutam contra os eleitos ou aqueles que se iniciaram, e “Magog” pode significar a terra. Alguns interpretam “Magog” como um outro comandante, porém não há consenso.

8 – Estender-se-ão pela superfície da terra e cercarão os acampamentos dos santos e a cidade querida.

**9 – Mas descera do céu de Deus um fogo que os devorará. E o demônio, que os seduzira, será posto no tanque de fogo e de enxofre, onde também está a besta.**

**10 – Como o falso profeta serão atormentados de dia e de noite pelos séculos dos séculos.**

**11 – Depois vi um grande trono brilhante e um que estava sentado sobre ele, de cuja vista fugiram a terra e o céu e não deixaram rastros de si. Um trono brilhante e aquele que está sentado, é o que já dominou em sua vida interior, pelo alto sacrifício, atingindo a perfeição dos dezenove atributos.**

**12 – Vi os mortos, grandes e pequenos, de pé diante do trono. Foram abertos os livros, e foi aberto outro livro, que é o da vida; e foram julgados os mortos pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras.**

**13 – O mar deu os mortos que estavam nele; a morte e o inferno deram também os mortos que estavam neles e fez-se juízo de cada um segundo as suas obras.**

**14 – Depois, a morte e o inferno foram lançados no tanque de fogo, é a segunda morte, o inferno, o mundo inferior, a desintegração. Esta é a segunda morte.**

**15 –Aquele que se não achou inscrito no livro da vida, foi lançado no tanque de fogo.**

## Capítulo 21

### Visão do mundo novo, da nova Jerusalém

1 – Vi um novo céu e uma nova terra, porque o primeiro céu e a primeira terra, desapareceram, e o mar já não existia, o mundo dos desejos já não existe.

2 – Vi a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu de junto de Deus, adornada como uma esposa ataviada para o seu esposo.

3 – Ouvi uma grande voz, vinda do trono, que dizia: Eis o tabernáculo de Deus com os homens; habitará com eles, eles serão o seu povo e o mesmo Deus com eles será o seu Deus; o novo universo, o novo céu, a nova evolução.

4 – E Deus lhes enxugará todas as lágrimas de seus olhos; e não haverá mais morte, nem luto, nem clamor, nem mais dor, porque tudo isto passou.

5 – O que está sentado no trono disse: Eis que eu renovo todas as coisas. E ajuntou; Escreve, porque estas palavras são muito dignas de fé e verdadeiras.

6 – Depois disse-me: Está feito! Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim. Eu darei gratuitamente da fonte da água da vida ao que tiver sede.

7 – Aquele que vencer, possuirá estas coisas. Eu serei seu Deus e ele será meu filho.

8 – Mas, pelo que toca aos tímidos, aos incrédulos, aos execráveis, aos homicidas, aos fornicadores, aos feiticeiros, aos idólatras e a todos os mentirosos, a sua parte será no tanque ardente de fogo e de enxofre; o que é a segunda morte. Não é a morte carnal, mas a da consciência.

9 – Então, veio um dos sete anjos, que tinham as sete taças cheias das sete últimas pragas, e falou comigo, dizendo: Vem e eu te mostrarei a noiva, a esposa do Cordeiro.

10 – Transportou-me em espírito a um grande e alto monte, e mostrou-me a cidade santa, Jerusalém, que descia do céu de junto de Deus.

**11 – a qual tinha a claridade de Deus; a luz era semelhante a uma pedra preciosa, a uma pedra de jaspe, transparente como cristal.**

**12 – Tinha um muro grande e alto com doze portas, e nas portas doze anjos e uns nomes escritos, que são os nomes das doze tribos dos filhos de Israel.**

Por exemplo, Benjamim cujo signo zodiacal é Áries, a faculdade cósmica é o poder na aflição (considerado dos esotéricos em geral); Issacar, o signo é *Taurus*, o touro, a faculdade é o amor; Levi, o signo é *Geminis*, a faculdade é a associação; Zabulon, é Câncer, a faculdade é a fecundidade; Judá é *Leo*, o leão, a faculdade é a fé; Aser, o signo é *Virgo*, virgem, a faculdade é a vontade; Dan, o signo é Libra, a faculdade é o juízo; Gad, o signo é Escorpião, a faculdade é a memória; José, o signo é Sagitário, a faculdade é a simpatia; Neftali é Aquário, a faculdade é o altruísmo; Rubem é *Piscis*, a faculdade é a percepção; Simeon é Capricórnio, a faculdade é o conhecimento. Estes são os símbolos dos doze e também das doze tribos; estas faculdades (e outras) são dadas, também, aos discípulos do Cordeiro. Por exemplo: Pedro simboliza a fé; André, a fortaleza; Santiago, o acerto, o bom conselho; João, o amor; Felipe, o poder; Bartolomeu, a imaginação; Tomás, a sabedoria; Mateus, a vontade; Simão, o coranita, a ordem; Santiago, o zelo; Judas Tadeu, a eliminação e Judas Iscariote, a vida

**13 – Três destas portas estavam no oriente, e três portas ao setentrião, e três portas ao meio-dia, e três portas ao ocidente. Aos quatro pontos cardeais.**

**14 – E o muro da cidade tinha doze fundamentos, e neles os doze nomes dos doze apóstolos do Cordeiro.**

**15 – O que falava comigo tinha uma cana de ouro de medir, para medir a cidade, as suas portas e o muro.**

**16 – A cidade é quadrangular, tão comprida como larga. Mediu a cidade com a cana de ouro e achou que doze mil estádios; o seu comprimento, a sua largura e a sua altura, são iguais.**

**17 – Mediu também o seu muro que era o cento e quarenta e quatro côvados, da medida do homem, que era a do anjo.**

**18 – O muro era construído de pedra de jaspe, e a mesma cidade de ouro puro, semelhante a vidro límpido.**

**19 – Os fundamentos do muro da cidade eram ornados de toda a qualidade de pedras preciosas. O primeiro fundamento de jaspe; o segundo de safira; o terceiro de calcedônia; o quarto de esmeralda; são sempre pedras preciosas: o jaspe, por exemplo, cuja simbólica é a simpatia, a atração; a safira, símbolo da paz da alma, é a devoção. O terceiro, a calcedônia, é símbolo da superação e a esmeralda, da castidade e da clarividência.**

**20 – O quinto de sardônica; o sexto de sárdio; o sétimo de crisólito; o oitavo de berilo; o nono de topázio; o décimo de crisópraso; o undécimo de jacinto, o duodécimo de ametista. O quinto é símbolo do altruísmo; o sexto, da equidade; o sétimo, da alegria, da saúde; o oitavo, do engenho; o nono, da lógica, da profecia; o décimo, da harmonia e da concórdia; o décimo primeiro, da bondade e do bom humor e o décimo segundo é o caráter pudico<sup>32</sup>.**

**21 – As doze portas eram doze pérolas; cada porta era feita de uma pérola, e a praça da cidade era de ouro puro, como vidro transparente.**

**22 – Contudo não vi templo nela, porque o Senhor Deus onipotente com o Cordeiro é o seu templo.**

**23 – A cidade não tem necessidade de sol, nem de lua, que a iluminem, porque a claridade de Deus a ilumina, e a sua lâmpada é o Cordeiro.**

**24 – As nações caminharão à sua luz e os reis da terra lhe trarão a sua glória e a sua honra.**

**25 – As suas portas não se fecharão no fim de cada dia, porque ali não haverá noite.**

**26 – Levar-lhe-ão a glória e a honra das nações.**

**27 – Não entrará nela coisa alguma contaminada, nem quem cometa abominação ou mentira, mas somente aqueles que estão inscritos no livro da vida do Cordeiro; aqueles que atingirem, realizarem, em si, os atributos de Cristo.**

---

<sup>32</sup> Alguns tomam ao pé da letra este texto referente as pedras preciosas. Assim o céu seria feito de jaspe, sardônica, calcedônia, esmeralda, etc., o que, ao nosso ver, não é uma interpretação correta, pois elas são tomadas simbolicamente. João, como judeu, conhecia muito bem a simbólica das pedras que vinha do judaísmo e as utilizou corretamente.

## Capítulo 22

### Epílogo

1 – **Mostrou-me um rio de água da vida resplandecente como cristal, que saía do trono de Deus e do Cordeiro.**

2 – **No meio da praça da cidade, e de uma e de outro parte do rio, estava a árvore da vida, que dá doze frutos, produzindo em cada mês o seu fruto, árvore cujas folhas servem para a saúde das nações.**

3 – **Não haverá ali jamais maldição; o trono de Deus e do Cordeiro estará nela, os seus servos o servirão;**

4 – **verão a sua face e o seu nome estará sobre as suas fronte.**

5 – **Não haverá ali mais noite, nem eles terão necessidade de luz de lâmpada nem de luz de sol, porque o Senhor Deus os alumiará e reinarão pelos séculos dos séculos. Eles têm a luz intelectual, a luz da sabedoria.**

6 – **Disse-me mais: Estas palavras são muito certas e verdadeiras, e o Senhor, Deus dos espíritos dos profetas, enviou o seu anjo a mostrar aos seus servos as coisas que devem acontecer dentro de pouco tempo.**

7 – **Eis que venho a toda a pressa. Bem-aventurado aquele que guarda as palavras da profecia deste livro.**

8 – **Eu, João sou o que ouvi e o que vi estas coisas. Depois de as ter ouvido e visto, prostrei-me aos pés do anjo, que mas mostrava, para o adorar,**

9 – **porém ele disse-me: Vê, não faças tal, porque eu sou servo como tu, como teus irmãos os profetas e como aqueles que guardam as palavras da profecia deste livro. Adora a Deus. Só Deus deve ser adorado.**

10 – **E disse-me: Não seles as palavras da profecia deste livro, porque o tempo está próximo. Trata-se do tempo do iniciado.**

11 – **Aquele que prejudica, prejudique ainda; aquele que é impuro, continue na impureza; aquele que é justo, justifique-se mais; aquele que é santo, santifique-se mais. Há sempre tempo para nós santificarmo-nos e continuarmo-nos santificando.**

**12 – Eis que venho depressa, e a minha recompensa está comigo, para retribuir a cada um segundo as suas obras.**

**13 – Eu sou o Alfa e o Ômega, o primeiro e o último, o princípio e o fim. Ele é Adão e é Cristo.**

**14 – Bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestes no sangue do Cordeiro, para terem parte na árvore da vida e entrarem pelas portas da cidade.**

**15 – Ficam fora os cães, os feiticeiros, os impudicos, os homicidas, os idólatras e todos os que amam e praticam a mentira.**

**16 – Eu, Jesus, enviei o meu anjo, para vos atestar estas coisas na Igreja. Eu sou a raiz e a geração de David, a estrela resplandecente da manhã.**

**17 – O Espírito e a Esposa dizem: Vem. E o que ouve, diga: Vem. E o que tem sede, venha; e o que quer, receba de graça a água da vida. Aqui termina o último grau da iniciação, o sétimo grau.**

**18 – Eu declaro a todos os que ouvem as palavras da profecia deste livro, que, se alguém lhes fizer acréscimos, Deus o castigará com as pragas escritas neste livro.**

**19 – Se alguém tirar qualquer coisa das palavras da profecia deste livro, Deus lhe tirará a sua parte do livro da vida, da cidade santa e das coisas que estão escritas neste livro.**

**20 – O que dá testemunho destas coisas, diz: Sim, venho depressa.**

**21 – A graça do nosso Senhor Jesus Cristo seja com todos vós.  
Amém.**

Os professores de Salamanca, no capítulo 20, chamam a atenção para o fato de que Roma já havia sido destruída e queimada pela própria besta, mas o dragão ainda estava vivo: o instigador da luta contra Cristo e sua Igreja. O vidente de Patmos nos mostrará e descreverá como se dá a derrota final do dragão; interrogação restrita a um período histórico e tem, portanto, um valor bastante relativo.

João identifica o dragão encadeado com Satanás, que é o mesmo com o diabo e a serpente antiga. Esta última expressão alude ao réptil sedutor de nossos primeiros pais – introdutor da desobediência no mundo. E, com a desobediência,

inseriu o pecado e a morte como está registrado no *Livro da Sabedoria*, por inveja do diabo entrou a morte no mundo e a experimentam os que lhe pertencem. Chama-se “serpente antiga” porque já aparece nos alvares da humanidade.

Em relação a interpretação do milênio dizem os professores de Salamanca que é um período muito longo, indefinido, um lapso de tempo dentro da eternidade. O lago é um lugar de tormento, no qual os condenados vão expiar seus pecados; eles o vêem como uma prisão provisória de detidos na qual o dragão sofrerá um castigo preliminar antes da sua derrota definitiva. Contudo, não se deve tomar literalmente as palavras de um livro como o *Apocalipse*, pois ele está pleno de linguagem figurada. Não interpretamos o texto denotativamente, pois temos de compreender que toda esta batalha contra Satanás, esse “juízo final”, é puramente escatológico e não pode refletir a interpretação que, em geral, lhe é dado. Frequentemente observa-se que o autor sagrado repete as mesmas imagens e idéias. De todos os modos, sua reportação à escatologia não testamentária é bastante notável.

Na interpretação do texto, muitos autores só vêem história e muito pouco de escatologia, enquanto, para outros, é justamente o contrário. Pode-se observar histórica e escatologicamente o *Apocalipse*, pois ele tem um valor nestes dois campos. A interpretação *partim partim* é, sem dúvida, a melhor a ser adotada. Referente às pedras, já expusemos o seu significado e simbolismo, comum, aliás, entre os judeus, que passou para os outros povos e foi usado por São João; já que se adequavam perfeitamente à descrição desse céu que devia conter todas aquelas virtudes e todos os atributos, dados a elas por sua simbólica. Quanto às pedras, são conhecidas a calcedônia, que é uma pedra verde, como a esmeralda. A sardônica é uma espécie de ônix, na qual o branco se mistura ao vermelho; a cornalina possui uma cor vermelha, carnosa; o crisólito é de cor de ouro; o berilo é uma espécie de esmeralda com uma cor verde-amarelado; o topázio é de cor dourada; o crisópraso é uma espécie de ágata de cor verde; o jacinto é de cor violeta ou amarelo vermelho, ou, ainda, de cor laranja vermelho e a ametista é violeta.

Quanto ao verdadeiro cristão, João diz, no final, que ele deve trabalhar e, para santificar-se, o justo deve praticar ainda a justiça e o santo santificar-se; ou seja, não há término neste trabalho de elevação. Como dissemos, é uma obra de iniciação cristã e pode ser acompanhada de outras iniciações de outras ordens e espécies, que não são anticristãs, mas com um caráter mais específico, dentro do Cristianismo; de maneira que a iniciação cristã é aquela que qualquer pessoa pode alcançar, pode atingir em graus maiores ou menores.

Os dezenove atributos de Cristo são atributos em nós, são dons ou virtudes que adquirimos ou recebemos, de maneira que pensar-se que no Cristianismo não há uma iniciação, que o cristão se faz todo de uma vez, significa

negar, então, toda a ritualística cristã, porque nela e na liturgia temos a preparação para o batismo, sua significação e compromissos, sobretudo pelos pais, a preparação para a comunhão e para a crisma. Em suma, toda a vida cristã, é uma verdadeira iniciação de conhecimento.

O Cristianismo se caracteriza, sobretudo, por ser uma ordem iniciática de virtudes, de vitória do espírito superior sobre o espírito inferior, do que temos de mais elevado no homem, de perfectivamente de mais elevado, contra o que nos liga diretamente à animalidade. Vencê-la, mas não destruí-la totalmente, vencer de tal modo que não haja mais chance, mais oportunidade para que ela nos perturbe. Assim a luta do cristão é grande, é complexa, mas se quisermos interpretar o Cristianismo de outro modo, julgando que é apenas uma aceitação de dogmas, crer neles, freqüentar a igreja, estar sempre ao lado de todas as suas determinações, mas não viver dentro de si esta elevação e não alcançá-la, é uma deturpação do verdadeiro Cristianismo. Pode, assim, ser confundido, o que ocorre muitas vezes, vindo a ser, na maior parte dos casos, apenas hipocrisia.

## Bibliografia

Adoum, Jorge E. – *Rasgando velos o la develacion del Apocalipsis de San Juan*. Buenos Aires: Ed. Yo Soy, 1949.

Alexandre de Hales – *Summa Theologica*. Florença: Ad Claras Aquas, 1948.

*Bíblia Sagrada* – São Paulo: Paulinas, 1967.

*Bíblia Sagrada* – Tradução do Pe. Antônio Pereira de Figueiredo. São Paulo: Ed. Lidador, 1964.

Ferreira dos Santos, Mário – *A Sabedoria dos Princípios*. São Paulo: Ed. Matese, 1967.

Ferreira dos Santos, Mário – *Tratado de Simbólica*. São Paulo: Liv. e Ed. Logos Ltda., 1956.

*La Sagrada Escritura* – Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1962.

Lira, Jorge Buarque – *A Maçonaria e o Cristianismo*. São Paulo: Casa Lyra Ed., 1947.

## Notícia sobre a obra

**O Apocalipse de São João** é um livro atual, eternamente atual, que indica o caminho da iniciação cristã. Esta se dá por meio da interiorização, pela via esotérica, pela elevação da mente na procura de Cristo.

O Cristianismo se caracteriza por ser uma ordem iniciática de virtudes, do que há de mais elevado no homem.

São João usou de uma linguagem, sem dúvida, enigmática, uma das razões que levou inúmeros estudiosos a afirmar que o texto sagrado não seria do apóstolo, mas este é um aspecto secundário; apesar de ser tema de inúmeras discussões por parte de exegetas, pois o que interessa é a mensagem, a novidade que o texto traz, apesar de estranho no contexto dos livros sagrados, por permitir interpretações controversas.

O autor, através da análise hermenêutica e simbólica, reitera a validade das “visões” do profeta, desvelando a sua mensagem de uma maneira clara, límpida e cristalina.

### Notícia sobre o autor

Mário Ferreira dos Santos (1907-1968), filósofo brasileiro, autor de uma série de livros, que constituem a coleção “Enciclopédia das Ciências Filosóficas”, entre os quais *Filosofia e Cosmvisão*, *Lógica e Dialética*, *Teoria do Conhecimento*, *O Homem perante o Infinito*, *Tratado de Simbólica*, *Filosofia da Crise e Filosofia Concreta*. Nesta obra estabelece seu modo de filosofar, baseando-se em teses apoditicamente demonstradas, considerando a Filosofia uma ciência rigorosa. Para guiar, com segurança o estudioso no campo do saber, expõe sua metodologia em *Métodos Lógicos e Dialéticos*. Partindo da linha pitagórica, da escolástica e dos grandes mestres escreveu *A Sabedoria dos Princípios*, *A Sabedoria da Unidade e A Sabedoria do Ser e do Nada*, que busca a sabedoria suprema, a *Matese Megiste*, meta-linguagem do homem unindo todos os especialistas numa visão global.